

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

ELIENE MARTINS FERREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA
MANIFESTAÇÃO DOS TAMBORES MIRINS**

**RECIFE
2013**

ELIENE MARTINS FERREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA
MANIFESTAÇÃO DOS TAMBORES MIRINS**

Dissertação para defesa pública, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Sesino Douets Vasconcelos.

RECIFE
2013

Ficha catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, positioned centrally below the text 'Ficha catalográfica'. This box is intended for the user to enter or print cataloging data.

ELIENE MARTINS FERREIRA

**A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA NA
MANIFESTAÇÃO DOS TAMBORES MIRINS**

Dissertação para defesa pública, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião sob a orientação do Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos.

(Professor Orientador)

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos – UNICAP

(Professora Examinadora)

Prof. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos – UNICAP

(Professora Examinadora)

Prof. Dra. Rosalira Santos de Oliveira – FUNDAJ –Fundação Joaquim Nabuco

RECIFE
2013

RESUMO

Nossa pesquisa tem como objetivo analisar a construção de memória afro-brasileira na manifestação dos Tambores Mirins, que ocorre no Pátio do Terço, no Recife. Para desenvolver nossa investigação, utilizamos a entrevista semiestruturada com 14 (catorze) pessoas. Também partimos da observação participante do desfile e organização dos Tambores Mirins em 2011 e 2012 e de pesquisas bibliográficas. Nosso referencial teórico baseou-se principalmente nos estudos de Maurice Halbwachs que desenvolveu o conceito de memória coletiva fundamental para essa pesquisa. Esse teórico entende memória coletiva como um processo social de reconstrução do passado, vivenciado por um determinado grupo, necessitando de apoiar-se numa comunidade afetiva para ativar as lembranças, pois não lembramos sozinhos. Também foi importante o conceito de cultura de Geertz, o qual reflete a relação entre cultura e religião; e Roger Bastide, com a sociologia da religião para compreendermos como as religiões africanas reagiram às diversas transformações provocadas pela diáspora negra. A partir dos dados coletados, procedemos à análise para identificar como ocorre o processo de construção de memória afro-brasileira através das estratégias utilizadas pelas lideranças com as crianças e adolescentes. Identificamos, como parte do resultado dessa pesquisa, que as estratégias utilizadas pelas lideranças dos Tambores Mirins contribuem para a construção de memória afro-brasileira como forma de manter viva uma tradição cultural herdada dos antepassados, através da ludicidade do maracatu.

Palavras-chaves: Memória Coletiva; Memória Afro-brasileira; Religião Afro-brasileira; Maracatu.

ABSTRACT

Our research aims to analyze the construction of Afro-Brazilian memory in manifestation of Tambores Mirins which is developed in Pátio do Terço, in Recife. To develop our investigation we used a semi-structured research with 14 (fourteen) children's Maracatu leaders that participated of the event, of these, 01 (one) is from school, 04 (four) are from NGOs, 04 (four) are from Afro-Brazilian religion, and 05 (four) are from leaders who are responsible for the organization of the event. We also based our research in the participant observation of the parade, in the organization of Tambores Mirins in 2011 and 2012, and bibliographic researches. Our theoretical framework was based, mainly, on the concept of the collective memory of Maurice Halbwachs, who believes it is a social process of reconstruction of the past, experienced by a particular group, where memories have the need to be supported by an affective community, we cannot remember by ourselves. Also, the anthropological concept of Geertz was important as well, in which reflects the relationship between culture and religion, and Roger Bastide, with the sociology of religion, who help us to understand how African religions have reacted to the different transformations caused by the black diaspora. From the result of the research, we have made the analysis to identify how does the process of as the Afro-Brazilian memory occurs through strategies used by leaders with children and adolescents. We identified, with the result of our research, that the strategies used by the leaderships of Tambores Mirins contribute to the construction of Afro-Brazilian's memory to keep alive a cultural tradition, inherited by the ancestors, through the lucidity of Maracatu.

Keywords: Collective Memory, Afro-Brazilian Memory, Afro-Brazilian Religion and Maracatu.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Maracatu Nação Erê – Primeiro Maracatu Infantil de Baque Virado do Brasil. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.....	29
Figura 02 - Tambores Mirins ao apresentar-se no Pátio do Terço Foto: Eliene Ferreira em 20/02/2012.....	34
Figura 03 - Corte Real Mirim aguardando o momento da celebração no Pátio do Terço. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.....	37
Figura 04 - Momento da celebração dos Tambores Mirins – Yalorixá Maria Helena Sampaio Solicitando Paz, Saúde, e Proteção para as crianças e Axé a todo o público presente. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.....	38
Figura 05 - Maracatu Infantil apresentando-se no Pátio do Terço – Foto Eliene Ferreira.....	40
Figura 06 - Grupo de Percussionistas de Maracatu Infantil no Pátio do Terço – Foto Eliene Ferreira - em 20/02/2012.....	46
Figura 07 - Dama do Paço Mirim exibindo sua calunga no Pátio do Terço. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.....	53
Figura 08 - Centro Cultural <i>Daruê Malungo</i> – Orixás de Ligação – <i>Orixalá, Xangô e Oxum</i>	57
Figura 09 - Festa ritualística de iniciação de Natália, Rainha do Maracatu Infantil Vuginhos e herdeira do Barracão Abassá Axé Oya Balé – Foto de Eliene Ferreira em 18/03/2012.....	94

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 ORIGEM, HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DOS TAMBORES MIRINS NO PÁTIO DO TERÇO	13
1.1 A história e o surgimento da Noite dos Tambores Silenciosos no Pátio do Terço.....	13
1.2 História e desenvolvimento dos Tambores Mirins	27
1.3 Apresentação dos Tambores Mirins no Pátio do Terço.....	36
2 OS TAMBORES MIRINS: O DILEMA ENTRE CULTURA E RELIGIÃO.....	39
2.1 O objetivo dos Tambores Mirins a partir do olhar dos envolvidos na manifestação	39
2.2 A relação dos maracatus infantis com a religião afro-brasileira	50
2.3 O sagrado na rua: a experiência religiosa dos Tambores Mirins.....	60
3 EM BUSCA DE CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA: TENSÕES E PERSPECTIVAS.....	73
3.1 Os Tambores Mirins e as construções de memória religiosa afro-brasileira.....	73
3.2 A importância dos Tambores Mirins na construção de memória religiosa afro-brasileira	82
3.3 Os Tambores Mirins e as estratégias de construção de memória de uma manifestação afro-brasileira: tensões entre discurso e prática.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	111

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem como objetivo analisar a construção da memória afro-brasileira na manifestação dos Tambores Mirins, um grupo de maracatus de baque virado, composto por crianças e adolescentes que se apresentam na segunda-feira de carnaval, no Pátio do Terço, no Recife.

No primeiro capítulo, descreveremos sobre a origem, a história e o desenvolvimento dos Tambores Mirins no Pátio do Terço; no segundo, faremos uma reflexão sobre o dilema entre cultura e religião presente no discurso dos entrevistados; no terceiro, e último capítulo, analisaremos as tensões e perspectivas dos grupos de maracatus em torno da construção de memória afro-brasileira.

Entendemos a cultura como um produto da ação humana, a qual, através de uma rede complexa de relacionamentos sociais, origina condicionantes pelos quais constroem seus valores morais, éticos e religiosos (GEERTZ, 1989).

A cultura humana tem sempre presente, em sua estrutura simbólica de pensamento, elementos que possibilitam a relação do homem com o transcendente, ou seja, há sempre o registro dos mitos e crenças, interferindo na forma como age e pensa o homem, o que o torna um ser religioso, “[...] Toda religião se compõe da tradição de gestos estereotipados e de imagens mentais, ritos e mitos respectivamente” (BASTIDE, 1971. p. 333).

As religiões afro-brasileiras, a qual se refere o nosso estudo, é resultado do contato de várias religiões, em especial, do cristianismo. Os negros escravizados, ao chegarem ao Brasil para atender a demanda da mão de obra escrava, eram catequizados e batizados pela Igreja Católica, que impunha sua crença, acreditando que através dessa prática os negros e negras desprezariam as únicas coisas que lhes restavam, que eram sua cultura e suas tradições religiosas, ou seja, seus valores míticos simbólicos, que são constituintes de suas superestruturas e representações coletivas, onde estão impressos seus pensamentos relacionados aos mitos e deuses. Segundo Bastide: “[...] O mito retrata os acontecimentos de um passado misterioso, representa a estrutura de uma determinada sociedade, reflete a organização das linhagens, a formação da autoridade, as regras da vida comunitária” (Ibid., p. 335).

No entanto, os negros conseguiram ressignificar suas práticas religiosas, enfrentando diversas situações, frutos dos preconceitos atribuídos à sua religião, como feitiçaria, práticas

demoníacas e outras. Sem contar com a perseguição policial autorizada pelo Estado, fazendo apreensão dos seus objetos litúrgicos utilizados nos rituais do culto de candomblé.

Diante de todas essas adversidades, os negros conseguiram estabelecer estratégias coletivas e, segundo Bastide (Ibid., p. 85) procuraram nichos para reorganizarem-se diante do novo contexto social em que se encontravam. Para Vasconcelos (2004, p. 302), a religião afro-brasileira tem sua origem no interior das confrarias, instituição criada pela Igreja Católica para controlar e catequizar os negros escravizados. De acordo com o autor, as confrarias serviram como “[...] polos de reinvidicação social, preservação e resistência cultural e reelaboração religiosa” (Ibid., p. 303). E, conseqüentemente, onde os valores míticos simbólicos foram assimilados.

Para reorganizarem-se religiosamente, os negros, de maneira estratégica, utilizaram diversos mecanismos e situações como: festas, danças nos engenhos em dias santos, feriados e domingo, e também das festas promovidas pela Igreja católica. O que para o escravocrata representava apenas diversão, para os negros era o momento de cultuar suas divindades ancestrais.

Pernambuco destaca-se por sua variedade de manifestações culturais e religiosas, portanto, a experiência, que fora nosso objeto de estudo, está ligado ao candomblé. Para compreender o contexto no qual nossas pesquisas estão inseridas, bem como os fatores que influenciaram a origem, a história e o desenvolvimento dos Tambores Mirins, utilizamos a entrevista semiestruturada com 14 (catorze) pessoas. Sendo 05 (cinco) organizadores do evento e 09 (nove) líderes de maracatus infantis (dos doze maracatus que participaram do evento), além das observações diretas no evento da festa dos Tambores Mirins nos anos de 2011 e 2012. Com relação aos organizadores do evento, queremos ressaltar que apenas 01 (um) ainda permanece no Núcleo da Cultura Afro-brasileira, os outros, por motivos desconhecidos por nós, não integram a equipe gestora do órgão ao qual nos referimos anteriormente, porém, participaram da origem dos Tambores Mirins. Do total das pessoas entrevistadas, 09 (nove) se declararam adeptos do candomblé, os outros 06 (seis) afirmaram não ter relação com essa religião.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora em locais acordados com os entrevistados, para facilitar a realização das mesmas. Como forma de preservar a identidade dos nossos entrevistados, nesse trabalho, utilizamos nomes fictícios, conforme apêndice B. Ressaltando que, de 12 (doze) questões formuladas e realizadas com os entrevistados,

selecionamos 07 (sete) para fazer parte do rol da síntese, por considerarmos que estas estavam diretamente vinculadas à nossa investigação.

A descrição da experiência dos Tambores Mirins foi baseada no depoimento dos entrevistados e de pesquisa bibliográfica, buscando compreender como as lideranças vêm, ao longo de anos, contribuindo com a construção de memória afro-brasileira, e como o candomblé, uma religião de matriz africana, consegue sobreviver através da resistência pelo imaginário, pois segundo Lody:

A instituição do candomblé, centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal e não-verbal, o lúdico e tudo, enfim, que o espaço de defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano (LODY, 1987, p. 10).

Para analisar a construção de memória afro-brasileira na experiência dos Tambores Mirins, utilizamos o conceito de memória coletiva de Halbwachs que afirma:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Acreditamos que a experiência vivenciada pelas crianças em uma cerimônia de reverência aos orixás, através dos Tambores Mirins, busca preparar essas meninas e meninos para o processo de construção de memória, vivenciando e experimentando coletivamente, pois é “da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica” (HALBWACHS, 1990, p. 63). É o fazer e viver a experiência no grupo que nos permitirá observar como os marcos coletivos da memória dos antepassados estão influenciando as novas gerações.

O conceito de Memória Coletiva nos faz refletir como o processo de construção do passado ocorre por influência do grupo, ou seja, como a participação de uma comunidade afetiva contribui como suporte, pois “[...] é no interior dessas sociedades, que se desenvolvem tantas memórias coletivas originais [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 79). Entende-se que é nesse momento que se operacionaliza, através da comunicação e do entrelaçamento de pensamento, o enriquecimento de “bens alheios” que se enraízam, contribuindo para construção e reconstrução de memórias, pois, segundo Halbwachs (1990, p.86), “[...] toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo [...]”. No nosso caso, aqui se tratam de crianças que através da participação nos grupos estão sendo preparadas para os Tambores Silenciosos. Segundo Silva (2009, p. 7) os marcos sociais da memória dividem-se em dois: marcos temporais e espaciais. Os primeiros são considerados os eventos que mais influenciam a sociedade como: um batizado, uma festa, etc., situações que possibilitam a reconstrução de lembranças. Já os marcos espaciais são responsáveis por manter “a memória viva por mais tempo, pois são caracterizados pela lembrança ou reconstrução a partir de lugares; um edifício ou um lugar específico” (Ibid., p. 7). Esse pensamento vem contribuir com a nossa reflexão e discussão teórica.

A fim de compreender como as religiões africanas reagiram às diversas transformações, nos basearemos nos estudos da sociologia de Roger Bastide, que desenvolveu pesquisas sobre as religiões afro-brasileiras. Este, por sua vez, coloca que, embora o tráfico negreiro tenha violado os valores fundamentais dos negros, estes não se conformaram com a situação que lhes fora imposta, e afirma que: “[...] O negro não podia se defender materialmente contra um regime onde todos os direitos pertenciam aos brancos; refugiou-se, pois nos valores místicos, os únicos que não lhe podiam ser arrebatados” (BASTIDE, 1971, p. 96).

Sobre a dimensão cultural da religião, nos fundamentaremos na tese antropológica de Geertz (1989), refletindo sobre a relação entre cultura e religião, uma vez que encontramos no depoimento de alguns dos nossos entrevistados uma tensão que nos levou a fazer a seguinte indagação: O que a cultura afro-brasileira desenvolvida através do espetáculo dos grupos de maracatus tem a ver com religião? Segundo Geertz,

[...] cultura denota uma padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989. p. 103).

Para o autor, a religião é um sistema de símbolos que se concretiza através do ritual, a visão de mundo e o *ethos* de um povo. O autor considera a religião como uma teia de significados que fazem parte dos símbolos e estes se apresentam em forma de objetos, atos, acontecimentos, que servem como veículo a uma concepção que é o significado do símbolo. Os símbolos sagrados canalizam nossos valores, visão de mundo, a forma como expressamos as emoções, disposições, sentimentos, paixões e outros.

Com o resultado do nosso trabalho, temos a intenção de contribuir com as Ciências da Religião, no sentido de ampliar o conhecimento relacionado à cultura afro-brasileira, e compreender como as religiões afro-brasileiras, com seu histórico de luta e resistência em construir e ressignificar uma cultura ancestral, ainda encontram mecanismos para construir memória e identidade com as crianças, através da cultura popular articulada pelos agentes sociais de grupos e movimentos através do viés político-pedagógico e social.

Queremos também contribuir com os grupos e movimentos envolvidos com a cultura negra, com registros de uma experiência cultural e religiosa que ganhou visibilidade, uma vez que material escrito é escasso, o que dificulta para quem deseja informações sobre os Tambores Mirins.

1 ORIGEM, HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DOS TAMBORES MIRINS NO PÁTIO DO TERÇO

1.1 A história e o surgimento da Noite dos Tambores Silenciosos no Pátio do Terço.

Segundo Bastide (1971, p. 55), “o africano teve que adaptar-se a uma sociedade diferente da sua, que lhe foi imposta pelo branco, e foi a essa civilização que ele teve que se adaptar a fim de incorporá-la numa outra estrutura social”. Observa-se que, apesar do terror causado pelo tráfico, com a destruição de seus laços fraternos, conseguiram trazer consigo os seus valores culturais, e, através dos espaços de socialização, que embora frequentados de forma limitada devido à proibição por parte do branco, apropriaram-se destes para construir identidade, conceber vida digna e lutar por liberdade. De acordo com Ribeiro (1995):

Tal como ocorreu aos brancos, vindos mais tarde a integrar-se na etnia brasileira, os negros, encontrando já constituída aquela protocélula luso-tupi, tiveram de nela aprender a viver, plantando e cozinhando os alimentos da terra, chamando as coisas e os espíritos pelos nomes tupis incorporados ao português, fumando cigarros de tabaco e bebendo cauim (RIBEIRO, 1995, p. 114).

Os negros, ao chegarem ao Brasil para serem comercializados, eram separados das suas famílias, o comprador levava em consideração “o estado de saúde ou força física de seus futuros escravos” (BASTIDE, 1971, p. 66). Houve uma interferência nos laços afetivos e étnicos dessas pessoas e, com isso, as suas identidades culturais seriam perdidas se junto não tivessem chegado “sacerdotes, adivinhos, médico-feiticeiros, o que fez com que houvesse durante todo o período escravista um rejuvenescimento dos valores religiosos exatamente quando esses valores tendiam a enfraquecer-se” (BASTIDE, 1971, p. 69).

Diante dessas circunstâncias, observa-se que o único interesse do branco pelo negro, era obter sua mão de obra escrava, e com isso privava-os de praticarem sua religião, bem como qualquer forma de divertimento. Porém, com o passar do tempo os senhores começaram a permitir que participassem de eventos festivos, nos feriados, dias santos e tarde de domingo, “a moda de sua nação”, pois haviam percebido que quando se divertiam mesmo de forma esporádica, os escravos trabalhavam melhor, e economicamente para o explorador era interessante, quanto mais trabalho maior lucratividade.

Segundo Bastide (1971, p. 72), como forma de “renovar o seu investimento humano sem perda de capital”, as danças que os negros praticavam eram permitidas pelo branco, sendo elas, aos olhos dos portugueses, de caráter erótico, pois, para eles, excitavam sexualmente os negros para a reprodução, dentre essas danças estão o samba, coco, batuque, jongo e lundu.

A Igreja Católica compactuava com a escravidão servindo como sustentação ideológica, e utilizava a mão de obra escrava para realizar os seus serviços e a cristianização dos negros, e assim como interferiram na mitologia indígena, também faziam com a mitologia africana, com a demonização de Exu¹. Para Bastide,

A igreja que defendera com tanta energia a causa dos ameríndios contra os colonos [...] ela mesma lucrou com isso. A propriedade de Santa Cruz que pertencia aos Jesuítas compreendia, em 1768, 1205 escravos; o Convento do Desterro na Bahia tinha 100 escravos para 74 freiras (BASTIDE, 1971. p. 77).

Com a criação de Confrarias² dos negros ou mulatos, que seguiam o mesmo estilo das Confrarias dos brancos, passaram a instituir reis e rainhas negras sob a proteção das Irmandades, para controlar a vida dos escravos. Conforme Bastide, a igreja “adulterou as religiões africanas”, e de forma inconsciente contribuiu para que os cultos sobrevivessem, pois “a confraria não era evidentemente o candomblé, mas constituía uma forma de solidariedade racial que podia servir-lhe de núcleo e continuar o candomblé com o cair da noite” (Ibid.,).

Ainda sobre esse aspecto, Bastide acredita que as Confrarias serviram como “nichos”. Os negros aproveitaram-se destas para reconstituir os laços familiares que foram destruídos pela escravidão, bem como fazer com que sua religião sobrevivesse, “pela vontade dos negros, ou mais exatamente, pela pressão das representações coletivas sobre os indivíduos membros desses agrupamentos” (Ibid., p. 225). Os valores foram conservados porque novos quadros sociais surgiram e “reafirmavam suas origens, construía novas identidades, a partir

¹ Exu - “é uma figura quase que onipresente no sistema religioso do Candomblé e a figura mais importante para o sistema [...] A ele foi confiada a tarefa de ser o ministro, ou melhor, o mensageiro dos Orixás. [...] Exu é o transportador do Axé e a esta função se deve o fato de ser ele uma figura central do Candomblé (BERKENBROCK. 2007, p. 230-231).

² CONFRARIA – “Para melhor integrar os escravos africanos na religião católica e talvez para combater as divindades de seus países de origem, a Igreja e, sobretudo as ordens religiosas começam a pregar e a difundir a devoção aos santos de cor e a arrolar os escravos negros em confrarias especialmente a eles destinados. Elas foram um disfarce, possibilitando aos negros conservar algumas de suas tradições e costumes, mesclados a praticas católicas de onde resultaram as festas do reisado” (CINTRA, 1985.p.109).

da bagagem cultural que traziam e das possibilidades que lhes eram dadas pela sociedade escravista” (SOUZA, 2002, p. 180).

É interessante notar que embora chegassem ao Brasil para desenvolver trabalho escravo, é visível a sua insistência em desenvolver formas diferenciadas e criativas de resistência ao opressor, procuravam manter-se fiel às suas tradições culturais e religiosas, dando novas significações à sua identidade. Sobre esse aspecto, podemos citar o maracatu, que possui presença marcante no Recife. Segundo Silva (2008, p. 22), essa manifestação remonta o período da “colonização portuguesa na África e as primeiras irmandades religiosas católicas com o intuito de catequese”. Atualmente existem dois tipos de maracatu: O Maracatu Rural ou Baque Solto³ e o maracatu Nação ou Baque Virado⁴, ressaltando que, o que antes era visto apenas como sinônimo de “ajuntamento” de negros, que costumavam apresentar-se às festas de Nossa Senhora do Rosário, hoje são considerados personagens principais em festas como o carnaval e conseguem também inserir-se em contextos internacionais.

Embora os Maracatus Nação, configurem-se atualmente como uma manifestação cultural de grande visibilidade no Recife, na década de 1930 com o Estado Novo; a realidade enfrentada por estes, era bem diferente. Para conquistar espaço e tradição, travaram uma luta constante, sendo algo muito desafiador para os negros. Pois suas práticas religiosas contrariavam os dogmas da igreja oficial da época que era a igreja católica. Portanto, sendo suas práticas consideradas inferiores, em detrimento de outra que hegemonicamente mandava e desmandava juntamente com os governantes que estavam no poder, acusavam os adeptos do candomblé de praticarem charlatanismo, bruxaria, e estabelecerem pacto com o diabo e/outras.

Enfim, era preciso criatividade e ousadia por parte dos negros, pois a prática dos cultos de religiosidade afros era proibida; porém, os negros as realizavam de forma camuflada, como retrata Eudes⁵, para Catarina, sobre a orientação que recebera de dona Santa⁶ para criar a troça

³ Maracatu Rural ou Baque Solto - “São uma espécie de fusão de elementos dos vários folguedos populares, [...] diferencia-se do maracatu nação, pela ausência do rei e da rainha” RIBEIRO, apud PRAZERES (2006, p. 01). Conhecido também como maracatu rural e de orquestra, há presença de instrumentos de sopro e do caboclo de lança.

⁴ Maracatu Nação ou Baque Virado – “É constituído de uma corte real da qual fazem parte rei, rainha, príncipes, e a presença de figuras emblemáticas como a dama do paço, que carrega a boneca (calunga), o pálio que protege rei e rainha e o estandarte. Este cortejo é acompanhado por um conjunto musical composto de afayas, caixas de guerra e tarol, gonguê e mineiro” (GUILLEN, 2006, p. 183).

⁵ EUDES “[...] atuou como rei, babalorixá e diretor do Porto Rico do Oriente de 1967 até 1978 [...] (REAL, 2001, p. 132)”.

Rei dos Ciganos: “[...] A senhora sabe que foram doze anos de perseguição pela polícia aos cultos africanos e espíritas. Mesmo com os ‘negros da costa’ no Pátio do Terço era ‘disfarçada’ a religião católica. Era preciso despistar a polícia para praticar seita naquele tempo” (REAL, 2001, p. 22).

A preocupação de Katarina Real, ao desenvolver sua pesquisa sobre o carnaval no Recife, no período entre 1960 a 1966, girava em torno do futuro dos maracatus, pois alguns haviam desaparecido. E, esta percebia que cresciam no Recife as escolas de Samba, uma manifestação vinda do Rio de Janeiro, que para ela ameaçava ofuscar o brilho das manifestações em Pernambuco. Diante de tal situação, Katarina juntou-se a Eudes para transformar a troça Rei dos Ciganos, no que ela denominou de “maracatu-nação legítimo” (Ibid., p. 19).

Embora os brincantes dessas manifestações tentassem ao máximo, como bem dizem eles, “camuflar”, para não serem descobertos pela polícia, nem sempre conseguiram escapar, como afirma Katarina Real:

A implantação da Ditadura do Estado Novo estabeleceu, em 1937, uma rigorosa repressão policial ao chamado ‘baixo espiritismo’ e, de modo particular, às seitas africanas. Os ‘terreiros de xangô’, a exemplo do que ocorreu com as lojas maçônicas, foram cercados, invadidos e saqueados, altas horas da noite, por grupos policiais truculentos, e os objetos de culto, que não possuíam valor venal, destruídos ou quando nada, entulhados no ‘tintureiro’(carro transporte da polícia) e levados para o prédio do Brasil Novo, antigo Senado do Estado, em meio à zombaria e galhofas (Ibid., p. 32).

Campos ao desenvolver estudos sobre as estratégias de perseguição às religiões Pernambuco nos anos trinta e quarenta cita que o Governador Agamenon Magalhães, através de suas práticas centralizadoras, abusivas e autoritárias criava leis e normas para reprimir qualquer tipo de manifestação que estivesse fora do controle do Estado. Nesse contexto, a sociedade vivia num clima de insegurança, terror e violência. Para garantir que a lei fosse cumprida, se valiam das mais arbitrarias atitudes de desrespeito, promovendo exonerações e aposentadorias forçadas, como forma de combater o que eles consideravam “anarquia” e “imoralidade” (Cf. CAMPOS, 2001).

⁶ Ibid., p. 130. “[...] a famosa rainha do Maracatu-nação Elefante”. [...] foi uma mulher extraordinária, inteligente, bonita, dotada de imponentes poderes de liderança, tendo sido por isto, queridíssima pela população recifense [...].

Percebe-se que, mesmo diante de tantas injustiças e perseguições, os adeptos das religiões afro-brasileiras não abandonaram suas práticas religiosas, pelo contrário, fortaleceram-se, ressignificando e reconstruindo sua memória coletiva, como coloca Halbwachs.

Poucas são as sociedades nas quais tenhamos vivido, seja em que tempo for que não subsistam, ou que pelos menos não tenham deixado algum traço de si mesmos nos grupos mais recentes onde estamos mergulhados: a subsistência desses traços basta para explicar a permanência e a continuidade do próprio tempo nesta sociedade antiga, e que nos seja possível, a qualquer momento, nela penetrar através do pensamento (HALBWACHS, 1990, p. 127).

Atualmente, na capital pernambucana, a participação dos maracatus é bastante valorizada pelas instituições responsáveis em realizar os eventos culturais. Tal fato pode ser observado na relevância que esses grupos têm em fazer parte da abertura do carnaval recifense, como no caso especial da Noite dos Tambores Silenciosos. Um evento que acontece na Segunda-Feira de Carnaval, no Pátio do Terço, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço, no Polo Afro Luiz de França. Que segundo Lélis:

O Largo na frente da Igreja do Terço, no Bairro de São José, é cenário ideal para a cerimônia que acontece às segundas-feiras de carnaval, no Recife. Pátio de Sinhá, Iaiá, Badia e tia Bernardina, todas descendentes das tradicionais casas Nagô de Pernambuco; pátio que serviu aos trabalhos de drenagem dos terrenos alagados, no tempo dos holandeses, e ficou conhecido depois como a ‘estrada da cidade’ para quem viesse do lado do continente; local onde os negros ficavam, quando vinham de fora (...) e onde muitos foram morrendo (RAMINHO DE OXÓSSI, apud LÉLIS, [s.d], sem paginação).

O Pátio do Terço, localizado no Bairro de São José, um dos mais antigos do Recife, local onde hoje é realizado o evento da Noite dos Tambores Silenciosos, está situado em frente a casa onde moravam as tias do terço⁷, é considerado por Brandão e Motta(2002), como sendo um dos bairros onde estavam localizadas as primeiras casas de santo, que se tem conhecimento através de histórias contadas pelas pessoas mais velhas. Ainda sobre o local, os autores afirmam que “[...] pode-se supor que a Casa das Tias, ou a Casa do Pátio do Terço [...] correspondesse ao modelo mais antigo, para não dizer arcaico, do xangô de Pernambuco” (BRANDÃO; MOTTA, 2002, p. 63).

⁷ Tias do Terço: “A primeira das Tias conhecidas foi Eugênia Duarte Rodrigues, casada com Joaquim Duarte Rodrigues [...] O casal teve duas filhas. A mais velha chamava-se Vivina Rodrigues Braga, sendo mais conhecida por Sinhá. Era filha de Xangô. Nasceu em 1867 e morreu em 1966. A segunda chamava-se Emília Duarte Rodrigues, sendo mais conhecida por Yayá. Era filha de Oxum, nascida em 1870 e morta em 1968. Badia [...] era Maria de Lourdes da Silva, nasceu em 1915. Casada sem filhos, costureira” (BRANDÃO; MOTTA, 2002, p. 62 - 63).

As Tias do terço faziam parte da Irmandade de São Bartolomeu, que segundo Brandão e Motta (2002), as reuniões dessa “famosa e misteriosa sociedade” eram realizadas periodicamente na Casa de Badia. Os autores fazem as seguintes afirmações acerca dessa sociedade:

De modo que dependendo de como o associado (e eventualmente o pesquisador) deseja interpretar sua prática ou os seus dados, trata-se de uma confraria da Igreja Católica (e Badia era, na prática e na teoria, sócia de mais de uma irmandade canonicamente erecta da Arquidiocese de Olinda e Recife) ou de um grupo de filhos de santo, clientes e simpatizantes do xangô, ou de uma associação de luciferianos. Ou melhor, dito, trata-se ao mesmo tempo de todas essas coisas ou não se trata de nenhuma [...] (Ibid., p. 75).

Do evento Noite dos Tambores Silenciosos, participam os maracatus tradicionais que possuem relação com o candomblé. Sobre a origem desse evento um Babalorixá que participa desde suas origens, concedeu entrevista a Silva Junior (2009, p. 20) e afirma que:

aquilo ali começou... Eu fui criado por duas velhas que moravam ali no Pátio do Terço e elas, quando eu era pequeno, eu via elas fazerem os Tambores Silenciosos. Elas desciam, saiam da casa delas, juntavam três, quatro, cinco velhas e faziam aquilo. Era um negócio pequeno. Elas faziam aquela louvação e faziam aquele, como é que chama? Aquela oração aos antepassados [...] Era Na, Iaiá, Tia Eugênia, Dudu, Baitó, Gininha,... tinha umas dez velhas. Porque ali quando eu era pequeno, ali não tinha comércio não, só morava africano. [...] Eu vi aquilo, comecei a ver acompanhando aquilo ali com eles, eu era pequeno, pela mão elas me levavam. Depois começou, foi aumentando, foi aumentando e a uns vinte, vinte e cinco anos a trinta sou eu quem faço. Porque ali foi passado de família a família [...] Ali era o lugar onde os vapores ficavam e os negros vinham pra li. Ali eles eram vendidos, ali eram... eram... ficavam ali, naquele Pátio, os portugueses olhando eles, via..., se via..., se os dentes eram bons, se ele já era forte pra comprar, pra ser empregado, [...] Era ali onde eles morriam, ali onde eles chegavam, ficando sofrendo, ali eles morriam, acontecia a morte deles ali, é por isso que se faz ali. Agora o maracatu se começa de... das sedes pra lá se reúnem, porque como maracatu é festa de negro, ai vai pra li festejar as..., as..., fazer aquela cerimônia. Inclusive aquele ali..., é aquele pessoal que faz não tem mas nem nada com o assunto, porque não tem mais africano ali, eles fazem só pros antepassados.[...] Paulo Viana aumentou a história. Porque quando eu era menino Paulo Viana também, acho que era garoto ou nem era nascido, porque eu não sei com quantos anos ele morreu. Era um grupo só de africanos que fazia aquilo. Agora Paulo Viana aumentou, porque quando chega a parte do jornal, ai a coisa aumenta né? Ele. Aumentou. Porque aquilo ali eu lembro, elas, elas desciam, saiam, me lembro que naquela época só morava africano, elas saiam com aquela turma todinha, aquelas velhinhas ai cantavam:

‘Banzo è, banzo à
Kerè nu panzuelè
Kerè no seduwà’.

Um depoente que faz parte dos Maracatus que participam da Noite dos Tambores Silenciosos e foi entrevistado por Silva Junior (2009, p. 21), que diz:

A Noite dos Tambores Silenciosos pra gente que faz maracatu de baque virado é o ponto culminante do carnaval para os maracatus [...] ela foi feita com a finalidade de...é..., louvamos nossos ancestrais [...] Então acho que na época que foi feita..., era feita é..., era feita só para aqueles maracatus mesmo, de nação, de tradição fosse fazer aquilo na frente da Igreja, que era feita em frente a Igreja do Rosário dos Homens Pretos, mas acho que ali não tem espaço, então passou a ser ali, porque ali residia Badia, que era da religião, viveu toda a vida dela ali, então a..., era..., aquilo ali foi feito com essa finalidade e os grupos levam o principal que são as calungas, serem levadas pra li porque elas representam nossos ancestrais, e dali era oficializada aquela cerimônia, onde se cantava, invocavam os eguns⁸ na língua yorubá [...] A finalidade era totalmente isso, um ato religioso, aonde se era feita a oficialização daquela cerimônia para os nossos ancestrais.

Apesar de o depoente declarar que a finalidade da Noite dos Tambores Silenciosos, inicialmente, era “louvar os ancestrais”, denota insegurança por não ter certeza em alguns momentos sobre o que está falando, demonstra que a história dos Tambores Silenciosos ainda está em fase de consolidação entre os afrodescendentes. Porém, ao final, afirma categoricamente que a cerimônia seria para reverenciar os ancestrais, gerando certa desconfiança com relação à veracidade da narrativa. Outro fato que chama atenção é o favorecimento, para participar na manifestação, apenas de maracatu nação, excluindo os que eles consideram como ilegítimos, que são os maracatus de brancos. Identifica como categoria nativa os “maracatus nação de tradição”, ou seja, como sendo os que realmente possuem o perfil africano, que são “genuinamente pernambucanos”, pela concepção dos indivíduos que tentam “purificar” o maracatu nação.

Porém, não podemos deixar de mencionar que os depoimentos citados acima também nos levam a acreditar que a cosmovisão dessas pessoas está impregnada de representações que sobreviveram. Agregando valores que servem como sustentação para que sejam reelaborados e transmitidos paulatinamente contribuindo para a construção de identidade cultural de um povo. Embora que inicialmente isso tenha ocorrido de forma bem tímida, por envolver poucas pessoas. Mas, souberam utilizar a sutileza, a sabedoria, perspicácia e estratégias significativas de construção de identidades e memórias. Geertz corrobora com esse pensamento quando diz que:

⁸ Egum “morto; ancestral; pessoa que atingiu o status de pertencer ao elenco das divindades cultuadas” (LODY, 1987, p. 79).

ele denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 103).

Tudo leva a crer que, de alguma forma, o local, onde hoje é palco de realização de uma cerimônia que ganha cada vez mais proporção, marcou as principais protagonistas da Noite dos Tambores Silenciosos, diante do contexto histórico e social do qual estavam inseridas. E através de elementos ali presentes, foram construindo suas representações, de forma que mantivessem unidos o seu povo e a cultura que ainda sobrevivia, e fosse capaz de ressignificar e repassar as futuras gerações.

Segundo Silva Junior (2009, p. 19), “A Noite dos Tambores Silenciosos trata-se de uma referência religiosa e cultural para todos nós e, ao mesmo tempo, uma incógnita diante do mistério religioso que a envolve”. Durante a cerimônia, reúnem-se vários grupos de maracatus de baque virado para confraternizarem-se e ao mesmo tempo celebrar e dar visibilidade à cultura afro-brasileira. O evento tem uma significação religiosa muito importante que está crescendo cada vez mais. Segundo Guillen,

Há uma febre de consumo de maracatu, perceptível escolha dessa manifestação para abrir oficialmente o carnaval e pelo sucesso que representa a Noite dos Tambores Silenciosos [...] um grande ritual de conagração e celebração da cultura afro no Recife [...] é marcadamente um evento de cunho religioso e não haveria exagero se o apontássemos como o ritual de maior visibilidade que os cultos afros conseguem lançar para a sociedade (GUILLEN, 2004, p. 3-4).

O evento da Noite dos Tambores Silenciosos tornou-se um espetáculo que vem sendo explorado como mercadoria de consumo para atrair turistas. Na segunda-feira de carnaval no Pátio do Terço se apresentam apenas os maracatus adultos que são de terreiro, porém é comum encontrar no Recife maracatus de jovens brancos da classe média alta, que são grupos que começaram a se formar com o advento do movimento manguebeat⁹. A indústria cultural acaba por atrair jovens da elite pernambucana para participar de uma manifestação que antes só era praticada pelos pobres. Sendo que essa participação ocorre mais como forma de

⁹“O Manguebeat é um movimento artístico e, sobretudo, musical desencadeado no Recife no início da década de 1990. Pode ser caracterizado por uma intensificação das fusões e combinações entre tradições musicais locais e músicas anglófonas de ampla circulação internacional” (SANDRONI, 2009, p. 64). Disponível em: <<http://docs.google.com/view>>. Acesso em 11 de Jan. de 2013.

divertimento, e não com o sentimento de pertencimento a cultura afro-brasileira, tendo como consequência uma grande disputa entre os dois grupos de maracatus: o composto por afrodescendentes com baixo poder aquisitivo, jovens oriundos das periferias da cidade e os que têm em sua composição pessoas brancas de classe média alta (Cf. GUILLEN, 2006).

Segundo Guillen (2006), há uma disputa simbólica entre a pernambucanidade (imposição do branqueamento e a distância das religiões afro) e africanidade (movimento negro e alguns maracatus que tentam positivar a negritude). Segundo a autora, o motivo da disputa entre os grupos não deve ser atribuída apenas ao processo de globalização e a mercantilização da cultura. Guillen destaca que no início dos anos 1990 integrantes dos movimentos negros começam a fazer parte dos maracatus com a intenção de criar mecanismos de valorização à cultura negra no Brasil, fazendo com que houvesse nesse mesmo período um processo de reafrikanização nos candomblés e faz a seguinte afirmação:

É fundamental que se analisem no bojo dessa discussão os resultados da política implementada pelos movimentos negros que trazem consigo uma valorização da cultura afro-descendente, buscando nesse processo a criação de uma negritude (GUILLEN, 2006. p. 196).

Pensamos que há uma disputa política entre os grupos de maracatus para definir o que é o maracatu. Porém, vale ressaltar que isso não constitui impedimento para que haja ressignificação no formato evento da Noite dos Tambores Silenciosos, “que passa por um processo de reafrikanização com a sua transformação em um ritual religioso conduzido por renomados pais de santos” (Ibid.). Embora haja o desejo de reafrikanização e dessincretização¹⁰ por parte dos movimentos negros e por alguns maracatus e diante das inúmeras mudanças que vem ocorrendo em torno dos maracatus-nação, percebe-se que há uma forte tendência de que futuramente haja um aumento de alargamento¹¹ das fronteiras grupal e étnicas, atendendo a demanda do mercado e da espetacularização, incluindo nos grupos tanto afro-descendentes, como os brancos, adeptos ou não das religiões afro-brasileiras.

¹⁰ Ver: MELO, Aislan Vieira de. Reafrikanização e dessincretização do candomblé: Movimentos de um mesmo processo. Disponível em: <www.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/101/98>. Acesso em 11/01/2013.

¹¹ Ver: LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre a cultura do espetáculo e a identidade afro-descendente: os maracatus-nação do Recife enquanto espaços de disputa. Disponível em: <www.anpuhs.org.br>. Acesso em 07/01/2013.

O momento de louvação aos orixás é um ritual que tem início à meia noite. As luzes são apagadas e as pessoas presentes silenciam. O responsável pela cerimônia atualmente é o Babalorixá Raminho de Oxóssi, que faz uma prece, acompanhado das Yalorixás e Babalorixás. Concluindo com uma benção a todos que estão presentes. Antes e após esse momento celebrativo, à meia noite, os maracatus se apresentam. Loas são entoadas e os tambores se encarregam de contribuir com a louvação, um dos momentos litúrgicos que tornam o momento tão especial. Porém, não podemos deixar de destacar que o tempo dedicado à cerimônia religiosa tem pouca duração e os responsáveis pelo cerimonial do evento entre uma apresentação e outra fazem o comercial dos seus patrocinadores, pois os grupos que ali se apresentam recebem um cachê, ou seja, uma contribuição em dinheiro.

Ante o exposto, verifica-se que bem antes que fosse criado o evento, Noite dos Tambores Silenciosos, com as dimensões que possui hoje, o povo afro procurava reforçar seu “ethos” (GEERTZ, 1989. p. 103), através das diversas teias criadas e de organizações sociais que resultassem no resgate das tradições que foram ameaçadas de destruição com o tráfico negreiro. Como afirma Hall (2000, p. 11), “O sujeito ainda tem um núcleo ou uma essência interior que é o seu ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.

Em entrevista concedida em janeiro de 2003 a Euclides Costa e Carmem Lélis, a Viúva de Paulo Viana - a senhora Gercira¹² e a filha Ana Paula dizem que o evento “Noite dos Tambores Silenciosos” foi criado em 1968, e que tal informação foi obtida através de um texto de Paulo Viana. O Babalorixá, Manoel Papai, que também concedeu entrevista aos mesmos jornalistas no dia 12/01/2003, diz “todos sabem que o seu criador foi o jornalista Paulo Viana, uma pessoa ligada a terreiros”.

Papai diz que Paulo Viana tinha uma relação com os representantes dos terreiros mais tradicionais do Recife, e o Pátio do Terço foi o local em que ele fez suas pesquisas, mas não tinha “nenhum compromisso religioso”. Afirma ainda que a ideia surgiu movida pelo desejo que Paulo tinha de homenagear os negros que não conseguiram resistir à viagem para o Brasil e foram jogados no mar e que as pesquisas realizadas por Paulo evidenciavam que muitos dos negros que não conseguiram, por ter suas vidas interrompidas devido aos maus tratos, tinham famílias aqui, e a homenagem seria uma forma de “resgatar essas famílias” que chegaram “pela metade”. Diz ainda que o trabalho de pesquisa era um “trabalho bonito”, mas não houve divulgação, era um material interessante, mas desconhece o seu destino.

¹² As transcrições das entrevistas de Gercira Viana, Ana Paula Viana e Manoel Papai, utilizadas no texto, encontram-se disponíveis na Casa do Carnaval em Recife.

Ainda sobre a Noite dos Tambores Silenciosos, Papai informa que a primeira ideia de Paulo em criar um nome para a cerimônia e homenagear os negros foi “Noite dos Maracatus”, diz que só conseguiu assistir o segundo evento e que foi muito bonito, e que nesse mesmo carnaval, durante “uma bacalhoadada na casa de Badia”¹³, onde havia muitas pessoas reunidas, fizeram uma espécie de avaliação sobre a Noite dos Maracatus, e na mesma ocasião entraram num consenso que o evento teria um novo nome e que seria “Noite dos Tambores Silenciosos”, que consistiria em ‘um minuto de silêncio, à meia noite, com o rufar dos tambores’, para homenagear tanto os negros que aqui não conseguiram chegar, como aqueles que morreram “lutando pela cultura”. Percebe-se que se trata de estratégias pela busca coletiva de garantia da identidade étnica e o pertencimento cultural afro-brasileiro, pois:

“as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos [...] Elas têm a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como ‘o mesmo que se transforma’: não o assim chamado ‘retorno às raízes’, mas uma negociação com nossas ‘rotas’ (HALL, 2008, p.108-109).

Manoel Papai afirma que a cerimônia da Noite dos Tambores Silenciosos é realizada nas segundas-feiras por ser o dia das almas. Ou seja, é o dia em que na tradição cristã, os católicos rezam para as almas. É o mesmo dia em que os negros camufladamente reverenciavam os eguns, prática que perdura até os dias de hoje. Só que publicamente. Podemos considerar esse processo como uma reconversão cultural, por estar imerso em um contexto bastante complexo, em que se misturam valores luso e afro-brasileiro. Nesse sentido podemos utilizar o conceito de hibridação de Nestor Garcia Canclini. Segundo o autor o contato entre diferentes culturas, no nosso caso a cultura afro-brasileira em que há o sincretismo, estas vão assumindo diferentes significados, porém conservam seus traços essenciais¹⁴. Cardoso (2008) corrobora com o pensamento de Canclini quando afirma que:

O hibridismo cultural é, portanto, um fenômeno natural e imanente na constituição e evolução da civilização [...] o hibridismo é o testemunho mais

¹³ Conhecida como Badia, foi uma das primeiras organizadoras de louvação aos ancestrais, cerimônia que antecedeu à Noite dos Tambores Silenciosos no Pátio do Terço, onde possuía uma casa.

¹⁴ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP. 1998.

nítido de que, mesmo esforçando-se por preservar formas culturais autóctones, o homem está aberto a novas maneiras de interagir culturalmente, como mais um recurso de sobrevivência num mundo que tem a mudança como traço essencial (CARDOSO, 2008, p. 89).

Diante das transformações causadas pela interação entre culturas diferentes, as identidades são construídas e reconstruídas. Segundo Stuart Hall (2000, p. 108), estas “estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação”.

Papai observa ainda que a Noite dos Tambores Silenciosos passou por um período de “descaracterização”, “perdeu sua tradição”, perdendo o lado religioso, assumindo uma postura de “ vaidade”, os cânticos não eram mais os mesmos, e começaram a misturar afoxé, com toadas que não eram para Egum, acreditava que a presença dos grupos de afoxé enriqueceria o carnaval, mas estes deveriam ter um espaço próprio. E por ter se posicionado contrário a esse novo formato da cerimônia, o Babalorixá diz ter sido alvo de muitas críticas por parte dos seus opositores. Enfatiza ainda que no final da década de 70 a cerimônia Noite dos Tambores Silenciosos entra em decadência’, pois o seu idealizador sente-se desestimulado por achar que havia muita interferência de políticos, decidindo quais os grupos que deveriam ou não participar do evento.

Pelo conteúdo da fala de Papai, observa-se que esse período retratado por ele, trata-se em nossa opinião de um momento em que se inicia em Recife o processo de reafricanização, ou seja, militantes dos movimentos sociais negros começam a fazer parte dos maracatus considerados de tradição. Campos (2011, p. 9) os classificam como sendo uma segunda categoria, uma nova geração, que objetivam “reafricanizar os rituais e buscar a mãe África dentro do terreiro, [...] tentando apagar da memória dos antigos, os processos sincréticos que vivenciaram e foram adquiridos através das gerações anteriores”. Dai se explica o posicionamento de Papai em dizer que a Noite dos Tambores Silenciosos passou por um período de descaracterização, devido este, pelo conteúdo do discurso fazer parte do que Campos coloca como sendo “primeira categoria, a dos devotos antigos em que a presença do sincretismo é vista como algo natural” (Ibid.,).

Ainda sobre esse fato, tanto a viúva como a filha de Paulo Viana são unânimes em dizer que o trabalho desenvolvido pelo sociólogo era de muita persistência, como podemos constatar na fala de Ana Paula Viana:

Ele fazia tudo sozinho e sei que tinha alguém que queria destruir isso. Em vários anos aconteceu de fazerem boicote, como cortar o som e outras coisas... E nesse ano, foi essa bagunça generalizada, quando entrou o afoxé no meio. [...]. Mas sempre tentava estragar, e acabava não conseguindo porque painho, de uma forma ou de outra, conseguia fazer, nem que fosse falando... Ele lia aquele texto mesmo [sem som]. Quando ele gravou essa fita da história dos negros [...]. Eu sei que quando deu meia noite o microfone não funcionou, às vezes faltava energia. [...]. Mas tudo isso foi nos anos 80. (VIANA; VIANA 2003, pp. 8-10).

Acreditamos que a dedicação de Paulo Viana em valorizar a cultura afrodescendente, era motivada por ideologia política, mas que divergia dos militantes dos movimentos sociais negros. Pois, estes entendiam que tanto maracatus, como afoxés deveriam participar da manifestação dos Tambores Silenciosos, ou seja, tudo que é do negro deveria estar lá no evento. Embora Paulo Viana e os militantes dos movimentos sociais negros quisessem valorizar a cultura negra, estes divergiam no campo das ideias. E esse é o momento em que os maracatus foram considerados por estes agentes sociais como espaço de preservação de cultura e identidade afrodescendente.

O Movimento Negro Unificado, criado em 1978, tendo como principal bandeira de luta o combate à discriminação racial, como destaca Domingues:

Na década de 1980, o MNU foi a mais importante organização a levantar a bandeira em defesa dos direitos dos afro-brasileiros. No seu Programa de Ação de 1982, defendia as seguintes reivindicações ‘mínimas’: desmistificação da democracia racial; organização política da população negra; transformação do movimento negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, e a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (DOMINGUES, 2008. p. 103).

Este teve uma atuação muito forte em Pernambuco, vários grupos de teatro negro e eventos culturais foram criados e concomitantemente militantes do MNU entraram no Maracatu Leão Coroado (Cf. LIMA, 2006).

Catarina Real ao desenvolver seu trabalho de atualização sobre as mudanças e novidades no campo das artes populares nordestinas, assistiu em 1977 aos desfiles das

agregiações carnavalescas, no Recife, na Avenida Dantas Barreto, em uma segunda-feira de carnaval, e nos fornece as seguintes informações:

Na segunda-feira, tive a honra de assistir à dramática ‘Noite dos Tambores Silenciosos’, em companhia do meu amigo Paulo Viana, fundador daquela solenidade tradicional no Pátio do Terço. Paulo me levou para saborear o famoso mungunzá de Dona Badia, sobrinha das veneradas ‘Tias da Costa’, Sinhá e Yaiá, e conhecida ‘zeladora de santo’ no velho casarão da Confraria de São Benedito. Foi uma visita bem feliz para mim, porque eu recebi ali os abraços de tantos queridos amigos e diretores das agregiações carnavalescas, inclusive do meu velho compadre, o Mestre Luiz de França. Ao deixar a festa, reparei que havia tanta gente no Pátio que eu nem pude chegar perto do Porto Rico do Oriente, mas fiquei muito emocionada ao escutar de longe, mais uma vez, a bela voz de barítono de Eudes, cantando a belíssima louvação para Nossa Senhora do Rosário, no adro da Igreja do Terço (REAL, 2001, p. 128).

Nota-se no relato de Katarina o envolvimento de Paulo Viana com as lideranças de maracatu e terreiro, cremos que a disseminação da ideologia de combate ao racismo e fortalecimento da cultura afrodescendente é construída nessas relações.

Sobre a participação dos grupos de afoxés na Noite dos Tambores Silenciosos, Euclides Costa esclarece o seguinte:

Esse ano tumultuado foi em 85, que José Mário Austregésilo resgatou. Foi o último ano que Paulo participou. Esse ano foi o da invasão dos afoxés Tomaram microfone da equipe, etc. Mas, se procurarmos saber o porquê disso, vamos ver que tem a ver com a própria criação da Noite dos Tambores Silenciosos. (...) Eles discordavam do modelo, discordavam do grupo equipe, porque achavam que os atores eram eles mesmos... Veja que dali pra 88 estava muito próximo da criação do Movimento Negro Unificado, que foi em 78. Então, o MNU, que era contra a discriminação racial, começou a agir e o Recife teve toda essa vanguarda formada por Marcos Pereira, Lepê Correia. E você sabe que os adolescentes, quando querem fazer uma mudança, batem de frente, não é? Pois bem, eles fizeram isso, mas depois perceberam que podiam ter chegado lá, conversado com ele, negociado a participação etc. Então, eram duas partes: os adolescentes que queriam mudar e os adultos que geralmente tendem a ser reacionários. Reagem a mudanças. E assim, existiu o conflito de gerações. Na verdade, as duas partes tinham a intenção de fazer o modelo que é hoje. Naturalmente, se Paulo fosse vivo, ele estaria pensando: “que bom que as pessoas estão fazendo dessa forma (VIANA; VIANA 2003, p. 10).

As situações descritas anteriormente evidenciam a existência de momentos de disputa entre os grupos de maracatus. Sobre esses grupos, Guillen (2006, p. 183) afirma que “assim em meio a complexas transformações culturais, o maracatu era posto em cena para representar a mais autêntica e tradicional cultura popular pernambucana”. A autora observa que além das disputas havia certa intolerância no sentido de que os representantes dos movimentos negros sociais não aceitavam a inserção no maracatu de pessoas que não fossem afrodescendentes: “Luiz de França sintetizou esta questão [...] ‘Hoje está tudo diferente, muita morte e violência’. Hoje, também, todos podem entrar no maracatu, antes só entrava negro. As tradições se perderam” (GUILLEN, 2006, p. 195).

De acordo com o posicionamento de Luiz de França, enquanto líder de maracatu demonstra ter sido influenciado pelas ideologias disseminadas pelos movimentos negros sociais em que os militantes acreditavam que os maracatus deveriam ter ligação com terreiros nagôs. O que nos dá a ideia de que há intenção por parte da militância através da tradição dos terreiros transmitirem e preservarem uma identidade africana pura.

1.2 História e desenvolvimento dos Tambores Mirins

Para melhor entendermos como se deu a construção dos Tambores Mirins, fizemos uma leitura anterior da Noite dos Tambores Silenciosos. E fica claro como essa manifestação, vem ao longo dos anos sofrendo transformações significativas. Tornando-se uma manifestação cultural e religiosa de grande visibilidade no Recife.

Os Tambores Mirins estão a apenas 10 anos, fazendo parte da programação do carnaval. Diante dessas circunstâncias, nos deparamos com a carência de fontes bibliográficas que nos auxiliasse na pesquisa. Então, para que pudéssemos desenvolver o trabalho a que nos propomos, utilizamos a observação participante na segunda-feira de carnaval, no Polo Afro Luiz de França, no Pátio do Terço, no Bairro de São José, Recife – PE. E como forma de enriquecer as nossas fontes informativas, agendávamos antecipadamente com os líderes de maracatu, para que pudéssemos assistir aos ensaios, porém, por diversos motivos, não aconteceram na sua maioria, nos dias e horários marcados.

Também colhemos depoimentos das lideranças responsáveis pela organização do evento dos Tambores Mirins. Sendo, gestores e ex-gestores do Núcleo da Cultura Afro-brasileira do Recife e lideranças responsáveis pelos Maracatus infantis. Ressaltando que,

durante o processo de coleta sentimos dificuldades em adequar os horários, devido ao cotidiano vivenciado pelos entrevistados.

O conteúdo das entrevistas foi transcrito e faremos uso das mesmas ao longo do nosso texto. Tentando sempre estabelecer uma conexão entre a fala dos nossos colaboradores e os autores com abordagens pertinentes à nossa temática quando for necessário.

Os Tambores Mirins são grupos de Maracatus infantis, que participam com crianças com idade entre oito e dezesseis anos, que se apresentam no Pátio do Terço, na segunda-feira de Carnaval. Fazendo parte da mesma Programação da Noite dos Tambores Silenciosos. Cada grupo tem em sua composição entre 30 a 60 integrantes, dividindo-se entre: Corte Real, Dança e Percussão. A participação dos maracatus infantis na Noite dos Tambores Silenciosos se deu, pela primeira vez, em 2002. Segundo ano da Gestão do Prefeito João Paulo, ou seja, um ano após a criação do Polo Afro Luiz de França e do Núcleo da Cultura Afro-brasileira. É uma expressão cultural que surgiu com o desdobramento dos Tambores Silenciosos, sendo que, alguns grupos mirins possuem ligação com o candomblé. E outros pertencem a instituições como ONGS e Escolas Municipais.

Os grupos recebem apoio da Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife, através do Núcleo Afro. Que tem em sua proposta o objetivo de atender a demanda de valorização das manifestações culturais de origem africana, implementando e apoiando projetos e ações que valorizem as expressões desta cultura. Nota-se que o objetivo está voltado para atender aos anseios e estratégias dos movimentos sociais negros na luta pela valorização da cultura afro-brasileira, porém, encontra-se atrelado ao estado, o que de certa forma acaba sendo dependente de um sistema que sempre desvalorizou a cultura do negro, tratando-a como inferior.

Figura 01



Maracatu Nação Erê – Primeiro Maracatu Infantil de Baque Virado do Brasil. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.

Ao questionarmos as lideranças responsáveis pela organização do evento sobre como aconteceu, ou seja, como surgiram os Tambores Mirins, obtivemos as seguintes informações:

[...] pra gente na verdade, era construir uma memória. Uma prática e incentivando isso com as crianças. Isso tava muito nítido. Como a gente tinha uma programação do Polo Afro com os Tambores Silenciosos, que era o nosso grande, o momento grandioso do carnaval. Que independente do próprio governo, ela já existe. A proposta inicial vai muito nesse sentido, de construir mesmo essa prática, de juntar as crianças das organizações dos maracatus, alguma coisa muito nesse sentido [...] (PANDORA, ver Apêndice K).

[...] Quando a gente assumiu a Coordenação daquele Polo, que na época ainda não existia o Núcleo Afro. O Núcleo Afro foi criado posteriormente, mas quando a gente assumiu, nós tínhamos como qualquer outra atividade do Núcleo, a tarefa de dar visibilidade e afirmar a identidade negra na cidade do Recife. Então, a Noite dos Tambores Silenciosos é o que tinha na época de mais significativo, dentro da cidade assim mais significativa, com maior visibilidade. Então, era preciso primeiro dar ainda maior visibilidade, dar uma estrutura melhor pra ela. E evidentemente investir na continuidade. Então a ideia, com as crianças era essa. Primeiro de que existiam vários grupos de crianças que estavam fazendo maracatu na cidade, né. Ouvia os próprios maracatus, então as nações mirins dos maracatus. Ouvia as Escolas, alguns educadores que existiam na época, que tinha na sua Escola esse grupo. Que evidentemente tinha características diferentes. Porque eram grupos de percussão. Mas que trazia todo esse significado do maracatu nação.. Então o que a gente queria era isso. Proporcionar primeiro a continuidade da manifestação, e segundo o entendimento das crianças.

Porque elas estavam fazendo aquela manifestação? O que aquilo significava e qual o significado pra constituição de normas da população negra na cidade? [...] (CARINA, ver Apêndice L).

[...] É... Na verdade... Porque tinha a primeira questão pra criação dos Tambores Mirins, era a presença de crianças nos maracatus nação. E também a existência de maracatus infantis de projetos sociais. E essas crianças dos projetos e das nações, tinham pouco espaço no carnaval pra apresentação. Então ela se mistura com o adulto, que pra gente é uma coisa boa, mas em termos de Tambores Silenciosos, fica cansativo pra uma criança tá ali à noite. Então a ideia, primeira nossa, era colocar as crianças das nações que tinham maracatu infantil. Então naquele momento, acho que Porto Rico, Encanto da alegria. Acho que é... [...] É... Vuginhos é de Leão da Campina, né? As crianças de Leão da Campina são mais ou menos esses. Acho que tem outros também. E junto com isso as crianças dos maracatus de projetos sociais. Que não é maracatu nação (JOSHUA, ver Apêndice O).

Observa-se nas narrativas dos nossos colaboradores, que as ações implementadas pelas lideranças de maracatu são motivadas pela relação destes com os movimentos sociais negros . É importante ressaltar que os líderes em sua maioria são educadores, afro-descendentes e adeptos do candomblé. E sob a justificativa de contribuir com a visibilidade e a identidade negra vinculam-se ao estado criando o Núcleo da Cultura Afro¹⁵, e ao fazer parte desta instituição, perceberam que durante o carnaval os grupos de maracatus dos adultos, já tinham conquistado espaço e visibilidade. Porém, havia na região metropolitana do Recife, terreiros de candomblé e instituições como Escolas, ONGS que desenvolviam projetos sociais com crianças e adolescentes, que vemos como uma prática assistencialista, quando cumprem uma obrigação do estado quando oferecerem direitos previstos na Constituição Brasileira, como várias atividades culturais, dentre elas o maracatu. Conforme destaca o site¹⁶ do governo do Recife:

A Prefeitura do Recife como forma de atrair turistas interessados por uma cultura exótica, atendendo a demanda da indústria do consumo, implementou como política pública a “valorização das tradições afrodescendentes” garantindo a garotada dos maracatus infantis participarem da programação do Carnaval. Na segunda-feira, 20 de fevereiro de 2012, acontece o Rufar dos Tambores Mirins, quando 12 nações de maracatu infantis participam do culto ao Erê ou Ibeji (a criança que cada um guarda dentro de si), numa celebração idêntica a que é realizada pelos adultos, também na segunda-feira de Carnaval, a Noite dos Tambores Silenciosos.

¹⁵ O Núcleo da Cultura Afro em Recife foi criado por reivindicação dos movimentos negros sociais durante audiência com o prefeito João Paulo em 2001.

¹⁶ Disponível em: <<http://WWW.recife.pe.gov.br/2012/02/17/rufar-dos-tambores-mirins-reforca-importancia-de-cultura-afro-180941.php>>. Acesso em: 8/04/2012.

Então, como as comunidades negras de pessoas adultas já estavam sendo beneficiadas com as suas apresentações no evento da Noite dos Tambores Silenciosos, as lideranças começam a se articular com os líderes de maracatu nação, ONG e Escolas Municipais. E juntos, foram planejando como fazer com que as crianças brincassem. E ao mesmo tempo, fosse também conquistando o seu espaço, visibilidade construindo memória e identidade através da enculturação, tendo como agentes desse processo os educadores. As lideranças demonstram que a preocupação em envolver as crianças na manifestação dos Tambores Silenciosos está em “construir uma memória investindo na continuidade” da cultura afro-brasileira, como esclarece Oliveira:

A única continuidade que talvez seja possível sustentar é aquela de, recuperando o processo histórico vivido por esse grupo, mostrar como ele refabricou constantemente sua unidade e diferença frente a outros grupos com os quais esteve em interação. A existência de algumas categorias nativa de auto-identificação, bem como de práticas interativas exclusivas, serve de algum modo para delimitar o grupo em relação a outros [...] (POLLAK, apud OLIVEIRA, 2004. p. 10).

Nesse sentido vemos os Tambores Mirins como agente no processo de construção de memória e identidade afro-brasileira quando interagem com os outros grupos e o maracatu como prática exclusiva em que delimita o grupo, conferindo-lhe prestígio, reconhecimento e afirmação de identidade.

Com relação à articulação entre os líderes organizadores e responsáveis pelos Tambores Mirins foram-nos colocado as seguintes questões:

[...] A gente tem uma articulação relativamente forte com o movimento negro. E aí que, o movimento negro pensando na maior diversidade. E aí particularmente com quem trabalhasse com a cultura afro-brasileira, na cidade do Recife. [...] Quem é de movimento, conhece ou já escutou falar. Pode até nem conhecer pessoalmente, mas em algum momento já conseguiu escutar. Eu acho que isso foi uma coisa muito legal, né. Por que aí você tinha nesse universo da cultura afro-brasileira, quem está fazendo trabalho, seja com criança, seja com adolescente. Seja educador, ou estando em alguma organização meio que consegue se articular e estar nos mesmos espaços.[...] Por outro lado tem a Noite dos Tambores que por si só, né. Já era grandioso por demais. E aí é quando surge a ideia, né. E a proposta, de não só é criar uma programação na grade. Pensando enquanto gestão de Prefeitura que vai ter que garantir tal, mas da ampliação dessa discussão com os educadores e tal. Tanto é que quem terminou sempre vindo, fazendo esses trabalhos, era exatamente essas pessoas que de alguma forma... Por exemplo, você pega Lúcia dos Prazeres que já tinha o Centro Maria da Conceição. [...] Ela é

professora, ela faz... Tem o Centro Maria da Conceição que é uma ONG que trabalha com cultura afro-brasileira no morro da Conceição [...] E aí tínhamos dentro dessa perspectiva do trabalho com criança e adolescente e ela já enquanto Yalorixá. Ela meio que começa a ser uma das referências [...] (PANDORA, ver Apêndice K).

Então, nós, é... Toda e qualquer atividade do Polo, nós nos reuníamos com as lideranças daquelas manifestações. Então, por exemplo. O Polo é ainda hoje né? Era como é ainda hoje. Então, era constituído pelos grupos que faziam os Tambores Silenciosos. Então, nós reuníamos aqueles grupos, discutíamos com eles como seria a noite. O que ia acontecer, como era que ia entrar, enfim. Tudo construído coletivamente. O mesmo se deu com os afoxés. O mesmo se deu com os grupos afros, o mesmo se deu também com os grupos dos Tambores Mirins. Nós reuníamos todas as lideranças, e construíamos com eles um modelo. Como a perspectiva era da continuidade, nós seguimos, meio que a cerimônia da noite. Claro que adaptada às crianças, né. [...] (CARINA, ver Apêndice L).

De acordo com o que fora colocado pelas lideranças, fundamentados em Enne (2004), podemos considerar a realização do trabalho pela rede de educadores, através do Núcleo da Cultura Afro-brasileira como um dos mecanismos de construção de identidades sociais e culturais. A autora considera o processo de construção de identidades como um “partilhamento de interesses e visões”. Podemos evidenciar isso quando o grupo coloca uma pessoa que já tem experiência em realizar trabalhos da cultura afro-brasileira com outros educadores e estes por sua vez atuam como multiplicadores com as crianças. Enne nos informa o seguinte sobre essa questão:

Se pensarmos a relação entre memória e identidade a partir de uma rede de agentes e agências sociais, com seus fluxos e interações, e não como uma realidade dada e naturalizada, mas como um processo de permanente construção e desconstrução de suas memórias e o estabelecimento de projetos, é claramente constitutiva de identidade individual e coletiva (ENNE, 2004. p. 6).

Podemos ainda considerar a articulação das lideranças, educadores e gestores estando ou não relacionados aos movimentos sociais negros, como um enquadramento da memória, constituindo-se a prática destes enquanto agentes sociais em reforçar o significado ao evento dos Tambores Mirins no Pátio do Terço enquanto acontecimento vem se ressignificando, tendo como imperativo de justificação do trabalho de construção de memória a história dos antepassados, para reforçar sentimentos de pertencimento a cultura afro-brasileira. Tendo

como pano de fundo “o sentido da identidade individual e do grupo”, como afirma Pollak (1989):

[...] manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. É portanto absolutamente adequado falar, com faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva. Quem diz ‘enquadrada’, diz ‘trabalho de enquadramento’. Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação. Recusar levar a sério o imperativo de justificação sobre o qual repousa a possibilidade de coordenação das condutas humanas significa admitir o reino da injustiça e da violência (POLLAK, 1989. p. 7).

Por essa perspectiva entendemos que o trabalho das lideranças é um enquadramento de memória por acreditar que o grupo através de suas estratégias de construção de memória e identidade, reforça o significado na tentativa de definir o sentimento de pertencimento a cultura afro-brasileira através do trabalho contínuo de reinterpretação do passado.

A cultura afro-brasileira constitui-se patrimônio imaterial do Brasil, influenciando na formação do povo brasileiro, com a contribuição de outras formas de expressões culturais. Há uma caminhada construída e que vem sendo passado de geração a geração, mesmo nas condições mais adversas. O povo afrodescendente tem demonstrado que possui uma força interior e que a transforma na habilidade de viver intensamente, expressando alegria e determinação, tendo sempre demonstrado uma rica e complexa capacidade de resignificação de sua identidade. Segundo Bhabha, “a articulação social da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica” (BHABHA, 2007. p. 21).

Percebe-se que a ideia em dar continuidade a uma manifestação como a Noite dos Tambores Silenciosos, que já está consolidada no tempo e no espaço, é alimentada por um viés político-pedagógico-social entre membros dos movimentos sociais negros, educadores e adeptos do candomblé, que compartilham do mesmo sentimento de pertencimento e identidade da cultura afro-brasileira. Vemos, nesse grupo, a preocupação em envolver as futuras gerações de uma forma lúdica e prazerosa através do ato de brincar e dançar o maracatu. Segundo Mauss,

É por intermédio da educação das necessidades e das atividades corporais que a estrutura social imprime sua marca nos indivíduos. “Adestram-se as crianças... a dominar reflexos... inibem-se medos, seleccionam pausas e

movimentos.” Esta procura da projeção social sobre o individual deve esquadrihar o mais profundo dos costumes e das condutas; nesse domínio, não há nada fútil, nada gratuito, nada supérfluo: a educação da criança está cheia do que chamamos de detalhes, mas que são essenciais (MAUSS, 1974, p. 2).

Nesse sentido, o maracatu apresenta-se como fonte rica e cheio de detalhes para educar as crianças, desenvolvendo disciplina, respeito, conhecimento corporal, cultural e religioso. Através da dança do maracatu, há uma socialização e apropriação de saberes e da cultura de uma determinada sociedade, e de quem dela participa. É o ato de fazer que contribua para que o indivíduo, a partir das experiências do cotidiano, construa uma rede de relações simbólicas que lhe conferem uma significação social, ou seja, constrói-se memória através da enculturação.

Figura 02



Os Tambores Mirins ao apresentar-se no Pátio do Terço – Foto: Eliene Ferreira em 20/02/2012.

O maracatu serve como brinquedo onde o momento da apresentação e celebração cumpre a função de manter em evidência um grupo e uma tradição que vêm se desenvolvendo

e se resignificando ao longo de uma caminhada. E, ao mesmo tempo, desenvolve nas crianças e adolescentes competências e habilidades que permitirão aos mesmos fazerem uma associação entre a ação lúdica da qual participam e o verdadeiro significado da manifestação dos Tambores Mirins, que é ter o sentimento de pertencimento da cultura afro-brasileira, entre a coletividade, construindo suas imagens, através de uma dimensão simbólica, que segundo Brougère:

Toda socialização pressupõe apropriação da cultura, de uma cultura compartilhada por toda a sociedade ou parte dela. A impregnação cultural, ou seja, o mecanismo pelo qual a criança dispõe de elementos dessa cultura, passa entre outras coisas, pela confrontação com imagens, com representações, com formas diversas e variadas. Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõem universos imaginários. Cada cultura dispõe de um 'banco de imagens' consideradas como expressivas dentro de um espaço cultural. É com essas imagens que a criança poderá se expressar, é com referência a elas que a criança poderá captar novas produções (BROUGÈRE, 2004, p. 40).

A identidade afro-brasileira que hoje se constrói pelas lideranças responsáveis pelos Tambores Mirins é resultado de uma necessidade de preparar esses jovens e crianças para continuar futuramente construindo suas identidades, para legitimarem-se e reconhecerem-se como personagens construtores da cultura afro-brasileira. Hoje, a construção acontece de uma forma diferente do que enfrentaram as gerações da cultura afro-brasileira, que lutaram para se fazer reconhecer no passado, criando e recriando, através das variadas formas de expressão cultural, que tem formado o diversificado tecido da nossa brasilidade. Pois, como afirma (HALL, 2000, p. 38), “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”.

Hoje, diferentemente do que enfrentaram as “tias do terço”, a manifestação vem, cada vez mais, ganhando visibilidade. Participam tanto os grupos que têm ligação com o candomblé, quanto os que não fazem parte da religiosidade. Procuramos saber quais os grupos de maracatus infantis que estão desde o início, enriquecendo a manifestação dos Tambores Silenciosos; os nossos colaboradores tiveram dificuldade em lembrar-se de todos os grupos, porém, os mais citados foram: Maracatu Nação Erê (Primeiro Maracatu de Baque Virado do Brasil, com quatro CD'S Gravados), Nação Novo Pina, Nação Estrelar, Nação Vuginhos, Nação Cambinda Africana, Nação Encanto da Alegria, Nação Estrela do Mar, Nação de Oxalá, Nação Porto Rico e Nação Peixinhos.

1.3 Apresentação dos Tambores Mirins no Pátio do Terço

No dia vinte de fevereiro de dois mil e doze, no Pólo Afro, localizado no Pátio do terço, em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro de São José, aconteceu o evento da Noite dos Tambores Silenciosos, do qual participam os grupos de maracatus infantis Tambores Mirins. Às 15h30min ao chegarmos ao local de realização do evento, já estavam presentes três grupos de Maracatus, e aos poucos foram chegando os demais que estariam logo em seguida se apresentando. As apresentações tiveram início às 16h30min, justificando a apresentadora que aconteceria mais cedo porque a Yalorixá Maria Helena, responsável pelo ritual e louvação dos Orixás, teria outro compromisso após a apresentação dos Tambores Mirins. Os maracatus que se apresentaram foram os seguintes:

- 1° - Nação Flau
- 2° - Nação Erê
- 3° - Nação Novo Pina
- 4° - Nação Estrelar
- 5° - Nação Estrela do Mar
- 6° - Nação Oxalá
- 7° - Nação Cambinda Africana
- 8° - Nação Porto Rico
- 9° - Nação Vuginhos
- 10° - Nação Encanto da Alegria
- 11° - Nação Cambinda Estrela do Amanhã
- 12 – Nação Peixinhos

É interessante esclarecer que os grupos de maracatus cantam loas, cujo conteúdo está sempre fazendo referência aos orixás, independente de ser ou não ligado ao candomblé, cantam para Iansã, Olorum e/ou outros. Alguns puxadores são crianças. A corte é composta por Rei, Rainha, Príncipes, Princesas, Dama-do-paço, carregando sua boneca, Mestre-sala e Porta Estandarte, seguidos do grupo de percussão e dançarinos. No momento da apresentação, as

nações entram imponentes, exibindo-se para a população presente que assistem ao ritual dos grupos infantis.

As crianças apresentam-se com trajes apropriados para a ocasião. Muitos grupos destacam-se pela harmonia da percussão e beleza da indumentária dos seus participantes. Ao término das apresentações, os integrantes da corte real foram convidados a permanecerem concentrados no palco, aguardando o momento da louvação.

Figura 03



Corte Real Mirim aguardando o momento da celebração no Pátio do Terço. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.

A apresentadora comunicou que os grupos Nação Flau e Erê fazem um trabalho social na comunidade, dizendo que Erê quer dizer criança. Ricardo Almeida da Silva, o puxador do Grupo Novo Pina, iniciou dizendo que iriam fazer uma apresentação diferente, que aproveitariam o momento para homenagear Decinho, “um integrante do grupo que faleceu de meningite e enfatizou que o mesmo agora está com Deus”. Solicitou um rufar de tambores. Gostaríamos de acrescentar que os grupos Nação Estrelar e Nação Estrela do Mar também fazem um trabalho social nas comunidades onde estão localizadas. Ao término da apresentação do último grupo que estava presente, a apresentadora chamou os batuqueiros de todas as Nações Mirins para irem se organizando para o momento da louvação. Os grupos de

batuqueiros fizeram uma enorme batucada para o público presente no evento. Anunciou-se que a louvação seria com a senhora Maria Helena, Yalorixá.

Figura 04



Momento da celebração dos Tambores Mirins – Yalorixá Maria Helena Sampaio Solicitando Paz, Saúde, e Proteção para as crianças e Axé a todo o público presente. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.

A Yalorixá, ao se pronunciar, disse que se “tratava de um momento muito especial, porque estavam tratando com criança, é o momento de mudança das crianças para os adultos, que serão os maracatus do futuro”. Em seguida, saudou o público presente com Axé. Cantou para os Orixás e Ibeji. Houve um rufar dos tambores também para os Orixás. Maria Helena saudou todas as Nações, convidando todas as pessoas para cantar junto com ela. Solicitou um rufar dos tambores, duas vezes seguidas. Pediu aos orixás proteção para as crianças, para que pudessem continuar juntos no próximo ano. Continuou cantando e os tambores rufando de forma intensa, dando-se nesse momento a solta de fogos.

2 OS TAMBORES MIRINS: O DILEMA ENTRE CULTURA E RELIGIÃO

Nesse capítulo, explicitaremos, através das falas dos nossos colaboradores, as intenções destes em envolver os grupos de maracatus infantis na programação do carnaval do Recife. Primeiramente, contemplaremos as colocações das lideranças organizadoras do evento e, posteriormente, dos responsáveis pelos grupos de maracatus infantis.

2.1 O objetivo dos Tambores Mirins a partir do Olhar dos Envolvidos na Manifestação

O maracatu é uma das manifestações culturais presentes em Pernambuco que, através das batidas dos instrumentos de percussão e do gingado da dança dos seus participantes, se revela cheio de mistérios, devido à sua singularidade e complexidade. Vemos que a participação dos Tambores Mirins se deu dentro de um contexto em que as lideranças organizadoras, que já tinham conhecimento de projetos sociais que estavam sendo desenvolvidos nas comunidades metropolitanas do Recife, resolvem programar ações que fortalecessem esse trabalho de base, que eles a denominam de “ação educativa”. Como pode ser observado no depoimento a seguir:

[...] Então, a Noite dos Tambores Mirins era uma coisa para essa brincadeira que as crianças fazem com o maracatu. E é uma ideia de aprendizado, de reconhecer e fazer uma coisa própria pra criança. A ideia era essa [...] São Projetos que têm uma ação voltada pra criança e vão fazer a atividade de maracatu pra criança. Portanto, eles não vão fazer as obrigações religiosas. Eles vão fazer uma coisa mais educativa. E a gente precisava cumprir uma tarefa de fortalecer essa ação educativa com... Que tanto os maracatus nação faziam como os das Escolas faziam. Fazem né? Pronto, foi assim que surgiu (JOSHUA, ver Apêndice O).

Figura 05



Maracatu Infantil apresentando-se no Pátio de Terço – Foto Eliene Ferreira

A ideia colocada pelas lideranças em reforçar a “ação educativa” (fazendo com que, através do maracatu, as crianças “brincassem”, “aprendessem”) faz parte de um olhar de educadores, que acreditam numa proposta de trabalho que tem como perspectiva uma ação pautada na transversalidade, em específico, voltado à pluralidade cultural. Ou seja, visam dar oportunidade para que os grupos saiam do anonimato e ao mesmo tempo desenvolvam, através do “brincar”, conteúdos atitudinais, que fortaleçam nos envolvidos o sentimento de respeito e valorização étnica, cultural, religiosa e/outras.

É pertinente, quando se fala em praticar efetivamente um trabalho educacional, que se desenvolvam atitudes como as que citamos acima, pois, através dessa prática, as crianças estarão interagindo num contexto amplo da cultura, e as aprendizagens se entrelaçarão, possibilitando o entendimento da diversidade cultural e religiosa no mundo que as cercam. E, com isso, aprendem a valorizar o que é característico da identidade do seu grupo e respeitar o que é do outro. Pois no contexto em que as crianças estão inseridas, elas convivem com outras de religiões diferentes da sua, sendo que os grupos de maracatus recebem crianças de todos os

credos religiosos. O convívio entre adeptos de outras religiões proporcionará para que desenvolva o espírito de tolerância entre os envolvidos.

Em entrevistas feitas com lideranças envolvidas no Núcleo Afro, nos foi afirmado que, no primeiro momento, a ideia era fazer com que os grupos infantis participassem da mesma programação dos Tambores Silenciosos. E, num segundo momento, é que perceberam a necessidade de incluir o momento religioso, como podemos ver abaixo:

[...] No primeiro momento, com a preocupação de fazer um trabalho educativo, nós ficamos pensando como era que a gente ia trabalhar essa questão da religiosidade. Por que essa é uma questão muito importante. Porque o maracatu, a essência do maracatu é o aspecto da religião. Então, por conta disso, a gente precisava, e a própria Noite dos Tambores Silenciosos é uma celebração religiosa, não é uma atividade artística [...]. Então, o que acontece, a gente precisou conversar com várias pessoas ligadas à religião, que eram educadores sociais. Por isso que eu falei de Lúcia dos Prazeres. Porque Lúcia é peça chave pra pensar a forma de trabalhar a Noite dos Tambores Mirins. Porque Lúcia, com o Centro Maria da Conceição, elas fizeram um dos primeiros trabalhos mais estruturados aqui com educação social a partir da cultura com criança, pensando a cultura afro-brasileira. Então, o Centro Maria da Conceição e Lúcia, então nós convidamos Lúcia pra conversar. E invés de eu ficar diretamente, que eu tinha muitas outras tarefas pra coordenação, Cal, que trabalhava comigo, e Piedade, que era e são educadoras, elas se dedicaram mais a isso, entendeu? Ah, tá à frente, coordenar, conversar com cada uma das educadoras, que coordenam os maracatus infantis. E assim foi realizando reuniões, muitas conversas, até chegar a um primeiro formato, né? Da noite, a gente pensava a do adulto é meia noite. A das crianças são 18 horas. Então tem essa coisa da hora grande, tal. Então eles pensaram num formato de forma que as crianças se sentissem contempladas, né? E o trabalho educativo fosse valorizado (JOSHUA, ver Apêndice O).

Joshua coloca que a preocupação da Gestão do Núcleo da Cultura Afro-brasileira não era trabalhar a religiosidade, com esse grupo, o foco estava na continuidade da manifestação da Noite dos Tambores Silenciosos. E garantir espaço para as crianças na programação do carnaval. Porém, o grupo tinha a consciência de que não podia trabalhar apenas o aspecto do lúdico e educativo, uma vez que “a essência do maracatu é o aspecto da religião”. O que para nós é estranho uma vez que a maioria dos educadores são adeptos do candomblé. A negação inicial se torna compreensível, se levarmos em consideração o pensamento de Pollak (2004, p. 6) de que “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, não ditos”, ou seja, talvez haja por parte do grupo certo receio em ser mal interpretado ao expor a real intenção ao que o grupo se propunha inicialmente”.

Joshua declara que a necessidade surge porque o formato dos Tambores Mirins, que fora idealizado por eles, era o mesmo da Noite dos Tambores Silenciosos, então, faltava o grande momento, que era o da celebração. Com esse fim, entra a participação de uma educadora e *Yalorixá*¹⁷, que é a senhora Lúcia dos Prazeres, que tem uma história de trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes no Morro da Conceição. Sob a orientação das assessoras do Núcleo Afro, Lúcia dos Prazeres conduz os trabalhos com os líderes de maracatus no sentido de orienta-los quanto ao aspecto religioso que desenvolveriam na manifestação. Foram envolvidos nesse processo as ONGs, Escolas e os terreiros de candomblé. A ideia de integrar também as instituições que não são de candomblé, vemos como estratégia de possibilitar a estes a construção de memória e pertencimento social, pois:

Existe, portanto, uma intensa relação entre memória como processo coletivo de construção do passado a partir de demandas do presente e a conferência de identidades sociais para aqueles que estão envolvidos em tal processo (ENNE, 2004. p. 5).

Ao privilegiar os diversos grupos que fazem trabalho com maracatu, percebe-se que se propaga identidade através do fluxo de informações emitidas. Possibilitando a ressignificação do processo histórico-cultural.

Observa-se que um dos principais objetivos das lideranças era criar mecanismos de aproximação das crianças e adolescentes com a cultura afro-brasileira, tornando-os agentes da memória coletiva, para que, no futuro, possam dar continuidade aos Tambores Silenciosos. Uma manifestação cultural e religiosa que, há décadas, faz parte do calendário de uma das festas mais importantes do nosso País, que é o carnaval. Como afirma um dos entrevistados.

[...] O objetivo era dar continuidade exatamente ao seu objeto de estudo. A memória daquele lugar e daquela manifestação cultural. Porque o que a gente entendia é que a Noite dos Tambores Silenciosos, como uma expressão afro-brasileira, era carregada de memória e de significados pra essa população, naquele espaço, no Pátio do Terço, como organizado pelos nossos ancestrais [...]. Então o objetivo era esse, era congregar primeiro as crianças que estavam envolvidas nessa manifestação e, segundo, possibilitar a continuidade da manifestação, e daquela manifestação específica, dos Tambores Silenciosos (CARINA, ver Apêndice L).

¹⁷ Yalorixá : Sacerdotisa e chefe de terreiro de candomblé.

Pandora, outra Gestora do Núcleo Afro, ao refletir sobre o objetivo dos Tambores Mirins, demonstra que o grupo se preocupava em fazer com que as crianças participassem do momento festivo no evento para que, através da interação do ato de aprender brincando, fossem criando vínculos condicionantes que, a nosso ver, contribuirão para alimentar suas memórias, os induzindo a protagonizarem sua própria história, para que possam adquirir valores, sentimentos que, bem reforçados, farão parte de sua identidade. E lutarão para que seja cada vez mais valorizada a manifestação da qual eles participam, como é possível constatar no depoimento da gestora:

Olhe eu acho que, primeiro pensando enquanto processo educativo, né. Desse aprender com o lúdico. Eu acho que a experiência dos T.M, ele traz enquanto processo mesmo educativo. Aonde as pessoas, a partir do prazer, a partir da dança, a partir... Mesmo quando não tá só dentro dos cortejos, mas, quem vai ver, termina meio que baixando a guarda (PANDORA, ver Apêndice K).

Outro Gestor ressalta a preocupação com o alargamento das fronteiras, permitindo a participação de crianças nos Tambores Mirins que não pertencem ao candomblé, mas também, de outras religiões, estendendo-se as comunidades e Escolas, como afirma:

[...] ela acontece mais com o sentido, é de repassar para as crianças e adolescentes dos TM, a memória e a preservação desta religiosidade. E também da própria manifestação cultural. [...]. O que tem acontecido é que o número de grupos que se apresentava desde a fundação dos TM, ele cresceu um pouco. Hoje nós temos outras Nações que estão se formando, mas o objetivo ainda é o mesmo. De preservar a memória, de conservar essa memória, é entre as crianças, não somente de candomblés, mas também expandir pras salas de aula, pras comunidades (EBRAIM, ver Apêndice J).

O ser humano, diante de um pluralismo cultural e religioso desencadeado através das diversas linguagens, vai, ao longo do tempo, construindo a identidade do grupo ao qual pertence. A identidade se revelará nas mais diversas formas de manifestações, uma vez construída, terão na sua estrutura elementos e representações que interferirão no seu modo de pensar e de agir. “Não podemos falar, quando pensamos em tal processo de construção, de uma só identidade social, a identidade social, mas sim na configuração de múltiplas identidades, por vezes convergentes, em outras divergentes, mas sempre fluidas e movendo-se a partir de fronteiras interativas” (ENNE, 2004. p. 7). E, conseqüentemente, os sujeitos envolvidos lutarão pela manutenção da identidade e continuidade das manifestações das quais

participam. Acreditamos que envolver as crianças em uma manifestação carregada de significados é mais uma das estratégias das lideranças para que as crianças passem a valorizar e construir identidade étnica e religiosa, bem como, dar importância à memória do espaço e também de quem o sacralizou. Como corrobora com suas afirmações o seguinte depoente:

[...] toda equipe pensou em fazer um resgate, uma reafirmação da identidade a partir das crianças [...] se as manifestações populares culturais forem mantidas pelas crianças e repassadas sempre de pai para filho, isso vai criar uma cadeia, uma teia cultural [...]. A criança que nasce hoje, daqui a pouco, tá andando, daqui a pouco tá fazendo... Então, é essa criatividade, esse elo, com e também com as religiões de matriz africana, assim fortalecendo, é, estabelecendo também um respeito, uma admiração, e reforçando mesmo essa questão, reafirmando a identidade cultural de um povo que construiu, que construiu o Brasil, que faz cultura popular e que não só faz cultura popular, que respira cultura popular, que vivencia no seu dia-a-dia (ELDER, ver Apêndice C).

Ao pensar em uma “reafirmação da identidade”, através da relação com o maracatu, percebe-se que brota do meio da comunidade a necessidade também de ver garantidos os direitos básicos, como educação, cultura e lazer para essa população jovem, que são “garantidos” pela Constituição Brasileira, mas, que, de certa forma, são negados pelo Estado a partir do momento que essa escola não contempla e não respeita a diversidade cultural e religiosa de origem africana.

O contato das novas gerações com a cultura afro-brasileira possibilita um exercício de sensibilização, reflexão e criatividade que suscitarão mudanças, fazendo com que os envolvidos adquiram novas posturas. E, na medida em que há transformação, aumenta a chance de propagar esse conhecimento, isto é, facilita transmitir-se uma crença ou tradição. As lideranças acreditam que as crianças, em contato com as manifestações populares, culturais, irão repassar para as futuras gerações essa tradição. Vemos que a luta do negro em busca de construir e manter uma identidade, não parou. É sinalizada ainda pelas lideranças a preocupação com o fortalecimento das religiões afro-brasileira, mesmo que as pessoas não se tornem adeptas dessas religiões, passarão a conhecê-las e respeitá-las.

Como liderança do Núcleo da Cultura Afro-brasileira, Genival diz acreditar que a geração futura fará melhor a sua construção étnica. Não seria um tanto quanto utópico o discurso da liderança, uma vez que estes enquanto defensores da luta pelo fortalecimento da cultura afro-brasileira se atrelam ao Estado? Tendo que em determinadas situações abrir mão de determinadas questões que defendem como sendo específico de cada maracatu? Como é o

caso de misturar os ritmos percussivos dos maracatus, tocando todos juntos durante a abertura do carnaval, como imposição da Prefeitura do Recife? Instituição que os patrocina? Vejamos o seu depoimento:

[...]. A gente tem a certeza de que vai ter um futuro, há dez anos, vinte anos, eles vão continuar. Com certeza ou incerteza. Mas eles vão fazer melhor. A geração passando pra geração. Eu tô vindo de uma geração, que tô passando pra essa geração. [...]. Quando eu vejo uma criança tocando tambor, tocando uma lata, batendo alguma coisa que seja benéfico. Que num perturbe a lei da vizinhança, ele tá construindo sua própria etnia, sua própria autenticidade. Eu vejo isso assim (GENIVAL, ver Apêndice M).

Além defender a continuidade, observamos que também existe a preocupação com a inclusão social no mercado étnico, que atenda as demandas da indústria do consumo da classe média alta, que fazem turismo. Como vemos no depoimento abaixo. A qual coloca que ex-alunos atualmente encontram-se participando dos maracatus tradicionais. Ou seja, ao fazer parte dos maracatus adultos, abrem-se as possibilidades de trabalhar em grupos musicais espalhados pela cidade, estado, e até mesmo fora do país:

[...] o objetivo maior foi garantir que o amanhã se dê continuidade a esse maracatu, não se morra [...]. E a prova é, por exemplo, tem vários maracatus, não só aqui nessa comunidade, em outras, que tem ex-aluno meu tocando ou dançando [...] Já inseridos nesses maracatus dos adultos tradicionais (VALDA, ver Apêndice D).

Orgulhosamente outra participante da nossa pesquisa, evidencia em sua fala que o maracatu é uma manifestação singular por existir apenas no Estado de Pernambuco. Deixa claro que os Tambores Mirins surgiram para ganhar visibilidade, uma vez que esse trabalho com as crianças já vinha se desenvolvendo há bastante tempo nas comunidades da Região Metropolitana do Recife. Coloca a manifestação como espaço que oportuniza “vivenciar a identidade negra”, ressaltando que, embora haja em outro Estado, porém, com características diferentes do que existe em Pernambuco que se destaca pelo toque dos instrumentos de sua percussão, trazendo suas cores vibrantes e a dança para os Orixás, ou seja, tem uma dimensão religiosa muito forte, como afirma em seu depoimento:

[...] O objetivo era dar visibilidade aos trabalhos que estavam acontecendo na cidade. E já há muito tempo [...], vivenciar a identidade negra da gente. E de uma manifestação que só tem em Pernambuco. Não é, não é amostração não, mas assim, o Ceará tem um maracatu que tem cortejo e tudo, mas ele tem uma outra característica, menos festiva. Eu acho. A primeira vez que eu vi, fiquei impressionada, com a beleza também, com a identidade, mas o toque é outro e tem um ritmo marcado de metal do gonguê, sabe? E, e é uma coisa assim, não é tão de evolução, de dançar pra Orixá, de... as cores dos Orixás tá lá gritando. Quem não entende, quando vê, faz: Que povo de mal gosto! Esse vermelho com preto destoante. Eu digo, hum...hum... num bote não viu fiu!! (risos), Bote não! (risos). Não é? As cores muito berrantes, eu digo, é... os portugueses também diziam isso quando viram pela primeira vez o cortejo, não sabiam eles que aquela dança inocente era a forma de cultuar na rua. Eu acho que, nas culturas, hoje é mais fácil a gente entender porque a gente tem clareza de que a África não é um País, é um Continente, com mil recortes, não é? E que cada Nação tem sua forma de cultuar suas entidades, então, sei lá, se procurar essa do Ceará é uma manifestação provavelmente africana, de outra Nação, outros povos, outras línguas, outras culturas africanas (LAIR, ver Apêndice E).

Figura 06



Grupo de Percussionistas de Maracatu Infantil no Pátio do Terço – Foto Eliene Ferreira - em 20/02/2012.

Percebemos ainda, pelo conteúdo das falas dos depoentes, que estes tinham o entendimento de que, inserindo as crianças no contexto de uma manifestação que é fruto da luta de minorias sociais, em específico do negro, estariam educando-os para terem outro olhar. Ou seja, perceber que o processo de escravidão sofrido pelo negro não diz respeito apenas à questão da exploração da mão de obra escrava, é de se considerar outros fatores, como a sua coragem em lutar para sair da condição servil a que estavam submetidos e da dominação do cristianismo que os impedia de praticarem suas crenças. Pois, hoje, o que é supervalorizado é resultado da resistência do negro para que sua religião sobrevivesse e consequentemente deixar um complexo conjunto de mitos, ritos, lendas que estão vinculados à cultura afro-brasileira, como destaca a entrevistada:

O objetivo era trazer, conhecer a cultura, essa cultura ancestral, pra que não se perdesse. As crianças pudessem se apropriar dessa história. Que é tão viva, que é tão importante, e que tem um valor cultural. Então a gente não podia deixar, de passar, de ir buscar, de pesquisar (MARTA, ver Apêndice H).

Nabi destaca a preocupação com o “fortalecimento da cultura” e que os envolvidos com os maracatus infantis que participam da Cerimônia dos Tambores Mirins saiam da ociosidade e conheçam o que é o maracatu. Conhecendo o maracatu, aprenderão a valorizá-lo e também desprover-se de preconceitos, respeitando as diversas formas de manifestações religiosas. Vejamos as considerações da líder de maracatu e *Yalorixá* sobre o objetivo dos Tambores Mirins:

O objetivo de quando foi criado, foi fortalecer a cultura, e também o resgate de crianças da ocupação de crianças que vive na ociosidade [...] e também, enriquecer pra que eles conheçam a história do maracatu desde o princípio. Ocupando eles, ensinando a cultura a eles, com certeza a valorização é muito maior [...]. E também o fortalecimento religioso [...] E nossas crianças para, é, eles aprender a amar o candomblé. Que nós somos candomblecistas. E para eles não terem também vergonha do que são. E ter o orgulho de nossa religião, [...] eles participando. Ali eles começam a ter amor e passam a respeitar um ao outro. Não existe isso, entendeu? Independente da religião. Então eu acho que foi uma grande criação que teve de fundar os TM, pra manter a tradição. Um fortalecimento pra manter a tradição e eu acho que não deveria nunca mudar. Como não pode mudar. Que ali são de nossas mãezinhas. Nossa história entendeu? Então num pode. Aquele local. Entendeu? É um local sagrado que num se pode mudar. E é muito bonita a cerimônia. A cerimônia é todo no infantil, não são evocados eguns, como é no adulto, que é diferente. E são, é a invocação é de, na linguagem popular, Cosme e Damião (NABI, ver Apêndice I).

São notadamente discursos que demonstram apego às tradições da cultura africana, pois o candomblé possui um conjunto de práticas e valores que foram trazidas com os negros. Pelo que percebemos na fala da entrevistada, conhecer e participar do maracatu contribuirá também para que a religiosidade seja fortalecida. Para os envolvidos, significa preservar o que fora construído e que tem hoje um significado histórico, nesse sentido de valorização, o Pátio do Terço é considerado um local sagrado e essa participação das crianças e jovens nesse espaço ficarão fixados em suas memórias. As diversas imagens ali apresentadas lhes darão suporte para elaborar suas próprias representações. Com isso, possibilitará a cada envolvido sentir a necessidade em manter aquela manifestação naquele local, por ser, como diz a *Yalorixá*, “de nossas mãezinhas”¹⁸. Em sua fala, também faz questão de mencionar a importância da cerimônia que considera importante, porém, ressalta que é diferente da cerimônia dos adultos, pois não evocam *eguns*. Explica que é como se fosse Cosme e Damião na linguagem popular. O que supostamente é mais uma reinvenção criada pelos adeptos do Candomblé, uma vez que não existe um nome específico para orixá infantil. Pois, segundo Campos (2011) “novos rituais são reinventados, mais sofisticados, com maior visibilidade” nas religiões afro-descendentes no Recife. Podemos constatar também na prática de conduzir os ensaios pelas próprias crianças, sob a orientação de lideranças adultas. Uma reinvenção que autoriza um não iniciado no candomblé a contribuir na transmissão do saber e de valores da religião afro-brasileira. Oliveira (2010) corrobora com a ideia de reinvenção pelos afrodescendentes quando afirma:

A religião do candomblé atuou numa dimensão de fundamental importância para os africanos trazidos para o Brasil, constituindo-se em espaço de liberdade e recreação da vida simbólica. Como em outras formas de resistência cultural, também na religião a identidade étnica afro-brasileira permaneceu vinculando-se continuamente à ancestralidade original africana, atualizando e reinventando sentidos de pertencimento à África mítica de referência. Mitos, cantos e ritos negros atravessaram séculos de escravidão ancorados em espaços sagrados, chegando até os dias de hoje, num processo de vigorosa reelaboração da vida africana, permitindo a preservação de um ethos específico que sobreviveu a várias pressões dos grupos dominantes como verdadeiros nichos de resistência cultural, espaços de re-organização de suas estruturas sociais e culturais (OLIVEIRA, 2010. p. 15).

Ao analisarmos o discurso do próximo entrevistado, vimos que há ênfase no sentido de que sua prática está voltada para proporcionar às crianças um momento para que adquiram identidade através da enculturação que se dá quando dançam e tocam para os Orixás.

¹⁸ “Nossas mãezinhas” – Trata-se das três mulheres do Pátio do Terço.

Afirmando que o trabalho vai reforçar bem o aspecto da religiosidade, para que possam assumir-se e não negar suas raízes africanas e declara:

[...] é pra reforçar o processo de trabalho que já vem com os batuqueiros mirins e que seja mais um Pólo aberto pra eles, por que, antes, nós só tínhamos um Pólo, que era Pólo do, do pra os grupos mirins, que era o Urso, Troça e Maracatu Mirim, que eram feitos à tarde, então pra abrir mais o espaço, pra que as crianças se interessassem mais pela própria cultura, e por esses manifestos dos bairros, então o objetivo da abertura dos TM foi pra que, um termo de incentivo a mais pras nossas crianças. [...]. O objetivo hoje é a proporção, é aquela coisa, né. Você abre o espaço pra mostrar que eles são importantes no celeiro da cultura e também o outro lado da cultura, e também o outro lado é fazer com que a criança é, veja, desde criança, desde pequeno, tome esse entendimento da sua própria religiosidade, de sua própria cultura, saber que ele é negro, e ter orgulho e dizer eu sou negro, né? (CELSO, ver Apêndice F).

Observa-se que o discurso de Celso é característico de quem milita os movimentos negros sociais, deixando transparecer que a intenção do grupo é de que, desde crianças adquiram esses mesmos valores. Isso se evidencia quando diz que a criança ao participar dos Tambores Mirins, passa a entender que “é negro, e ter orgulho e dizer eu sou negro”.

Para Mauro, ao repassar conhecimentos que os antepassados lhes deixaram para as crianças, entende como possibilidade desse trabalho ajudar a nutrir o laço social e religioso que foi aprendido ao longo do tempo. E que poderá se tornar algo significativo para quem participa hoje e futuramente, como destaca o depoente:

É importante uma festividade pras crianças dentro dos maracatus porque cada nação mirim, ela atende como, como no caso, como genitora, como mãe, o maracatu adulto. No caso, o Nação Peixinhos é o maracatu da Nação Axé da Lua, é um maracatu mirim que trabalha com criança da Nação Axé da Lua. Como outros maracatus têm, cada um têm sua nação. Por exemplo, tem Leão da Campina, têm o Vuginhos, que é Nação Angola, por isso que chama Vugi, mas Vugi é a mesma coisa que Erê. Erê é Iorubá e o Vugi, as crianças da Nação Angola. Nações de Banto Congolês e como... Esses dois maracatus, também têm a Nação Porto Rico mirim, tem a Nação Estrela brilhante, tem o Encanto da Alegria mirim também que são maracatus de criança, tem o Gato preto mirim, tem o Encanto do Dendê, tem Oxumirim, também que é um maracatu adulto, mas que também tem dentro do seu bojo uma nação mirim, pra trabalhar justamente com as crianças, pra dar continuação desse trabalho que é muito difícil, muito árduo, mas a gente acredita que a criança é o homem de amanhã, por isso que a gente mantém esse trabalho, dentro dos maracatus grandes [...] (MAURO, ver Apêndice G).

Colocar a Nação de Maracatu de tradição como mãe dos maracatus infantis é auto-identificar-se como categorias nativas de práticas exclusivas (ENNE, 2004), ou seja, o Maracatu Nação de acordo com essa concepção é o único que tem legitimidade de construir identidade e memória afro-brasileira, na tentativa de passar a ideia de ser diferente em relação a outros grupos de maracatus, ou seja, considera o Maracatu Nação como legítimo, que realmente tem vínculos com a cultura afro-brasileira.

2.2 A relação dos maracatus infantis com a religião afro-brasileira

Na fala abaixo explicitada, observamos a distinção que a liderança tenta estabelecer entre o maracatu infantil que é de candomblé, chamado de “Nação de Tambor”, e os que não são de terreiro e, por isso, segundo ele não possui ligação com o candomblé. Porém, não deixa claro qual a real relação que esses grupos têm com a religião afro-brasileira. Como podemos evidenciar na fala abaixo:

[...] Nós temos lideranças é de Nações de Tambor, de maracatus mirins que são de Candomblés, nós temos outras que são Pedagogas, professoras de Escola, que pelo incentivo à cultura negra, tá dando essa contribuição. E fazem este link, evidente. Eles passam o respeito, pela diversidade, seja ela qual for, inclusive religiosa, mas não força, que é isso que eu acho que é o grande plus, dessa pedagogia. Não força que se tenha uma catequização com relação à religião do Candomblé, mas eles incentivam bastante o respeito, não somente do próprio Candomblé, que é uma religião que foi historicamente excluída, e discriminada, mas o respeito a toda uma diversidade religiosa, de todo esse contexto, étnico (EBRAIM, ver Apêndice J).

Quanto aos maracatus que o colaborador nomeia como de “Escola”, que têm, como liderança, educadores, considera a contribuição destes, ao fazer o trabalho com maracatu infantil, como uma forma de incentivar os envolvidos a terem conhecimento da cultura afro-brasileira, mas, destaca que é um trabalho para que os meninos e meninas aprendam a respeitar todo tipo de diversidade, dentre estas, a religiosa. Porém, o discurso se torna contraditório, pois, na manifestação dos Tambores Mirins, a única religião presente é o candomblé que pertence ao grupo étnico de afrodescendentes.

Ebraim destaca como fator de maior relevância, dentro de um trabalho “pedagógico”, a questão da não obrigatoriedade religiosa por parte de quem participa, não havendo assim a “catequização” com o candomblé. Acreditando que essa forma de envolvimento, através da

dança e música, é um dos atrativos para que todos participem e façam parte de uma tradição religiosa e cultural que foi por muito tempo excluído, e futuramente possam dar continuidade, respeitando todo tipo de religião. O que evidencia uma contradição no seu discurso, pois, ao envolver as crianças para que façam parte do candomblé, evidentemente está havendo uma instrução quanto à religião, ou seja, uma espécie de proselitismo, embora a participação não seja uma prática arbitrária.

Outra entrevistada que também fazia parte da Gestão do Núcleo Afro afirma o seguinte sobre a relação dos maracatus infantis com a religião afro-brasileira:

[...] Eu acho que esses grupos, eles têm uma relação de aproximação. Então, a diferença. Alguns grupos, eles estão, eles pertencem aos Maracatus Nação. Então, nesses grupos, como Maracatu Nação, ele tem toda uma ligação religiosa. Ele nasce a partir dessa relação religiosa. Então, esses grupos, eles têm uma aproximação maior. As crianças têm uma aproximação maior porque, em uma grande parte dessas crianças, não são todas, evidente, mas uma grande parte dessas crianças, elas também participam do terreiro ao qual o maracatu está ligado. Então, é o caso do maracatu Encanto da Alegria, que tem um terreiro que o fundamenta. O Maracatu Mirim Encanto da Alegria, a maioria das crianças participa também daquele terreiro e o mesmo vai acontecer também com o Cambinda Estrela. Agora é... os maracatus que são formados a partir de uma Escola, necessariamente, eles não têm essa ligação. Claro que algumas crianças, muito provavelmente vão estar ligadas a um terreiro porque também na sua vizinhança tem essa relação. Consequentemente, elas vão estar. Mas, não tem. Eu, na minha percepção pelo menos, não tem essa ligação mais direta. Eu acho (CARINA, ver Apêndice L).

“Relação de aproximação” é o que a nossa colaboradora afirma que os Tambores Mirins têm com a religião afro-brasileira. Porém, não assume que a relação acontece de forma direta. Contudo, em seguida, diz que os Maracatus Nação possuem “toda uma relação” por serem de candomblé, ressaltando inclusive que é a partir da relação com a religião afro-brasileira que nasce o Maracatu. No entanto, deixa claro que os maracatus que são de Escolas, esses não têm ligação, embora, seja provável que algumas crianças sejam adepta do candomblé, mas por estarem em contextos diferentes não têm ligação direta. Para nós, a negação da relação entre os Tambores Mirins e o candomblé, por parte de Carina, não se justifica, devido à mesma ser uma das educadoras responsáveis pela articulação e por isso aparenta ser intencional essa negação, pois uma declaração afirmativa, talvez interfira nas negociações que estes enquanto agentes sociais vêm utilizando no processo de construção de memória e identidade afro-brasileira mantida até a atualidade.

Outra liderança também participante da gestão do Núcleo Afro faz a seguinte declaração sobre a questão abordada acima:

[...] Eles têm uma relação de admiração, de cuidado. Agora, aos que são mais de trabalho de cunho educativo, não têm relação às pessoas. Agora, até onde eu sei, a relação é das pessoas e não da instituição maracatu, entendeu? Por que, por exemplo, a boneca que as meninas carregam não é propriamente uma calunga. Pras meninas, é uma imitação disso aí. Não é uma calunga porque a calunga, ela tem outro fundamento. Ela tem toda uma fundamentação religiosa. No maracatu infantil, não. O maracatu infantil são as crianças. É uma coisa pra criança. E ela sabe que tá carregando uma boneca. É importante no maracatu porque ela tá fazendo toda uma coisa de aprendizado. E eu acho que a Noite dos Tambores Mirins, ela serviu pra isso. Pras crianças entenderem melhor o significado. Mas, ela num é uma instituição religiosa. [...]. Agora num é uma agremiação religiosa, tem uma diversidade grande. Agora é claro que as crianças do Cambinda Estrela do Amanhã, as crianças do Nação Vuginhos, entendeu. Dos maracatus adultos, aí, os adultos que vão levar as crianças se preparam. E tem crianças que são também preparadas, pro trabalho. Mas, aí é uma coisa que eles, os maracatus é que saberiam dizer direitinho (JOSHUA, ver Apêndice O).

O entrevistado afirma que os maracatus mirins, que não são de terreiro e que fazem um trabalho educativo, não têm relação com a religião afro-brasileira. Que a relação é das pessoas. A colocação fica um tanto quanto confusa, uma vez que, quem faz o maracatu são as pessoas. Quanto à boneca que as meninas carregam, diz que não é uma calunga, por não ter uma “fundamentação religiosa”, o que no nosso entender, a boneca não deixa de ser uma calunga para criança porque ela já tem esse termo internalizado devido à sua familiaridade com o brinquedo, por participar do Maracatu. Ela apenas ainda não consegue abstrair, fazendo associações, entre esta e as representações mitológicas do panteão africano. Ela só conseguirá ter esse entendimento ao longo do processo, em que o contato será maior, contribuindo para que se adquira uma maturidade necessária para dominar determinados conceitos da experiência por ela vivenciada. Embora o nosso informante tenha colocado que as lideranças dos maracatus seriam as pessoas mais indicadas para responder com propriedade sobre essa questão, deixou explícito, que os maracatus infantis de terreiro conseguem envolver as crianças com o aspecto religioso.

Embora os maracatus de escola trabalhem com as questões que estão intimamente ligadas ao núcleo central do maracatu, por demonstrar, através dos textos das composições das suas músicas, alusões aos orixás como divindades do panteão africano, trazendo sua corte e os seus componentes, incluindo aí a calunga, que representa o sagrado no maracatu e candomblé, é negada pela liderança de maracatu de Escola, a ligação com a religião afro-

brasileira. Na visão desta, o trabalho que vem sendo desenvolvido é visto apenas como um resgate dos valores da cultura afro-brasileira. Como podemos confirmar através de sua fala: “com a religião... É... Por que é assim. O Maracatu em si, ele traz o resgate da cultura afro. Por isso, que existem os personagens: O Rei, a Rainha, o Príncipe, a Princesa... Só os valores da cultura afro-brasileira” (NAZIRA, ver Apêndice B). É importante salientar que o discurso de Nazira não nos convence, pois acreditamos que todo o trabalho desenvolvido pela instituição da qual faz parte é de construção de identidade afro-brasileira. Não é o discurso da liderança que explicita a relação com a religião e sim a prática que se encarrega de transmitir valores da cultura afrodescendente, que através de estratégias políticas de militantes dos movimentos negros sociais, acabam por envolver de forma sutil, até os adeptos de outros credos religiosos, como é o caso de Nazira que afirma ser evangélica.

Figura 07



Dama do Paço Mirim exibindo sua calunga no Pátio do Terço. Foto de Eliene Ferreira em 20/02/2012.

Como pudemos constatar no depoimento acima, a informante Nazira é mais uma liderança a negar que haja relação entre o seu maracatu com a religião afro-brasileira, talvez o motivo seja o mesmo que levam as outras lideranças já citadas anteriormente a negarem.

Marta assume em seu discurso fazer “uma relação com a história” e “um pouco da religiosidade”. Para tentar nos convencer de que o aspecto da religiosidade não é trabalhado, utiliza o argumento de que nas composições das músicas do seu maracatu, fala dos Orixás apenas para dar conhecimento do que são esses personagens. Ressaltamos que o grupo ao qual estamos nos referindo é o Primeiro grupo de Maracatu Infantil de Baque Virado do Brasil, com 18 anos de existência. Pelo que pudemos observar, é um trabalho desenvolvido em uma comunidade periférica, em que os seus líderes semeiam através da enculturação valores e conhecimentos inerentes às religiões afro-brasileiras, que se propaga, contribuindo para inclusão social e continuidade de uma manifestação que há décadas faz parte da história do povo pernambucano. Vejamos a declaração da entrevistada a qual nos referimos acima:

Olhe, não tem uma relação com a religião. Tem uma relação com a história, de conhecer a história, saber que as músicas do maracatu, do nosso maracatu... Você pega o CD, as músicas têm tudo a ver com a questão tanto da história, quanto um pouco da religiosidade, não é? Falando dos orixás, tá. O estudo de saber quem são, quais são os orixás. O todo que quer dizer todas as suas histórias. A gente tem feito, é há dois anos, de dois anos pra cá a gente tem parado um pouco por falta de recurso mesmo, que num é fácil não. Você tem que ir atrás de pesquisa, tem que comprar livro, você tem que conhecer, você tem que fazer visita, você tem que levar eles, você tem que ter pessoa capacitada pra estar estudando com eles. É... Tudo isso tem um custo. Tem custo de pessoal, custo de material e [...] (MARTA, ver Apêndice H).

Ainda sobre o depoimento acima, procuramos uma letra da música sobre a qual a entrevistada mencionou e observamos que o conteúdo da composição dimensiona o aspecto religioso quando retrata *Olorum*, que significa Deus Supremo nas religiões afro-brasileiras, nas quais seus adeptos dançam para os Orixás, transportando-os através do imaginário à Luanda, Capital de Angola na África, local dos mistérios de *Olorum*, a quem atribuem à responsabilidade de iluminar, proteger e distribuir força vital (axé) a Nação e sua corte, como retrata a música a seguir:

Nação Erê é de Baque virado é de maracatu. Nação Erê não é só baque virado, é do nosso Olorum. Nação Erê é de Baque virado é de maracatu. Nação Erê não é só baque virado, é do nosso Olorum. O Cepoma foi quem me ensinou a dançar o maracatu e a zabumba tocando em Luanda os segredos e cantando Olorum. A Rainha que se coroou, as baianas foi quem se inspirou, Olorum ilumina o caminho. O caminho que a corte passou. Com N escrevo Nação, com E escrevo Erê; Com as palavras da corte Mirim essa é a Nação Erê. Falando em criança Olorum escutou, Olorum é a força da nossa Nação. Nação Erê é de baque virado é de maracatu.

Outro fato observado no discurso de uma liderança ligada a uma ONG, que é gerenciada pela Igreja católica, é outra tentativa de negar a relação do maracatu deles com o candomblé. É colocado que respeitam a religiosidade, mesmo sem ter citado a palavra candomblé, acreditamos que a religiosidade referida tenha sido a afro-brasileira. Tal negação talvez se deva à questão colocada por ele de ter como integrantes na instituição da qual faz parte, de 30% a 40% de evangélicos, talvez, se ficar declarado que o maracatu tem ligação com a religião afro-brasileira, os pais se recusem a deixar os seus filhos participarem das atividades promovidas pela ONG, que, além da atividade com o maracatu, também participam de outras atividades como capoeira e reforço escolar. Reforçando ainda a negação, diz que respeitam, mas não têm ligação. O colaborador afirma que não são um maracatu de nação e sim uma nação de maracatu. Justificando que as “Nações de Maracatu” infantis, surgiram a partir de um trabalho que vem sendo desenvolvido nas comunidades através de Projetos, pelas ONGS e Escolas. Tendo como base uma proposta de Paulo Freire, pautada na contextualização, aproveitando as experiências vivenciadas pelos sujeitos envolvidos. Como veremos a seguir através de sua colocação:

É uma relação de respeito. A gente respeita muito a instituição em si e o maracatu que é parte da instituição, a gente respeita muito essa questão da religiosidade, inclusive a nossa instituição, a Turma do Flau tem, devemos ter 30%, 40% de protestantes e, com relação às religiões de matriz africana, também, a gente trata com muito respeito, não somos um Maracatu de Nação, somos uma Nação de Maracatu, porque se não me engano, na década de 90, foram criadas essas nações a partir das Escolas, do trabalho das Escolas. Por exemplo, a Nação Erê foi criada aqui a partir do trabalho das Escolas, muito é pensado naquela questão também de Paulo Freire, de fazer a pedagogia a partir da atividade cultural, da vivência do povo, contextualizada, tudo isso. Pronto, então os maracatus de Escola nasceram dessa perspectiva. Então, nós não somos de terreiro de Candomblé, mas temos assim um respeito muito forte por todas as religiões, inclusive pelas religiões de matriz africana (ELDER, ver Apêndice C).

Ainda sobre a relação com a religião afro-brasileira, outra colaboradora afirma que diretamente o trabalho que realizam não está ligado, que apenas “falam da religiosidade”. Vejamos o que diz a colaboradora e em seguida faremos novas observações acerca do seu posicionamento:

Diretamente, dentro do Candomblé, não. Não. A gente faz um trabalho aqui, durante todo o ano, a gente fala sobre a questão da religiosidade, mas, é uma coisa, até porque, dentro dos estatutos de ONG, existe um critério, que você não pode ter ligações, nem com religiosidade, nem com partido político, entendeu? Mas a gente faz um trabalho, a gente pesquisa, e até porque, uma boa parte deles, as famílias deles, muita gente vem de terreiro, entendeu? Tem muita gente que é ligada ao terreiro de Candomblé. Então a gente... E outra coisa, independente, que você querendo ou não, você mexeu com a cultura popular, você mexe com a religiosidade. Diretamente ou indiretamente você mexe. Então não vou dizer que eu não trabalho a questão religiosa que eu trabalho (VALDA, ver Apêndice D).

Acreditamos que o fato da ONG não poder ter vínculo com questões religiosas e políticas contribui para que essa ligação seja negada. Pois, há contradições em sua fala quando, inicialmente, diz que apenas aborda sobre questões pertinentes à religiosidade e que faz pesquisa sobre o tema em discussão. Mas ao concluir sua fala, admite que, quando se trabalha cultura popular, querendo ou não você, trabalha religião, porém não esclarece qual a religião está relacionada com a cultura popular. Outra contradição observada no discurso é o fato de que nas paredes do salão da instituição onde acontecem as oficinas de dança, estão presentes imagens dos Orixás, bem como a cor de alguns espaços do local, como portão, etc., relacionados aos Orixás. Outro aspecto que mostrou uma ligação muito mais próxima desse maracatu organizado pela ONG e o candomblé fica evidenciado no trecho abaixo de nossa entrevista:

Entrevistadora (Eliene): Qual o orixá que está relacionado com o seu maracatu?

Entrevistada (Valda): Bom. A gente tem que botar Iansã, porque é a dona do carnaval. É... Mas, o Orixá que reina no Centro, não é só no nosso maracatu, mas reina no Centro aqui, é... Nós temos três: é Oxum, Xangô e Oxalá.

Entrevistadora (Eliene): Mas porque da escolha desses Orixás?

Entrevistada (Valda): Não. Não foi nenhuma escolha, foi questão mesmo da gente pedir pra jogar mesmo e jogaram. E disseram que quem reina aqui é Oxum. E tem também Orixalá e Xangô, que está aqui.

Entrevistadora (Eliene): Mas, quem faz a escolha?

Entrevistada (Valda): No caso da gente, foi uma questão de jogo mesmo dentro do candomblé. Uma pessoa religiosa que jogou e que viu que quem reina o nosso... Tanto é que as cores são as cores deles. Vermelho, amarelo e branco.

Figura 08



Centro Cultural *Daruê Malungo* – Orixás de Ligação – *Orixalá, Xangô e Oxum*.

Ao interrogar-lhe sobre o significado das cores e se estavam relacionadas ao maracatu a qual faz parte, Valda responde: “O amarelo é Oxum, o vermelho é Xangô e o branco é Orixalá. Não só com o Maracatu, mas com todo o Centro. Todo o Centro. Você pode ver as pinturas puxam pro branco, amarelo e vermelho. Portão, parede [...]” (VALDA, ver Apêndice D).

Sem admitir que tenha relação direta com a religião afro-brasileira, Lair, uma das responsáveis pelo maracatu da ONG, diz que o maracatu da ONG da qual faz parte, não é de terreiro, porque lá não é um candomblé. Porém, encontramos indícios de que a sua prática está recheada de rituais praticados no candomblé. Embora tenha a compreensão que está num país laico, onde não temos uma religião considerada como oficial, mas há uma preocupação com a população evangélica que cerca o seu entorno. Cremos que seja no sentido de que os pais evangélicos impeçam seus filhos de participar do maracatu ou migrem para essas igrejas, como ela diz que de fato acontece.

Um fato importante que demonstra a relação com a religião afro-brasileira é a participação de uma sacerdotisa, como uma das fundadoras do maracatu, bem como o ritual de proteção que é feito para proteger as crianças, para que não aconteçam coisas ruins no dia da apresentação do maracatu na segunda-feira de carnaval. Encontrando também presente

relação com os Orixás, nas cores das roupas, como pudemos constatar através de sua afirmação:

Olhe, o da gente, eu não posso dizer que é de terreiro porque aqui não é um terreiro. Porque a gente tá num País laico. Porque eu não posso tá... Ainda mais porque eu tenho igreja evangélica, tenho a dar de pau. Já perdi muito nesses maracatus todos da minha vida. O início do Erê, eu não cheguei a pô-lo na rua, mas, não é? O link com sacerdotisas do Candomblé, Maria de Sônia, tava aí presente. E eu dizia, olhe, como é que eu dizia? Faça aí suas proteções, meus meninos vão pra rua viu? Aí ela fez. Os meninos da gente, claro, tudo do terreiro dela, da rua dela. Era parente de sangue, tudo misturado. E assim, o Novo Pina, eu, eu... O que me apaixona, que me dá currículo. Currículo de coração, não é currículo pros outros não, é pra mim. É... o nego Douglas, aquela coisa linda. Do Maracatu de Elda, que, quando Elda começou a colocar na rua o maracatu com paradinha, e um atabaque para todas as alfaias e um atabaque no meio, fazendo solo, era o nego Douglas. Quando eu vi a primeira vez, que aquele bexiga, era desse tamanho, só vivia na sala da Direção aprontando, levou tanto esporro meu. Tantas vezes, sabe? É um artista. É que canta, puxa as toadas, as músicas do maracatu encantos do Pina. E Joana. Joana era outra aluna minha da Escola e que saia tudo pequenininho no maracatu, dando banho, porque já eram do terreiro, né? Então assim, eu estava cercada, e ela não é qualquer uma dentro do terreiro de Elda. Eu sempre tive um terreiro perto de mim, quando não tinha eu ia buscar. E eu nem era, até hoje... (LAIR, ver Apêndice E).

Vejamos o que dizem as lideranças dos maracatus que tem relação com as religiões afro-brasileira.

Com irreverência e descontração Celso, líder de maracatu de terreiro, revela através do seu posicionamento, consciência do trabalho que desenvolve e concomitantemente deixa escapar de forma sutil através da afirmação “sou de matriz africana” ter uma identidade étnica e religiosa do negro, discurso dos militantes dos movimentos negros sociais, como podemos observar na narrativa abaixo:

Todas (risos). É... Eu costumo colocar nas minhas entrevistas, no livro que eu estou escrevendo, e, em outros trabalhos que venho colocando, que maracatu e religião são um paralelo singular, eles dois andam em mesmo sentido, é um trabalho que é feito, que um depende do outro, um não pode viver sem o outro. Então o maracatu... se você perguntar, Celso, qual a sua religião? Maracatu é minha religião, porque eu sou de Matriz Africana, eu sou de Candomblé, eu amo o Candomblé e amo o maracatu, eu não consigo, eu não consigo hoje, viver sem a minha religião. Eu não conseguiria viver sem o maracatu, então o maracatu é minha religião, faz parte do ar que eu respiro, então assim, é, sem a religião não existe Nação de Maracatu. Então, hoje as nações de maracatu, as nações, são sem a religião, elas jamais poderiam existir, não só o Porto Rico, como todas as Nações de Maracatu. Sem a religião, elas jamais existiriam (CELSO, ver Apêndice F).

A forma como assume e o orgulho que sente em ter como religião o maracatu nos faz pensar que tal postura seja fruto de influências recebidas de sua formação acadêmica, participação no terreiro de candomblé desde a infância e a possível militância nos movimentos sociais negros. Isso se evidencia quando afirma que os Tambores Mirins servem como “educação religiosa”, como destaca:

[...] Sou preto, não tenho nenhuma divergência na cor, no cabelo e dizer não meu cabelo é pixaim, eu adoro meu cabelo, e acima disso tudo com sua própria religiosidade que é o Candomblé, a de Matriz Africana e dizer, não, sou do Candomblé! Sou negro! Né? Tenho raiz Nagô! Tenho raiz Jeje, raiz Ketu, mas sou do Candomblé. Então os Tambores também servem pra essa questão da educação religiosa, que é o que falta muito nesse nosso País. As crianças, elas não são educadas religiosamente, e a maioria da deseducação que existe nas Escolas é que todo mundo é católico, né? O desrespeito maior a quem realmente tem sua verdadeira crença (CELSO, ver Apêndice F).

A nossa suspeita de que o discurso da liderança citada acima tem relação com o discurso dos militantes dos movimentos sociais negros, está fundamentado na análise das concepções a respeito das religiões afro-brasileiras nas propostas contidas no documento final da II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, realizado por Oliveira (2011), que aborda que com golpe militar de 1964, o Movimento Negro Unificado, foi desmobilizado e uma das estratégias de voltar à cena e ganhar adesão dos militantes, foi utilizar o discurso da negritude defendendo o resgate das raízes africanas e tinha como foco principal a formulação de políticas públicas de combate ao racismo e promoção da igualdade racial, reconhecimento e valorização da constituição e identidade afrodescendente em que:

Trata-se, em primeiro lugar da adesão a uma estética da negritude – vestuário, penteados, adereços ditos afro (...). Além da sua própria imagem a adesão deve passar pela valorização e mesmo adoção de elementos da ‘cultura africana’, tais como música, dança, jogos e até hábitos alimentares, traduzidos nos jornais em receitas atribuídas aos antigos descendentes de escravos. Para completar o modelo insiste-se na adoção, para as crianças de nomes africanos que aparecem sempre nos jornais acompanhados de sua tradução para o português (MAUES, apud OLIVEIRA, 2011. p. 52).

Nabi, sacerdotisa de candomblé e responsável por uma nação de maracatu, afirma que qualquer nação de maracatu tem que pertencer ao candomblé, ou seja, indica que tem “preceito” religioso. Evidentemente que, quando se trata de trabalho com crianças, há diferença na forma e no conteúdo. Ou seja, os rituais são próprios para as crianças e não ultrapassam os limites do terreiro. As oferendas são frutas, doces, que são ofertados a

entidades infantis, que ela compara com Cosme e Damião. Porém, ressalta que, embora as atividades sejam no nível das crianças, a ligação do maracatu com a religião é muito forte, e tudo que é executado segue normas e princípios de cada terreiro. Vejamos a seguir o seu depoimento:

[...] Nação de maracatu, de qualquer maracatu, já tá dizendo: Nação. Ele tem que pertencer à qualquer nação do candomblé. Que seja Ketu, Jeje, Nagô, Xambá de qualquer um. Entendeu? Então já tá dizendo Nação porque tem preceito religioso. Só que na Nação infantil, todo preceito, como eu disse a você, é tudo das entidades de crianças, como Cosme e Damião. E tudo que se arria pra eles, como fruta, confeito, doces, é... o arroz doce com muito mel. Tudo isso, isso é feito, entendeu? Faz também assim o preceito de rua porque temos que proteger aquelas crianças. Que também existe, aquelas entidades que defendem as próprias crianças na rua. Entendeu? E fazemos todo o preceito na religiosidade. Então a ligação é muito forte de, da religiosidade com o maracatu. Agora assim, na hora da religiosidade, acho que fundamento nós devemos fazer dentro do barracão. No meu caso, eu não estou falando por outras nações porque eu costumo respeitar todas, pra ser respeitada. Então, cada um leva sua nação como foi criado. Pelos seus papetos, mametos, babás, oyás, né? Então, no meu costume, todo fundamento é feito dentro do barracão. E não devemos levar pra fora. Nem incorporação, nem nada. Até porque nem o infantil, nem o adulto. Só que existe aquela energia muito forte na hora. Tanto no do infantil, como no adulto. Mas, se você faz as coisas dentro do meu regime, é, passa a fazer as coisas direito, eles ficam com a energia muito forte (NABI, ver Apêndice I).

Sobre esse aspecto pensamos que independente de ser nação de maracatu, ou maracatu de nação, a manifestação dos Tambores Mirins dramatizada anualmente no Pátio do Terço, trata-se de enquadramento de memória (POLLAK 1989), pois além de manter a coesão do grupo, como forma de defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum que é o pertencimento a cultura afrodescendente, também serve como marco na construção de identidade e memória, sendo uma das estratégias políticas utilizadas pelos agentes sociais que em meio a um complexo processo de disputa por legitimação e poder ganham visibilidade durante o carnaval do Recife.

2.3 O sagrado na rua: a experiência religiosa dos Tambores Mirins

Tentaremos evidenciar como ocorrem os rituais que dão identidade religiosa afro-brasileira aos grupos de maracatus infantis, os Tambores Mirins. Por tratar-se de uma manifestação cultural e religiosa, procuramos elucidar através de questões direcionadas aos

líderes de maracatus infantis, para identificar quais os rituais que são realizados como preparação para o carnaval e dos Tambores Mirins.

Conviver com o semelhante é uma necessidade inerente ao homem, é através da relação com o outro que se estabelecem vínculos e compartilham-se experiências, “[...] desenvolve os seus conhecimentos e as suas habilidades, adquire determinada cultura, certas crenças religiosas, certos princípios morais e certos critérios estéticos segundo a sociedade a qual pertence” (MONDIN, 1980, p. 166).

Ainda sobre esse aspecto, não podemos deixar de mencionar que a sociabilidade só se torna possível por haver comunicação entre os homens. Segundo Mondin, o fenômeno da sociabilidade é a autotranscendência que permite o homem relacionar-se dialogicamente, usando diversos meios de comunicação como signos, códigos para retratar ideias, que segundo o autor:

[...] o homem autotranscende para comunicar-se com os outros seres de sua própria espécie; mas ele também tende a comunicar-se com todos os outros seres inteligentes que possam existir no universo, e procura também estabelecer relações de comunicação com o mundo infra-humano [...] ‘a pessoa é uma entidade em tríplice relação dialógica com a natureza, com o próximo e com Deus [...]’ (Ibid., p. 168).

De fato, desse relacionamento, o homem constrói seu “mundo” e seus horizontes de sentidos que, na coletividade, preencheu-se de significados, tornando-se tão importantes quanto o ar que respira que é a sua cultura, ou seja, “o conjunto complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos adquiridos enquanto membros de uma sociedade” (TYLOR, apud TERRIN, 2004, p. 74).

Isso nos levaria a crer que os Tambores Mirins participam de uma manifestação cultural e religiosa, estabelecendo comunicação com o sagrado através da dança, da música, da festa. O momento mais importante consideramos ser a cerimônia de louvação aos ancestrais, traduz-se como ritual público que, através de suas expressões de aspecto lúdico, repassam conteúdos religiosos. Por essa perspectiva, o ritual torna-se um condutor da força vital (axê) e dos valores míticos simbólicos da religião [...]. “É no ritual – isto é, no comportamento sagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas” [...] (GEERTZ, 1989, p. 128).

Como já foi exposto, o Pátio do Terço, local onde é realizado o ritual de louvação, é visto como um espaço que contém em sua realidade valores sagrado para os seus primeiros idealizadores, assim, como para as lideranças atuais que estão à frente da organização do evento. Acreditamos ser este um dos motivos que mantém a manifestação ao longo de décadas no mesmo lugar. Segundo Cassirer (2001), na experiência humana, tempo e espaço são considerados importantes para o desenvolvimento da cultura, originando-se o espaço perceptual, sendo este de natureza complexa por conter “elementos de todos os diferentes tipos de experiência dos sentidos – óptica, tátil, acústica e cinestésica” (CASSIRER, 2001, p. 75). O espaço torna-se importante também por contribuir com a familiaridade e conhecimento da cultura afro-brasileira, ou seja, do seu sistema complexo de símbolos, mitos, ritos, pois segundo Cassirer, “no pensamento mítico, o espaço e o tempo nunca são considerados como formas puras e vazias. São vistos como as grandes forças misteriosas que governam todas as coisas, que regem e determinam não só a nossa vida mortal, mas também a vida dos deuses” (CASSIRER, 2001, p. 73).

As manifestações religiosas apresentam-se nos contextos culturais de diversas formas, e o homem religioso, segundo Mircea Eliade (1999), procura sacralizar o espaço e encontra nas festas a dimensão do sagrado e da existência, tornando-se contemporânea dos deuses na medida em que reatualiza o tempo. E também sente a necessidade de mergulhar no sagrado e reproduzir gestos que lhes chamam atenção, desejando viver muito perto de seus deuses, “nas festas, ao contrário, reencontra-se a dimensão sagrada da existência, ao se aprender novamente como os deuses ou os antepassados míticos criaram o homem e lhe ensinaram os diversos comportamentos sociais e os trabalhos práticos” (ELIADE, 1999, p. 80).

Partindo dos maracatus que assumem serem adeptos do candomblé, descreveremos a seguir as contribuições das lideranças que afirmam realizar rituais como preparação para o carnaval e dos Tambores Mirins. Ressaltando que foram 09 (nove) maracatus pesquisados e apenas 03 (três) afirmam realizar rituais privados de proteção antes de sair à rua para o carnaval.

Celso, líder de maracatu infantil de terreiro, coloca que o ritual realizado envolve tanto a nação de maracatu dos adultos quanto à das crianças. Revela ainda que as crianças participam do ritual de “limpeza corporal”, com o banho de *amaci*¹⁹, que serve para afastar as

¹⁹ Amaci – “Líquido preparado com folhas sagradas, maceradas em água das quartinhas do *roncó*, deixado a clarear (repousar) durante sete dias no *peji*. É destinado a banhar a cabeça das iniciadas [...] As folhas são as do orixá do chefe do terreiro, as do orixá da pessoa e as de *Ossâim*, o deus das folhas [...]” (CACCIATORE, 1977. p. 46).

energias negativas, enfim, como proteção. Sendo mais uma das formas de atrair o axé, a força vital. Só é feita obrigação de sangue para a calunga na sua purificação e preparação por significar, para os maracatus, um dos elementos simbólicos e religioso que representam suas ancestralidades, bem como dos tambores dos *ogans*²⁰ que, no candomblé, durante o ato litúrgico fazem a percussão proporcionada pelos toques de instrumentos, servindo de veículos de diálogo com os *Erês*²¹, como tem sido colocado durante as entrevistas pelas lideranças. Celso destaca que os tambores utilizados na apresentação de cerimônia dos Tambores Mirins são os mesmos dos adultos como veremos abaixo:

É o maracatu só faz um ritual e esse ritual, ele serve pra todos, porque todos os tambores recebem o amaci. Adulto, mirim, todos os mirins também tomam o banho de limpeza, que é o banho corporal de amaci. E alguns batuqueiros antigos, dos tambores recebem alguns sacrifícios. Recebe o sacrifício de sangue que é a questão da obrigação das calungas junto com os tambores adultos, alguns tambores dos adultos que são os tambores dos Ogan. E dentro do banho de amaci, o banho de limpeza. Os mirins participam e os tambores deles também participam junto com o nosso. Não tem uma divisão, tambor mirim e tambor adulto. Os tambores deles são misturados com o da gente porque, no dia oficial, os mirins também tão junto com a gente. Então assim, esse preparativo religioso ele engloba toda nação (CELSO, ver Apêndice F).

Ainda sobre o ritual de preparação para o carnaval, Nabi, uma liderança de maracatu de terreiro, informa que o ritual desenvolvido pelo seu maracatu é próprio para as crianças. Explica que o pombo que é solto, após a celebração, traduz paz, prosperidade, etc. possivelmente, constitui-se mais uma das formas de distribuir a força vital entre as crianças. Sobre a boneca que a dama do paço carrega durante o cortejo, diz ser uma bruxinha de pano representativa que mantém suas origens, pois, quando tudo começou, as bonecas eram feitas de pano, pois os escravos não tinham condições financeiras de confeccionar com outro material.

Ah, como eu disse a você, não se pode fazer um ritual como se faz no adulto. Mas, a gente... do jeito que é usado o pombo... é usado o pombo como oferecimento às crianças. Porque o pombo significa paz, prosperidade, mudança, fortalecimento, crescimento, bondade, humildade, entendeu? Então, a gente oferece um pombo. A boneca... não é boneca de cera mesmo, mas aquela boneca [...] é uma bruxinha de pano. Como era todo o início dos

²⁰ *Ogan Calofé* – “Ogã chefe dos tocadores de atabaque, conhecedor de todos os toques para os diversos orixás e orientador dos cânticos sagrados. É sempre pessoa de confiança do chefe do terreiro” (Ibid., p. 196).

²¹ *Erê* – “Vibração infantil pertencente à corrente vibratória de um orixá [...] É também muito ligado aos Gêmeos (*Ibêji*) e, na Umbanda é assimilado às ‘crianças’, espíritos infantis, também particulares de cada filho se santo, mas que tiveram vida terrena, embora aperfeiçoados [...]” (Ibid., p. 116).

negros. Eles não tinham condições. Eles mesmos faziam boneca de pano (NABI, ver Apêndice I).

Ao ser perguntado se a boneca que a dama do paço mirim carrega seria apenas uma representação simbólica, ou seja, uma réplica da calunga dos maracatus dos adultos, Nabi afirma que:

Não é tão simbólico não. Porque a nossa é uma bruxinha que é de Estrelinha. Não é simbólico, porque tudo que você dá a vida, ela passa a existir. [...]. Então a boneca de pano é que é a representação. Mas que você tem que manter a origem de tudo, né? Então pronto. É uma bruxinha de pano. É linda. [...]. Tem a preparação... Tem... Eles também tomam banho de amaci, de ervas. O amaci é das ervas sagradas, que é chamado insada. São as folhas sagradas entendeu? Colocam as ervas de todos os orixás, faz o amássi e existem outros segredos, e pode dar aquele banho pra preparação deles (NABI, ver Apêndice I).

Ao ser questionada sobre o fato de a bruxinha representar apenas uma simples simbologia da calunga utilizada pelos maracatus dos adultos, responde que não é tão simbólico devido a mesma ser de estrelinha²², e que “tudo que você dá a vida, ela passa a existir, ou seja, a boneca, ao ser materializada, ganha vida através do ancestral, dando vida ao brinquedo – maracatu infantil. Embora a resposta dada por Nabi, com relação à significação da calunga, não esteja tão clara e convincente, é possível que seja pelo fato de que a boneca, ao ser personificada, ganha vida através do ancestral, que dinamiza o brinquedo – maracatu infantil – e, por ter ligação com uma divindade espiritual, colabora com a proteção das crianças respondendo também pela indicação da rainha da corte mirim, através do jogo de búzios, embora, não tenha o mesmo valor simbólico que a calunga dos maracatus dos adultos.

Ao indagá-la se todas as crianças tomam banho de *amaci* durante o ritual de preparação para o carnaval, Nabi respondeu que:

Os principais porque assim se alguma mãe quiser que o filho saia, independente da religião, a gente vai permitir que saia não é? Já houve evangélicos que saiu tocando, entendeu? Então eu não posso impedir que saia porque ai eu tô sendo... Eu tô discriminando. Eu não posso... Eu faço um trabalho amplo. Entendeu? Então é assim. É escolhida a Rainha, a coroa é mantida, a capa tem seus cuidados, é... Quando vai mudar de coroa a gente vê o tempo se deve mudar. Não deixa a coroa de todo jeito é guardado. Entendeu? Depois que tá sendo usada não pode colocar de todo jeito. Tudo é... O pálio também a gente faz o nosso preceito. Tudo dentro do infantil da

²² Estrelinha – Divindade espiritual infantil cultuada no candomblé.

espiritualidade infantil. Dos inkices²³, que é chamado os Vuginhos dentro de Angola (NABI, ver Apêndice I).

Diante da colocação de Nabi de que somente as principais crianças participam do banho de purificação e proteção composto por ervas sagradas, possivelmente, tratam-se das figuras centrais que compõem a corte real do maracatu – Rei, Rainha e Dama do Paço. E também as crianças adeptas do candomblé. Enfatizando ainda que existem outros segredos, como afirmara anteriormente.

Mauro, como liderança de maracatu nação de terreiro, afirma que o ritual de preparação para o carnaval consiste em fazer oferendas com doces, mel e confeitos para as divindades infantis – Cosme e Damião – que se realiza na mata para os caboclos, diferentemente do ritual dos maracatus dos adultos que consiste em fazer as obrigações, envolvendo a calunga que simbolicamente representa os ancestrais, como destaca:

É uma relação direta. Por que o maracatu mirim, no caso, a gente faz umas oferendas pra os Erês, no caso, doce. Simplificando como um tipo Cosme e Damião, só que, nesse dia, na mata, para os caboclos, para as crianças, os Erês. E o adulto: a ligação é... as obrigações antes do carnaval são dedicadas às bonecas, no caso aos Eguns, os nossos antepassados (MAURO, ver Apêndice G).

Sobre o ritual descrito por Mauro, em que realizam oferendas na mata para os caboclos, Silva (1995) afirma que, no candomblé, as folhas desempenham papel importante, sendo consideradas como sendo um dos elementos que contém a energia vital dos deuses, por isso, utilizada nos rituais religiosos, porém, tão importante quanto às folhas é o espaço da mata, como informa o autor:

Além das folhas utilizadas no culto a todos os orixás, o candomblé necessita ainda do espaço da mata ou da floresta para cultuar as divindades que presidem esses domínios, como *Ossaim*, o deus das plantas [...], ou ainda as entidades que embora não pertencendo propriamente a este domínio, estão relacionados com as árvores, cujas folhas lhes são consagrado, como *ogum*, cultuado na mangueira (SILVA, 1995, p. 200).

Ainda nos referindo aos rituais praticados pelos Tambores Mirins, como preparação para o carnaval, identificamos tensão nas falas de 03 (três) lideranças de maracatus ligados a ONGS. É importante observar no discurso que, ao mesmo tempo em que negam, afirmam que

²³ Inquices – “Designação das divindades nos candomblés angola-congo, correspondente ao orixá nagô” (CACCIATORE, 1977. P.153).

fazem algumas práticas ritualísticas. Portanto, é um fato que no nosso entender merece reflexão como podemos constatar nos posicionamentos abaixo:

O nosso não tem. O nosso não tem. Mas, a gente sabe que na religiosidade tem. Algumas pessoas, como pessoas físicas da gente, aí faz. Faz algumas coisas. Você se prepara você despacha o homem da rua, a mulher da rua, pra poder sair no carnaval, essa coisa a gente faz. Agora a gente não tem, como o maracatu tradicional que dá obrigação... Que, corta bicho, a gente não tem. A gente não tem essa ligação direta. Algumas pessoas do Centro tem ligação com terreiro mesmo, são filhos de Santos, então eles fazem por eles, entendes? (VALDA, ver Apêndice D).

No discurso acima, a liderança inicialmente nega que o seu maracatu realiza ritual de preparação com crianças e jovens, porém, afirma que “algumas pessoas” realizam “algumas coisas”, mas, mantém sigilo das práticas rituais que essas pessoas realizam. Que possivelmente seja uma espécie de proteção para poder participar do carnaval na rua, num clima de paz e harmonia, uma vez que ela diz que essas pessoas são de terreiro. Valda exclui-se do momento ritualístico praticado pelos outros membros da instituição a que faz parte, por entender que, por não ser o seu maracatu de tradição, eles não têm “ligação direta” por isso não “dão a obrigação”, enfim, não sacrificam animais para que sejam ofertados aos orixás. Embora a liderança insista em negar que os rituais que realizam não estão vinculados as religiões afro-brasileiras, não nos convence por entendermos que mesmo as crianças não participando dos rituais como os de iniciação, ou os específicos para os orixás, participam de outros como o ritual de reverência coletiva aos orixás no Pátio do Terço, sendo esta no nosso entendimento a mais significativa experiência religiosa, porém existem outras que também servem como instrumento de socialização, conhecimento e construção de memória e identidade afro-brasileiro, como a dança, a música a percussão que são parte integrante dos rituais do candomblé, consideramos a negação como uma zona de sombra, em que assumir o vínculo significa prejudicar a relação destes com a indústria do consumo como destacamos anteriormente. Pollak (1989) faz o seguinte destaque sobre o compromisso do não- dito no discurso:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável separam, [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (POLLAK, 1989. p. 6)

Com sutileza, Lair, que também lidera um tambor mirim de ONG, inicialmente diz que “dá uma mentalizada”, ou seja, fazem seus pedidos de proteção para as pessoas envolvidas no maracatu. E aos poucos relata que fazem distribuição de confeitos para qualquer pessoa, e também acendem velas como relata:

Olhe a gente sempre quando sai, nós adultos, a gente dá uma mentalizada aí pra que nada aconteça no caminho. Não haja nenhum acidente, nenhuma briga. Que a gente vá e volte com os filhos dos outros e os nossos. E o saquinho de confeito vai junto, pra distribuir quando chega pra qualquer criança, qualquer pessoa. Sempre, todos os anos a gente dá. No evento e aqui também, a gente deixa. Acende uma vela, isso é no começo, uma coisa muito simples. E num precisa... A gente deixou um estandarte e umas alfaias pra dormir lá em Xambá, no terreiro no PG. A gente ficou com muito medo quando aconteceu o acidente, assim... Que não foi um acidente muito grave, mas foi sério. Um incêndio na Escola. Madrugada. Só coisa material e muito pouco, muito pouco mesmo. Mas, o estandarte queimou. Vamos jogar? Ham... ham... tá reclamando. Disse que o Maracatu é dela. Eu, minha mãe... A mulher é braba minha senhora. Brinque não (LAIR, ver Apêndice E).

Observa-se que o maracatu liderado por Lair, por mais que não seja de terreiro, como ela afirma durante entrevista já citada no corpo do nosso trabalho, é possível verificar na sua narrativa que existe uma relação de confiança nas divindades do panteão africano. Ainda que Lair não deixe claro o envolvimento de todos os integrantes do maracatu num ritual de maior complexidade, mas esclarece que busca ajuda e proteção para o maracatu no período do carnaval, valendo-se até mesmo do jogo de búzios como forma de descobrir a causa do acidente que envolveu o seu maracatu, quando na ocasião queimou o estandarte do maracatu que lidera. Fato que a faz guardar alguns objetos utilizados durante a cerimônia em um terreiro, por acreditar que seja o local mais seguro. Através dos búzios também se descobre qual o orixá patrono do maracatu como afirmara no depoimento acima. Porém, para nós está claro que há toda uma ligação com as religiões afro-brasileiras, embora, Lair não declare abertamente – mais uma zona de sombra como visto por Pollak -, porém, o fato de levar o saquinho de confeito para distribuir durante o evento para as pessoas, manter a vela acesa no local onde se realizam os ensaios, onde funciona a ONG, guardar estandarte e alfaia no terreiro, demonstram que querendo ou não, estão construindo valores, pertencimento e identidade da cultura afro-brasileira.

Marta, liderança de um maracatu infantil de ONG, também não admite claramente que seja um ritual que o seu maracatu realiza. Menciona a entrega de doces, que ocorre no carnaval e no dia de São Cosme e Damião, data de fundação do tambor mirim que lidera como podemos ver abaixo em sua fala:

Olhe, o que a gente tem é só a conversa com eles. Tem sempre uma reunião e tem os doces. No dia, a gente distribui os confeitos, os doces pra eles. Sempre cada um sai com o saquinho de doce. Tanto no dia 27, quanto no carnaval, a gente costuma é fazer esse tipo um ritual, uma oferenda, não sei te dizer muito bem, porque não conheço a fundo a questão da religião. Mas, a gente dá (MARTA, ver Apêndice H).

O que nos leva a considerar que existe tensão no discurso de Marta são os seguintes questionamentos: Se ela não entende “muito bem” sobre o candomblé: o que a leva a fazer “oferenda” de balas, doces e confeitos no carnaval e no dia de São Cosme e Damião? Por que o maracatu que Marta lidera foi fundado no dia de São Cosme e Damião, personagens místicos conhecidos no candomblé como os orixás *Ibeji*²⁴, filhos gêmeos de *Xangô*²⁵ e *Iansã*²⁶?

Sobre esse aspecto, é importante ressaltar que o maracatu liderado por Marta teve, na sua fundação, a participação de uma *Yalorixá*, que foi a senhora Maria de Sônia, Rainha do maracatu encanto do Pina, filha de Santo de Eudes Chagas²⁷. Maria de Sônia orientou as lideranças responsáveis pela ONG a estruturar o maracatu como podemos ver na declaração de Lair, ex-liderança do maracatu de Marta. Certamente o maracatu de Marta, assim como os demais, embora não assumam claramente, vemos que os rituais citados fazem referências às crenças das religiões afro-brasileiras, apelando inclusive para os serviços mágicos do candomblé como já fora citado anteriormente por outra liderança que pediram para que descobrissem através do jogo de búzios o motivo do incêndio ocorrido na ONG, que havia queimado o estandarte, onde segundo a colaboradora o motivo havia sido o erro na escolha do orixá. Se não tem relação porque as oferendas com as balas? As oferendas são constitutivas das religiões afro-brasileiras, portanto, para nós todos esses rituais contribuem para construção de memória e identidade em quem participa de forma efetiva.

²⁴ *Ibêji* – “Princípio da dualidade, representado pelos gêmeos, na África, sendo estes sagrados”. No Brasil são considerados orixás em alguns terreiros, protetores dos gêmeos e partos múltiplos. São assimilados a Cosme e Damião, santos gêmeos católicos e muitas vezes confundidos com os *erês*” (CACCIATORE, 1977, p. 145).

²⁵ *Xangô* – “Grande e poderoso *Orixá iorubá (nagô)*, deus do raio e do trovão, filho de *Yemanjá* e *Oranhiã*, fundador mítico da cidade de *Oyó*, da qual *Xangô* foi o 4º rei. (Para alguns, no Brasil, é filho de *Oxalá*)” (Ibid., p. 263).

²⁶ *Iansã* – “*Oyá*, orixá feminino, divindade africana do rio Níger, uma das esposas de *Xangô*, rainha guerreira, dona dos ventos, rios e tempestades. Temperamento dominador e apaixonado. É o único orixá que não teme os *eguns*, dominando-os com seu *iruexim*. É sincretizada como Santa Bárbara em todo o Brasil, onde parece que ganhou o nome de *Iansã*, embora o de *Oyá* seja conservado nos candomblés *nagô*” (Ibid., p. 144).

²⁷ Eudes Chagas – “José Eudes Chagas, homem do povo, preto de cor, *babalorixá* exímio, ‘batizado’ no *Xangô* pelas mãos da lendária Dona Santa (Maria Júlia do Nascimento), da Saudosa Nação Elefante. Eudes Chagas foi presidente e fundador da Troça Carnavalesca Rei dos Ciganos e ‘Rei’ e fundador do glorioso Maracatu-nação Porto Rico do Oriente” (REAL, 2001, p. 15).

Encerrando com as falas dos nossos entrevistados sobre o ritual de preparação dos Tambores Mirins para o carnaval, veremos ainda o depoimento de Carina, liderança que atuou como gestora do Núcleo Afro do Recife. Ou seja, uma das organizadoras do evento da manifestação cultural e religiosa dos Tambores Silenciosos e Mirins no Pátio do Terço. Vejamos o que diz Carina:

Os pequeninhos? Em nome dos grupos, o que eu posso falar é que os maracatus grandes, todos eles afirmam que fazem. Então eu acredito que os pequenos também devem fazer. Porque em geral, a mesma liderança religiosa do grande é do pequeno. Então, eu acredito que faça. Com certeza. Os outros que são ligados à escola, é muito comum que a liderança, ou seja, a pessoa que tá ali organizando o maracatu, também tenha ligação. Então, mesmo que eles não façam, a pessoa responsável faz. E afora isso, nós também fazíamos, nós enquanto organizadores também fazíamos essa preparação. Pedindo a proteção para todos os grupos, nós os Coordenadores do Polo (CARINA, ver Apêndice L).

Observa-se no discurso de Carina, que existe o cuidado por parte dos organizadores em fazer a sua preparação para o carnaval e também com a proteção das crianças.

O ritual público dos Tambores Mirins, que consideramos ser de maior relevância, é o momento da celebração em que cada grupo com seus instrumentos de percussão exibem suas performances ritualísticas herdadas das tradições afro-brasileiras, para rememorar os antepassados, transformando a rua e o Pátio do Terço num cenário festivo em meio ao sagrado e profano. Durante a nossa pesquisa, 02 (duas) lideranças ligadas a ONG, 01 (uma) ligada a terreiro e 01 (uma) liderança responsável pela organização do evento contribuíram com suas opiniões a respeito da cerimônia.

O depoimento de Valda, líder de uma ONG, expressa a evolução que vem ocorrendo com relação à questão religiosa, na manifestação dos Tambores Mirins. Pois, nos primeiros anos em que os grupos começaram a participar, apenas havia o desfile, a solta de fogos e da pomba, e, posteriormente, é que perceberam que seria importante ter a participação de uma sacerdotisa do candomblé para fazer a celebração religiosa e também repassar para o público presente sobre a manifestação e o significado daquele momento, como afirma:

Logo no início, a gente não tinha aquela louvação, com uma Yalorixá presente, fazendo uma louvação. No início, não tinha nada daquilo. No início, a gente só fazia o que? Era o desfile das Nações, encostava e depois no final soltava fogos e soltava uma pomba. Pronto. Todos os tambores tocavam juntos, depois todo mundo saía dançando..., mas... Hoje, já existe a presença de uma Yalorixá. Então os objetivos também foram crescendo. Foram aparecendo outros. Hoje, também a gente tá lá no encontro, a gente tá vendo a questão religiosa, a importância de também manter a questão religiosa, o porquê daquele encontro, daquele momento. O que representa.

Quem vai assistir, vê que ela fala, sobre e pra que é aquele momento (VALDA, ver Apêndice D).

Pelo relato da liderança, percebe-se que há proselitismo em sua prática no sentido do grupo dar importância durante o ritual à apenas uma religião – o candomblé - quando envolvem as crianças na celebração aos Orixás, embora a participação no maracatu não seja obrigatória, porém, como os maracatus são compostos de crianças de todos os credos religiosos, o momento da celebração deveria ser ecumênico, atendendo também outras formas de religiosidade. O que de certa forma acaba se tornando uma espécie de doutrinação do candomblé. Todavia, “o ritual reconhece-se como sendo fruto de uma aprendizagem, implicando na continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais em que se produz” (SEGALEN, apud SANTOS, 2005, p. 84).

Ainda sobre o ritual de celebração dos Tambores Mirins, a líder Lair deixa transparecer em sua narrativa que o desejo das lideranças de ONG, em juntar maracatu de ONG e de terreiro, consistia em fazer com que, através da ludicidade do ato de dançar, tocar, cantar, e com a presença de uma sacerdotisa responsável pelo ritual litúrgico e público, agregassem valores de pertencimento, que acreditamos ser da cultura afro-brasileira, embora não esteja explícito em sua fala. Ou seja, passassem a se identificar com o que faziam e participar da força que advém do momento ritualístico, como coloca:

Tem a questão do pertencimento. Quando a gente reivindicava e queria, e já tá acontecendo, dos maracatus Nação trazerem suas cortes mirins pra dançar juntos com os meninos que estão na Escola. Aí é que a coisa fica bonita mesmo porque o brilho do olho de se identificar dançando, de se identificar que tem mais batuque, que tem mais gente tocando, têm mais Rainhas, mais Reis. Então, eu acho essencial pra vivenciar o pertencimento de forma lúdica, e muito sério também porque, quando [...] Maria Helena que é uma sacerdotisa das mais importantes de Pernambuco, então, a presença dela ali é muito importante. Eu acho, de suma importância, você tá vivenciando abertamente, deixa de ser escondido. Não é dentro do terreiro, fechado, tocando baixinho porque a polícia vem fechar. Olhe que coisa mais linda. Graças a Deus (risos). E a todos os Orixás, caboclos e a todo mundo, porque o País da gente é isso mesmo. Muita força boa [...] (LAIR, ver Apêndice E).

Na perspectiva de Santos, o espetáculo público é cênico e vai contribuir para que olhares integrem-se na totalidade das várias dimensões presentes como estética religiosa e lúdica e um novo olhar será fixado no objeto que mais atender aos interesses do momento, conforme destaca a autora:

A linguagem ritual da festa configura um espetáculo cênico no sentido de que algo é exibido em público. Sendo assim, o espetacular será sempre definido a partir de um determinado olhar. Os olhares que cruzam a festa elegem diferentes objetos de contemplação, o espetacular pode ser associado à dança, à música, ao transe, ao fausto ou a estética [...]. As três dimensões – a religiosa, a lúdica e a estética – integram a totalidade da festa, mas o olhar fragmentado isola muitas vezes uma destas dimensões, fixando-se apenas naquela que atende ao interesse do momento, que pode ser religioso, alimentar, afetivo ou lúdico (SANTOS, 2005, p. 51).

Revela-se, nas palavras de Nabi, *Yalorixá* e líder de maracatu de terreiro, um apego às tradições, ressaltando a importância de preservação da manifestação no Pátio do Terço, onde é realizada a cerimônia de louvação aos vuginhos, local visto como sagrado, pois, desde o início dos Tambores Silenciosos, deu-se no mesmo local que é realizado atualmente. Destaca também como relevantes as oferendas aos *Erês* Cosme e Damião, através da distribuição de bombons, e o momento em que o pombo é solto, afirmando que é perceptível a presença dos *inkices* espirituais, como podemos ver em sua fala:

Então, eu acho que foi uma grande criação [...] os Tambores Mirins, pra manter a tradição. Um fortalecimento pra manter a tradição e eu acho que não deveria nunca mudar. Como não pode mudar. Que ali são de nossas mãezinhas. Nossa história entendeu? Então não pode. Aquele local entendeu? É um local sagrado que não se pode mudar. E é muito bonito a cerimônia. A cerimônia é todo no infantil, não são evocados eguns, como é no adulto, que é diferente. [...] A invocação é na linguagem popular. Cosme e Damião. Que é Erê, Vuginhos. Entendeu? Aí se canta, faz a louvação de Vuginhos. Depois da louvação, solta o pombo, faz a louvação completa deles, pedindo tudo de bom. Depois é distribuído bombons, pra todos eles. Então tudo isso é a presença que a gente sente, tanto das crianças que estão presentes, como das crianças que são *inquices* espirituais (NABI, ver Apêndice I).

Segundo Santos (2005), a música, a dança e o gesto sempre foram canais de comunicação para os negros e os ancestrais, estando presente na liturgia de suas manifestações religiosas, como o candomblé. E destaca que:

Um dos aspectos mais importantes da inserção social do candomblé no espaço público foi à preservação da dimensão espetacular em sua ritualística, independente de todo sincretismo que esteve na base do processo de sua institucionalização (SANTOS, 2005, p. 21).

Ebraim, liderança responsável pelo evento dos Tambores Mirins, vê o ritual de celebração no Pátio do Terço numa perspectiva de reverência às divindades espirituais infantis, denominado por *Erês*. Pontua que esse momento litúrgico tem o intuito de “pedir” proteção e que ao mesmo tempo converge para que se aprenda a respeitar as diversas manifestações religiosas. Como podemos observar na sua fala:

Certo. Veja só. A própria tarde dos Tambores Mirins, ele é uma reverência aos... é... Ibejis ou é os Erês, que são as crianças dentro deste panteão religioso. Então, a reverência que eles fazem é neste sentido, de pedir que essas crianças, com sua inocência, com sua bondade, possam estar sempre repassando... é... para os demais, pras outras crianças... é... a importância desse evento... Mas é diferente do que acontece a zero hora, que é um culto aos eguns, aos antepassados, mas neste é mais uma conversa entre as crianças, uma liturgia praticamente que ela vai mais no incentivo de ele fazer uma reverência. Ele diz pras crianças da importância de se respeitar mesmo e ter por memória o culto diverso das tradições (EBRAIM, ver Apêndice J).

O discurso de Ebraim é corroborado pelo pensamento de Durkheim (2003), no sentido de que reverenciar as divindades ganha força religiosa inspirado na coletividade, “estreitando os vínculos que unem o fiel a seu deus, elas ao mesmo tempo estreitam realmente os vínculos que unem o indivíduo à sociedade da qual é membro, já que o deus não é senão a expressão figurada da sociedade” (DURKHEIM, 2003, p. 234). Ainda nessa mesma linha de pensamento, analisamos a fala de Hebraim, quando afirma que a tarde dos Tambores Mirins é um momento litúrgico para incentivar as crianças a reverenciar os *Erês*.

Mesmo sendo diferente do ritual dos adultos, em alguns aspectos, como enfatiza a liderança, observa-se, durante a culminância, uma interação entre os grupos, provocando um momento frenético e contagiante entre crianças e adultos. Sobre esse aspecto, Durkheim coloca os períodos históricos como um polo aglutinador das interações sociais que se tornam mais frequentes e ativas por meio de uma “comoção coletiva”, que, segundo o autor “[...] os indivíduos se procuram, se reúnem mais resultando numa efervescência geral [...]” (DURKHEIM, 2003, p. 216).

No próximo capítulo daremos continuidade ao nosso trabalho fazendo uma análise sobre a importância da manifestação cultural e religiosa dos Tambores Mirins para construção de memória afro-brasileira.

3 EM BUSCA DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA: TENSÕES E PERSPECTIVAS

Neste último capítulo, faremos algumas considerações a respeito das tensões encontradas nas falas dos nossos entrevistados, nas questões que versam sobre a ligação dos Tambores Mirins com a religião afro-brasileira e as estratégias de construção de memória. Durante a nossa caminhada investigativa, nos deparamos com uma experiência paradoxal: temos grupos que assumem ser ligado ao candomblé e outros que negam a relação. Para compreensão das tensões observadas nesses discursos, nos apoiaremos em concepções de autores ligados a nossa temática, a fim de analisar como ocorre a construção de memória afro-brasileira no grupo pesquisado.

3.1 Os Tambores Mirins e as construções de memória cultural afro-brasileira

Ao analisar os discursos e suas produções de sentidos em um determinado *corpus* textual, o pesquisador-analisador lança mão de alguns recursos linguísticos para interpretar o significado do que se fala, que segundo Orlandi é o interdiscurso ou memória discursiva “que torna possível todo o dizer e que torna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2001. p. 31).

Para Orlandi, o que falamos é resultado de experiências históricas e da língua, ou seja, somos influenciados pela coletividade, assim, não somos proprietários do dizer. Pois “o sujeito diz, mas não tem acesso ao controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (Ibid., 2001, p. 32). Para a autora, a leitura discursiva “consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito como uma presença de uma ausência necessária” (Ibid., p. 34). A autora também afirma que no dizer “há toda uma margem de não ditos que também significam” (Ibid., p. 82) e o silêncio também é uma das formas de encontrar o não dito na análise do discurso, ao que denomina de silêncio local, “que é a censura, aquilo que é proibido dizer em certa conjuntura”, cabendo ao analista “observar o que não está sendo dito o que não pode ser dito” (Ibid., p. 83).

A cultura pernambucana não pode ser pensada sem deixar de mencionar a participação dos negros que, “oriundos de várias nações, como Minas, Angolas, Sudaneses, Bantos, Cambinadas, Daomé, Congos, entre outras [...], trouxeram usos e costumes ainda hoje

presentes em forma de cânticos, danças, crenças e culinárias comuns as ‘terra do lado de lá’ (SILVA, 1988, p. 16).

Segundo Silva (1988, p.16-29), para que os negros fossem controlados, o colonizador estimula a coroação de reis e rainhas sob a proteção das irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, sendo estes dois Santos os padroeiros dos negros. Silva menciona ainda que os eventos organizados em que havia participação de negros eram “motivo de danças e batuque” e esses momentos serviam como divertimento e prática religiosa, como destaca “[...] os negros, em seus ajuntamentos, tanto praticavam a dança como forma de divertimento, chamada de batuque, como as de natureza religiosa [...] nestas “últimas eram invocadas as suas divindades ou calundus” (Silva, 1998, p. 24).

Segundo Mondin (1980, p. 173), “A cultura é uma hereditariedade social que o homem recebe e transmite”. Por essa perspectiva é que tentamos compreender como se dá a relação dos Tambores Mirins com a cultura afro-brasileira, no sentido de que, ao participar de uma manifestação coletiva, as crianças estão de fato se apropriando da cultura, o que é confirmado nas palavras de Marta:

Eu acho que esse momento é importante, esse processo educativo, onde eles se apropriam. Hoje, o trabalho no CEPOMA, hoje é... não está tão forte nessa área quanto antes, por conta realmente de recurso. Mas, uma preocupação da gente é essa preparação, pra que eles não vá lá só pra tocar, dançar e... Mas, vá com essa consciência. Do que é a sua cultura. O que é o nosso povo. É o povo brasileiro. Afro-brasileiro. Eu acho que isso faz parte da história, não tem que ser desconhecido. Tem que ser estudado, tem que se apropriar da história, pra aprender a valorizar. Como é que você vai valorizar uma coisa de que você não conhece? Então, tem que ter um conhecimento (MARTA, ver Apêndice H).

Ante o exposto, verifica-se o interesse das lideranças em identificar as crianças enquanto sujeitos que possam ter contato direto com a construção social de uma realidade que está sendo construída e reconstruída ao longo do tempo e da história. E a participação corrobora no sentido de que as crianças passam a compreender que elas são frutos dessa cultura e passam a valorizá-la. Pois, segundo Terrin:

O fato é que o mundo da cultura é um mundo que nos leva aonde ele bem entende, sem que o saibamos; é aquele mundo pré-construído, feito dos usos e costumes, dos hábitos cotidianos, da linguagem que falamos dos alimentos que ingerimos, das roupas que vestimos; é aquele mundo feito de determinada instrução que acreditamos fundamental e que se torna coerciva na organização do nosso mundo social (TERRIN, 2004, p. 76).

O contexto em que se situa a manifestação dos Tambores Mirins nos faz pensar na ideia defendida por Berger (1985, p. 15) de que “a sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, e nada mais que um produto humano, que, no entanto retroage sobre seu produto”. O processo de construção de memória pelo grupo dos Tambores Mirins ainda nos permite refletir que o mesmo comunga com a concepção de Berger, quando afirma que a construção dialética da sociedade é baseada nos processos de exteriorização, objetivação e interiorização.

O processo de exteriorização dos Tambores Mirins ocorre desde o momento em que as lideranças criam os grupos nas comunidades e/ou instituições, levando-os a participarem no evento dos Tambores Silenciosos. Objetivam quando as crianças são levadas a compreender que o ritual que participam é resultante de um longo processo histórico. E a interiorização ocorre quando as crianças se apropriam de ideias e valores da cultura afro-brasileira.

Segundo Berger (1985, pp. 15-41), “é da natureza humana ter a necessidade de expandir seus desejos, por serem ‘inacabados’. E possui um “fundamento biológico no processo de ‘tornar-se homem’, no sentido de desenvolver uma personalidade e assimilar uma cultura” (Ibid., p.17). É a constituição biológica do homem que o leva a construir um mundo para si, especializando seus impulsos, dando-lhes estabilidade, construindo um mundo humano chamado cultura, que tem como foco principal, garantir à vida humana, as “estruturas firmes que lhe faltam biologicamente”, e estas são flexíveis a mudanças, pois, “[...] O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos que permeiam todos os aspectos de sua vida” (Ibid., p.19).

Dessa forma, pensamos que o discurso de Pandora está intimamente associado ao pensamento de Berger, mencionado anteriormente, quando afirma que:

As crianças estão lá. Eles tão cantando, tocando, eles estão ensaiando. Enquanto processo de aprendizagem eles estão fazendo. Então, pensando a educação do fazer, eles estão fazendo que aí você termina lidando com a própria relação da religião de matriz africana. Que a gente só tá quando faz. Quando não faz, aí o negócio não vai. Então você aprende na medida em que tá fazendo. Eu acho que essa ampliação da compreensão desse universo afro-brasileiro. As organizações os maracatus mirins, eles conseguem fazer. E aí eu acho que é interessante. (PANDORA, ver Apêndice K).

Pandora, ao se posicionar sobre a relação dos Tambores Mirins com a religião afro-brasileira, acredita que se limita apenas à ampliação da compreensão, da dimensão afro-

religiosa, ao envolverem-se no processo de aprendizagem. Porém, em oposição ao seu discurso, está Mondin quando afirma “que o homem além de sapiens, volen, socialis, faber, loquens, ludens é também religiosus”, o homem é o único ser capaz de relacionar-se com o sagrado, de transcender, de ir à busca de respostas para suas dúvidas existenciais. Geertz corrobora com as ideias de Mondin quando conceitua religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens, através de conceitos de que uma ordem de existência geral e, vestindo essas concepções, com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989. p. 104-105).

O conceito utilizado por Geertz serve de suporte para análise do nosso objeto de estudo por estabelecer uma rede de relações entre religião e cultura. Como um dos fatos que nos chama atenção é a tensão evidenciada nas falas dos depoentes sobre a ligação dos maracatus infantis com a religião afro-brasileira, surge o seguinte questionamento: O que cultura tem a ver com religião?

Segundo Geertz, cultura é um paradigma de significados onde estão presentes dois conceitos básicos: ethos e visão de mundo. Os símbolos sagrados se encarregam de sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e sua qualidade de vida, seu estilo e disposições morais e estéticos. E a visão de mundo – metafísica específica – acredita que, na crença e na prática religiosa, é que os conceitos são construídos e o *ethos* de um grupo torna-se compreensível para ser aceito como verdades transcendentais que serão validadas para agir de acordo com a interpretação dos processos sociais e psicológicos e nos aspectos religiosos, interferindo nas experiências cotidianas pessoais. Geertz acredita que o homem é dependente dos símbolos e sistemas simbólicos, sendo estes imprescindíveis para que acredite em si mesmo e destes encontrar forças para confrontar-se com o caos. Os símbolos são considerados bens valiosos que servem de orientação geral na natureza, na terra, na sociedade e naquilo que estamos fazendo. Servem também como forma de expressar emoções, disposições, sentimentos, paixões, afeições, oferecendo para quem os adota uma garantia cósmica para que possa compreender o mundo e suas verdades transcendentais, aprendendo a lidar e suportar os desafios, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota, frente ao mundo, algo tolerável, suportável (GEERTZ, 1989. p. 103-119).

Interessante notar que o pensamento de Geertz corrobora com a análise do nosso objeto de estudo por explicitar a abrangência cultural da religião. O autor, após análise das

propriedades da religião, considera que esta é coercitiva no sentido de fazer com que os indivíduos reorganizem e reordenem sua forma de pensar o mundo. Os símbolos tornam-se fundamentais e tem como função armazenar os significados. Para Geertz, os símbolos, uma vez que ganham significado numa determinada cultura ou contexto, tornam-se impossíveis de serem separados. Vasconcelos compartilha do pensamento de Geertz quando afirma que:

No caso específico do africano, nas sociedades tradicionais, não é possível fazer uma diferenciação rígida entre cultura e religião, toda a organização social está impregnada de elementos religiosos. Regras sociais, tabus, a relação com a natureza...etc., tudo se realiza relacionado com a busca da participação na “Força Vital”, na sua preservação e no seu crescimento, há uma inter-relação dinâmica entre todas as dimensões da existência. Por isso também não é possível separar artificialmente a identidade cultural da identidade religiosa. A cultura é um sistema complexo de símbolos, sinais, regras, ritos, mitos penetrados pela religião. É nela que a sociedade projeta os seus valores mais fundamentais, conferindo-lhe uma dimensão sagrada. Há um equilíbrio que é impossível de ser preservado se a dimensão religiosa for isolada do conjunto dos elementos que compõem a sociedade (VASCONCELOS, 1999, p. 181).

Notamos, pelo pensamento de Vasconcelos, que, quando se trata de cultura afro-brasileira, só é possível compreender se levarmos em consideração a sua complexidade, uma vez que o sistema social, cultural e religioso está inter-relacionado. E por ter o *candomblé* a festa como um rito religioso fundamental, consegue participar de uma festa como o carnaval em busca da força vital. Nessa perspectiva, é que vemos se justificar que os *Tambores Mirins*, uma manifestação cultural e religiosa, participando de uma festa profana. Pois, como já mencionamos anteriormente, essa manifestação vem ao longo dos anos, durante o período do carnaval no Pátio do Terço, demonstrando como o negro resistiu para manter a cultura do seu povo, como afirma Silva:

Historicamente, este espaço tem sido de grande importância para a manutenção da sobrevivência desse povo. É a partir da apropriação do espaço da festa, da manifestação cultural, que é na verdade um espaço de socialização e dessa forma de construção identitária dos sujeitos, que o povo negro se organiza e negocia permanentemente sua sobrevivência, dentro das possibilidades que lhe são apresentadas (SILVA, 2008 p. 7).

A festa pública do carnaval, que a manifestação dos *Tambores Mirins* participa, segundo Da Matta (1990, p. 43), é um “ritual nacional”, é uma festa pública que consegue atrair pessoas do Brasil e do Mundo. Bakhtin (1993, p. 4) afirma que “os festejos do carnaval,

com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante no homem medieval”. Bakhtin, fundamentado nas ideias de Rabelais²⁸, informa que toda sociedade tem festa, história, e as festas são interdisciplinares. “As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção de mundo” (BAKHTIN, 1993, p. 7).

De acordo com Bakhtin (1993, pp. 1-123; 171-274), carnavalização significa inversão, é virar pelo avesso, é desconstruir a legitimidade de algo. Até que ponto pode se dizer que uma manifestação é pura? Não se conhece origem de nada, conhecemos a trajetória de chegada. A pureza é um predicado atribuído a alguma coisa, por alguém que deseja legitimidade. É como se fosse um selo de garantia de que aquilo é novo. Para Bakhtin o carnaval cabia no mundo moderno (Europa, Alemanha). Era o carnaval a máscara que permitia que certas figuras se transformassem no diabo.

O carnaval é a ocasião em que os negros conseguiram apropriar-se para fazer com que sua cultura fosse respeitada pelo explorador, onde arte e religião se integram em um contexto marcado por aspectos contraditórios. Durante a dramatização ritualística, há uma inversão de papéis em que o negro passa da condição de escravo a rei. Comungando com o pensamento de Bakhtin está Silva quando afirma:

[...] Vestida ao estilo Luiz XV, a corte negra do Maracatu de Baque Virado apresenta uma estética branca. Entretanto sua origem e conformação de corte negra remontam às grandes civilizações africanas, muitas delas destruídas pelas invasões europeias. Um outro elemento importante dessa manifestação foi a possibilidade, construída pela população negra, de organizar-se como grupo e ao mesmo tempo de galhofar com o excesso de roupas com que os europeus exibiam sua pretensa superioridade. A corte do Maracatu, formada por pessoas negras, nega a lógica racista de superioridade branca (SILVA, 2008, p. 16).

Encontramos, nas palavras de Nazira, líder de maracatu de Escola, o reflexo de uma experiência construída em espaços de socialização da cultura afro-brasileira, como forma de disseminar e manter vivo o que sobreviveu na diáspora, que foram os valores simbólicos e religiosos, enxergando, na manifestação dos Tambores Mirins, motivações para preservar a memória cultural, como retrata em sua fala:

Porque assim... O maracatu em si, ele traz o resgate da cultura afro. Por isso que existem os personagens: o Rei, a Rainha, o Príncipe, a Princesa... [...] O maracatu que foi fundado aqui na Escola, junto com o Centro de Cultura, na

²⁸ Rabelais – Autor Francês que se dedicou ao estudo da cultura popular na Idade Média e no Renascimento (BAKHTIN, 1993, p. 1-123).

verdade, é um centro de cultura que existe dentro da Escola, que é chamado Chico Science. Nós não só temos o maracatu, temos todo tipo de danças populares: Frevo, xaxado, maracatu, ciranda, coco [...]. Antes existia o pastoril na Escola, daí surgiu a ideia. Daí surgiu a história de fundar o Maracatu. Quer dizer, o Centro de Cultura Chico Science. Fundamos o Centro de Cultura e daí veio a ideia de fundar dentro do Centro de Cultura o Maracatu (NAZIRA, ver Apêndice B).

A fala de Nazira, embora não explicita que o maracatu está também intimamente ligado aos aspectos religiosos, de certo modo, reflete o pensamento de Lima quando ela afirma que:

A religião e a arte, intimamente interligadas, atuaram no mesmo sentido. O homem elaborou uma visão do mundo concebida como um gigantesco confronto de forças naturais a conjurar ou a explorar. Em lugar de buscar subjugar, preferiu participar e ganhou com esta atitude uma prodigiosa riqueza emocional, existencial e espiritual. O rito e o verbo regem esse universo. As artes negras, em particular as esculturas e as músicas, foram verdadeiras mobilizadores para fins religiosos (LIMA, [s.d], p. 3-4).

Ante o exposto, pensamos que a cultura afro-brasileira, independente do contexto e da aplicabilidade, seja ela intencional ou não, está permeada de elementos culturais, religiosos e do sagrado, pois sua visão de mundo não permite separar valores que se encontram intimamente ligados às experiências do cotidiano, como destaca Santos:

[...] dança, ritmo, cor, objeto, conta, gesto, folha, penteado, som, texto [os quais] se articulam para significar o sagrado. Cânticos, invocações, louvações, recitados, textos míticos e oraculares, histórias, parábolas, sonidos são instrumentos de comunicação que, através de sua forma significativa, contribuem a manifestar e transmitir a complexa trama simbólica em cujo bojo o pacto semântico se realiza (SANTOS, apud SILVA, 2010, p. 119).

Como visto, o pensamento de Santos transmite a ideia de que a cultura afro-brasileira é composta de uma rede de vários elementos carregados de simbolismo e concepções culturais que servem também como instrumento de comunicação para atingir instituições sociais como: escola, família, movimentos sociais, etc.. É nessa perspectiva que analisamos a fala de Lair, quando faz a seguinte afirmação:

Eu acho de grande importância, e não só pras crianças, mas, principalmente pras escolas públicas que lá estão. Que é Escola Pública, não é? Como Paulo Freire diz, você transporta a cultura e dá a ela o seu devido lugar; dentro da Escola, cultura não é folclore, cultura não é aquela coisa que tá no calendário

escolar pra ser vivenciado em agosto. Ela tá no sangue, e a vida inteira, então quem ganha muito com isso é o institucional, a Escola, é o espaço comunitário, a praça que tá se vendo e tendo o prazer de se identificar negro, sabe. Negro, índio, eu acho. Assim de extrema importância (LAIR, ver Apêndice E).

Também observamos no discurso de Lair, líder de maracatu de Escola, que o maracatu que lidera, surge no contexto das concepções educacionais, político e culturais, motivados pelos movimentos sociais, que segundo Vannuchi:

Do enfoque político flui naturalmente, o pedagógico, a saber, a tendência de instrumentalizar a cultura popular desfolclorizado, como potencial conscientizador das massas, mediante a educação informal oferecida pelo teatro, cinema, músicas, festas, literatura de cordel, exposições e muitas outras iniciativas aglutinadoras (VANNUCHI, 2006, p. 104).

Pudemos observar, ao longo da pesquisa, através do discurso das lideranças de Escola, que os maracatus mirins pertencentes às Escolas têm suas bases construídas e fundamentadas no pensamento do renomado educador pernambucano Paulo Freire que se preocupava com a educação popular, pois, via a educação como uma das formas do ser humano oprimido sair do domínio hegemônico da burguesia, ou seja, uma via de libertação:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (FREIRE, 1987, p. 70).

Segundo Barreto (2004, p. 28-29), em 1960, Miguel Arraes, Prefeito do Recife, criou o MCP – Movimento da Cultura Popular de Pernambuco, envolvendo vários intelectuais, entre eles, Paulo Freire. O foco principal dos trabalhos desenvolvidos em educação era envolver crianças e adultos das comunidades carentes. A pedagogia Freiriana partia do princípio de que o ser humano só se realiza e se liberta pela educação, e na sua relação dialógica com o mundo, sendo capaz de criar e recriar o já existente em um determinado contexto cultural, transcendendo e adquirindo completude, acreditando que o ser humano é religioso por se ligar ao criador numa relação libertadora.

Nessa perspectiva, observamos que os Tambores Mirins estão interagindo num contexto cultural e histórico no qual as relações entre cultura e educação partem do princípio

de que “o ensinar e o aprender expressam agora valores culturais em que uma espécie de tradição inovadora [...] permitia a leitura do mundo e o reconhecimento da própria cultura” (MACIEL, 2011, p. 340). E, aproveitando as brechas e/ou oportunidades que lhe são apresentadas, o negro vai construindo sua própria história, identidade e memória cultural, recriando conceitos que foram impostos pelo poder dominante, como esclarece Nascimento:

[...] com muita força, ideológica e politicamente, os movimentos negros contemporâneos querem resgatar sua identidade coletiva. Esse resgate passa certamente pela questão da cor inferiorizada e da cultura negada e/ou reduzida pela cultura hegemônica dominante (NASCIMENTO *et al.*, 2008, p. 22).

Nesse sentido, é que refletimos a fala de Elder, que vê o encontro dos maracatus infantis no Pátio do terço pelo viés político e cultural em que os jovens são “protagonistas” de suas próprias histórias e dos seus antepassados, como constatamos abaixo:

[...] Então, esse encontro é de suma importância para o ser cultural, pra criança, enquanto ser político, social. E de ser um adolescente, ou um jovem protagonista da sua própria história, e de uma história ancestral, de uma história que fala do seu afro de tataravô. Essa história que é muito forte, e que vem, e que é trazida nos traços, na cor, forma de falar, na forma de andar, na forma como a mãe cozinha. No tempero diferente, dessa diferença que tudo tem e que a cultura afro-brasileira, indígena, trouxe e fez esse grande caldeirão cultural que é a cultura popular, pernambucana, nordestina (ELDER, ver Apêndice C).

Corroborando com a narrativa de Elder está Halbwachs, quando afirma que os indivíduos se recordam a partir dos quadros sociais da memória, que podemos considerá-los como sendo a família, religião, escola entre outros. Para Halbwachs, as memórias necessitam das convenções sociais para que, através da relação entre os indivíduos, haja uma manutenção das estruturas, nos informando o seguinte a esse respeito: “[...] Os quadros coletivos da memória não se resumem em datas, nomes e fórmulas, que eles representam correntes de pensamento e de experiência onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por tudo isso” (HALBWACHS, 1990, p. 66).

Segundo Halbwachs (1990, p. 71), é através da lembrança que se reconstrói o passado, é nessa perspectiva que vemos o processo de construção de memória cultural dos Tambores Mirins. O discurso de Elder demonstra que as crianças, na medida em que interagem com os

outros grupos, constroem “[...] um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 1990, p. 71). E essa reconstrução do passado, segundo o autor, se dá com a ajuda das lembranças que são as representações que repousam na memória auxiliada pelo presente, e que,

[...] a vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entre em contato com um passado mais ou menos distante [...] é esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória (Ibid., p. 71).

Por fim, os fatos demonstram que a luta em tornar a cultura afro-brasileira visível e, ao mesmo tempo, construir memória, por meio de laços de solidariedade entre os agentes sociais fazem com que esta seja preservada através das novas gerações, como é o caso dos Tambores Mirins, que, num cenário complexo de contradições e pluralismo cultural e religioso, vem ressignificando sua prática, que, segundo Freire, tem sido “[...] um processo de antagonismos. Antagonismos de economia e cultura. A cultura europeia e indígena. A europeia e africana. [...]. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo” (FREIRE, 2006, p. 116).

3.2 A importância dos Tambores Mirins na construção de memória religiosa afro-brasileira

Decorrente do processo da diáspora negra para o Brasil, na qual o negro brutalmente é retirado do seu continente para servir aos interesses mercantilistas do colonizador, que via na mão de obra escrava a possibilidade de obter lucro e riqueza, é que o africano é vitimizado, sendo impossibilitado de ter sua identidade preservada.

Segundo Reis (1988, p. 174), ao desembarcar em solo brasileiro, o escravocrata separava os negros de suas etnias e de suas famílias, com o objetivo de desestruturá-los socialmente, impedindo-os de se articularem e promoverem ações que atrapalhassem seus objetivos. Agindo dessa forma, o opressor pensa que a separação dos africanos era sinônimo de “controle”, ou seja, estavam impedindo-os de praticarem sua cultura e de exercer seus direitos enquanto pessoa humana.

Os negros trazidos da África tiveram sua “identidade triturada”, é o que afirma Nascimento (2008, p. 138), pois o poder hegemônico entendia que, ao sair do continente africano, o escravizado perdia sua nacionalidade, passando a ser considerado ‘negro americano’. O interesse do escravocrata estava voltado para a “desafricanização”, ou seja, na perda de seus valores fundamentais “[...] porque a identidade africana representava o vínculo a terra, a ancestralidade, à religião, à liberdade e, sobretudo, à soberania sobre a própria vida” (NASCIMENTO, *et al.*, 2008, p. 138). “Segundo a autora, o africano era visto apenas como escravo” “[...] e nunca como ser humano soberano, criador e portador de sua própria civilização e tecnologia” (Ibid., p. 138).

Uma vez separados de suas famílias, dificultava também a prática religiosa pelos africanos, pois suas religiões, segundo Bastide (1971, p. 85), “[...] estão estreitamente ligadas às famílias, às linhagens ou aos clãs”. Vivendo em um contexto totalmente adverso ao seu, começam a procurar formas, alternativas de reconstruir sua religião que se encontrava destruída na diáspora. Bastide afirma que:

[...] devemos representar a vida religiosa dos africanos no Brasil como uma série de acontecimentos sem laços orgânicos, de tradições interrompidas e retomadas, mas que mantinham de século em século, sob formas as mais diversas, a mesma fidelidade mística, ou às místicas africanas (BASTIDE, 1971. p. 70).

De acordo com Vasconcelos (2010), os escravos africanos, “[...] ao serem capturados, eram-lhes destruídas as relações comunitárias na aldeia, a família, a linhagem e a religião” (VASCONCELOS, 2010, p. 98). Os negros eram transportados de forma desumana e degradável e ao desembarcar no Brasil, cabia-lhes se adequar a um novo contexto para cumprir as exigências do sistema escravocrata. Vasconcelos aborda ainda que, a “[...] convivência forçada entre as várias etnias [...] constituía um verdadeiro empecilho a que cada grupo isoladamente desse continuidade às suas tradições culturais” (Ibid., p. 98). O autor afirma que, para facilitar a comunicação entre povos de diferentes línguas e etnias em um ambiente caracterizado pela pluralidade cultural, é a língua portuguesa o seu mais importante canal de comunicação e que “[...] o tempo e a distância não poderão esvaziar as tradições mais profundas dos povos transportados, pois a chegada sempre mais constante de escravos favoreceu a revitalização destas culturas” (Ibid., p. 99-100).

Vasconcelos destaca ainda que, no século XIX, cresce constantemente o número de escravos que chegam ao Brasil, com isso, abrem-se possibilidades para os negros revitalizarem-se e reagruparem-se culturalmente. Os nigerianos e daomeanos foram os últimos transportados e direcionados a desenvolverem trabalhos domésticos, ou seja, trabalhariam nos centros urbanos do nordeste, em especial, Salvador e Recife. O autor afirma que “[...] a escravidão na cidade assumiu outras formas de trabalho e exploração que veio facilitar a comunicação entre os negros” (VASCONCELOS, 2010, p. 101).

Para Vasconcelos, à medida que o negro passa a atuar em novo contexto, o da urbanização, na cidade, os “[...] ‘escravos de ganho’, trabalhavam como artesãos, carregadores no porto, vendedores de doces e quitutes [...], essas funções proporcionaram locomoções aos negros [...]”. Isso tornou possível a preservação oral de elementos de sua cultura de origem (Ibid., p. 102).

Bastide (1971) aborda que, enquanto o negro estava desenvolvendo o seu trabalho nos latifúndios açucareiros, ocorria a desafricanização, enquanto que a escravidão urbana permitiu-lhe reafricanizar-se. E, em meio a um dualismo de classes opostas é que o negro procura realizar a manutenção da sua religião, e como “[...] o negro não podia defender materialmente contra um regime onde todos os direitos pertenciam aos brancos, refugiou-se; pois nos valores místicos, os únicos que não lhe podiam arrebatá-lo” (BASTIDE, 1971, p. 96).

Como corresponsável, em desestruturar a crença e os valores místicos e religiosos do negro escravizado, está a Igreja Católica, que, de acordo com Vasconcelos (2010, p. 104), cumpre o papel na empresa colonial portuguesa, e, através da convivência colabora “[...] na manutenção dos interesses e dominação da ordem escravocrata”. Para o colonizador e o Estado, a evangelização por parte da Igreja era importante, “pois o objetivo era ‘tranquilizar os negros’, ou seja, contribuir ideologicamente na justificativa e aceitação da sua condição de escravo” (Ibid., p. 108).

Vasconcelos (2004) enfatiza que, com o processo de urbanização, foram organizadas as confrarias, que “[...] tinham como finalidade a promoção devocional”. Fundamentado em Bastide, Vasconcelos, afirma que é “[...] no interior destas confrarias que desenvolverá um sincretismo²⁹ religioso entre a religião trazida pelos escravos da África com o Cristianismo” (BRANDÃO, *et al.*, 2004, p. 301).

²⁹ Segundo Vasconcelos (1999) “[...] o que há no Candomblé enquanto sistema religioso [...] é um sincretismo a nível de elementos. Elementos do sistema cristão, especificamente católico, foram incorporados ao sistema religioso do candomblé. [...] os ritos cristãos não foram integrados nos ritos do candomblé, não havendo mistura,

As confrarias serviam como “[...] polos de reivindicação social, preservação e resistência cultural e reelaboração religiosa” (VASCONCELOS, 2004, p. 303). É nesse espaço físico que, organizado com ajuda da Igreja, o negro escravizado coletivamente “[...] reestrutura sua religião de origem assimilando os valores, mitos e símbolos do cristianismo, mas apartir das suas próprias categorias africanas, ou seja, a africanização do catolicismo, dando assim ao que comumente se chama de religião Afro-brasileira” (Ibid., p. 302).

Mesmo tendo suas relações comunitárias afetadas pelo tráfico humano, o negro consegue trazer consigo suas crenças, sua religião e para que esta se desenvolva “[...] foram obrigados a procurar nas estruturas sociais que lhe eram impostas ‘nichos’ [...] onde pudessem se integrar e se desenvolver” (BASTIDE, 1971, p. 85). Para esse teórico, os negros sofrem influência das suas representações coletivas e apegavam-se na única coisa que lhes restara vivo em seus pensamentos, seus ritos e deuses. E, no corpo, “[...] os mecanismos motores, passos de danças ou gestos rituais, capazes, por conseguinte, de mais facilmente serem avivados ao rufar lúgubre dos tambores” (Ibid., 1971, p. 219).

As palavras do líder de maracatu de terreiro, Celso, refletem o pensamento de Bastide, no que se refere ao fato de que ainda hoje o afrodescendente continua a sofrer “influência de suas representações coletivas”, ou seja, sente necessidade de reconstituir os valores dos seus antepassados, pois, desde quando foi originada a manifestação Tambores Mirins, o grupo vem se ressignificando, porém, as necessidades permanecem do nosso ponto de vista, as mesmas. Nesse sentido, Celso tece uma análise sobre a importância da construção de memória entre os grupos de maracatus:

É... o alicerce é a base fundamental. Se hoje eu estou falando dos Tambores Mirins, porque ontem eu era criança e fiz parte dos Tambores adultos. Hoje, as nossas crianças vão poder falar muito mais dos tambores adulto, porque, desde pequenininho, fazem parte dos Tambores Mirins. Depois, vão pros adultos. Então, o que seria dos tambores se as crianças hoje não tivessem nos Tambores Mirins? Então, a importância é fundamental. É... O amanhã é... São os grandes batuqueiros, são os grandes historiadores, são os grandes religiosos, são os grandes representantes da linha religiosa de matriz africana, é dentro de um processo desses que eles vão valorizando, há valorização. Se a gente não faz isso com eles hoje, dentro dos tambores, da questão da valorização, da questão, do próprio manifesto, do que são os tambores pra eles, e do que significa os tambores pras nações e o que é a

porém a imagem de Deus e dos santos foram integrados e reinterpretados a partir do substrato cultural do negro. O cristianismo, enquanto sistema religioso, não é confundido pelos negros com o candomblé. Elementos fundamentais do cristianismo foram integrados e reinterpretados no sistema religioso do candomblé, mas não o sistema cristão, no caso o católico, enquanto um todo. [...] Para os adeptos do candomblé, há diferença clara entre os dois sistemas, ou seja, cada um possui o seu espaço próprio, possuindo limites definidos. [...] não são duas experiências paralelas em dois diferentes sistemas religiosos, é a experiência profunda de Deus expressa em formas diferentes, porém não excludentes” (VASCONCELOS, 1999. p.178-179).

nação dentro da vida dele na questão da religião, se não tem nada disso amanhã, talvez eles não queiram nem ser mais batuqueiro. Então é partindo dos Tambores Mirins, é partindo dos desfiles oficiais, as crianças sempre junto com a gente, na questão, mesmo sendo criança, mas com a mesma responsabilidade, com o mesmo compromisso de uma pessoa adulta. E é assim que a gente vai poder fazer o melhor amanhã. Que eles consigam e vejam que a sua existência e que amanhã, ele não seja um cidadão invisível, não seja um esquecido por ai, e consiga realmente manter a sua religiosidade, porque pra gente é o que é mais importante (CELSO, ver Apêndice F).

O líder de maracatu demonstra que há preocupação por parte do grupo em envolver as crianças para evitar que a cultura afro-brasileira seja esquecida. E que a participação das crianças junto com os adultos fortalece a responsabilidade e o compromisso com a religião afro-brasileira, para que esta tenha continuidade no futuro. Ou seja, a construção de memória que hoje se faz, está alicerçada no passado. Os agentes sociais por se considerarem parte de um passado histórico procuram, neste, os símbolos que darão significados às necessidades do presente e os Tambores Silenciosos servem como referência para a construção de memória, pois:

No presente, os grupos envolvidos nesta disputa pelo passado, vão postular a condição de guardadores e organizadores desta memória, pois isto tem um forte peso político. [...] Existem pontos de ancoragem que são fundamentais, que estão sedimentados pela própria historiografia, retomando aqui o quadro de acontecimentos. Não basta reler o passado conforme as pretensões do grupo em termos de presente, é preciso que haja vínculos entre esta pretensão e os vestígios materiais desse passado, para que tal versão se sustente. Neste sentido, é preciso ter havido uma história. Dentre os acontecimentos do passado, os grupos irão buscar os símbolos que emprestem mais sentidos às suas necessidades do presente, mas estes símbolos não são ilimitados (ENNE, 2004. p. 3).

Segundo Halbwachs, é através da memória coletiva que se reconstrói um passado, e esse processo ocorre quando um grupo vivencia experiências em determinados grupos sociais, e as nossas lembranças permanecem coletivas, mas sempre precisa de apoio dos outros, pois não lembramos sozinho e que, “[...] é preciso trazer como que uma semente de rememoração, para que ele se transforme em uma massa consistente de lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 28).

Ao analisarmos o depoimento de Nabi, líder de maracatu de terreiro, observamos que este se enquadra no pensamento de Halbwachs, citado acima, pois a nosso ver, a atitude destacada pela liderança, em educar as crianças e agregados da comunidade e na medida em

que permite que eles vivenciem experiências religiosas afro-brasileira no barracão com o intuito de dar continuidade a uma tradição, nos faz pensar que por aí se dá o processo de construção coletiva de memória religiosa como afirma:

A construção que eu acho é em primeiro lugar é o resgate. Como eu já vinha falando pra você [...]. Primeiro, nossa religiosidade afro, eu acho que não só a nossa. Mas, estamos falando da nossa. Qualquer religião, temos obrigação de resgatar. Em primeiro lugar temos que educar nossas crianças até da comunidade. Mesmo aquele que não tem aquela aceitação afro. Educá-los. Membros que são frequentes dentro do barracão. Nós estamos de início da religiosidade, pra não ter aquela discriminação um com o outro. Aquele é macumbeiro. Não existe isso. Existe aquele candomblecista que você dá o crescimento. Ele ali vai dar continuidade. [...] E tem que começar da religiosidade. De dentro do barracão, até do maracatu. Pra nessa construção da juventude, ele já não tá mais com... Tudo ele vai querer se ocupar dentro da cultura. [...] Temos que trabalhar e a importância que eu acho do maracatu mirim pra juventude é que ele, vendo aquela cultura, vendo aquela discussão cultural, participando, a gente não faz somente ensino da percussão e do maracatu, entendeu? [...] (NABI, ver Apêndice I).

Halbwachs (1990) destaca um ponto importante sobre a história vivida a partir da infância, afirma que, desde o momento em que a criança adquire maturidade para abstrair e se interessar pela significação das imagens e dos quadros contextuais, “[...] podemos dizer que ela pensa em comum com os outros e que seu pensamento se divide entre o conjunto das impressões todas pessoais e diversas correntes de pensamento coletivo” (HALBWACHS, 1990. p. 62).

Por essa perspectiva, é que entendemos ser o momento citado por Nabi, de envolver meninos e meninas em um processo de educar religiosamente, em que as atividades desenvolvidas na comunidade servirão como suporte para o desenvolvimento das correntes de memória religiosa dos participantes envolvidos “[...] é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica” (Ibid., p. 63).

Segundo Santos (2003, p. 46-71), fundamentada em Halbwachs, quando o indivíduo se relaciona com os quadros sociais da memória, ocorre à manutenção das estruturas anteriores e o “[...] passado que existe é aquele que é reconstruído continuamente no presente” (Ibid., p. 47). Para que o indivíduo se lembre do passado, recorre ao grupo, onde estão contempladas as memórias individuais, que, através das interações sociais e dos quadros sociais da memória, constroem memórias coletivas, atribuindo-lhes significados, e que “[...] os indivíduos não se lembram por si mesmos e, para lembrarem, necessitam da memória

coletiva, isto é, da memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos” (Ibid., p. 51).

Conforme Rivera (2001), em seus estudos sobre memória, baseado nas concepções Halbwachianas, “[...] a memória religiosa é entremeada de conflitos [...] todas as memórias constituem uma força simbólica que fornece, aos membros desses grupos específicos, a possibilidade de construção de uma totalidade de sentido” (RIVERA, 2001, p. 32-33). Para o autor, a memória possui uma multiplicidade de jogos, que são capazes de reproduzir uma variedade de pertenças, que induz o individuo a integrar determinadas sociedades. Rivera enfatiza ainda que as correntes de memória são atualizadas quando em contato direto com um passado sagrado e que “a longa tradição dos lugares sagrados esconde um dinâmico jogo da memória coletiva, o qual obedece às correntes de pensamento nas quais se funda a grande diversidade de tradições” (Ibid., p. 36).

Diante dos depoimentos dos entrevistados e do apoio das concepções dos autores, observamos que os Tambores Mirins é um grupo que vem se estabelecendo enquanto comunidade afetiva de referência. E, à medida que interagem coletivamente, forma na memória uma massa consistente e viva que se apoiarão futuramente para realizarem suas lembranças. Para Halbwachs (1990, p. 27-34), o apego e a permanência em uma comunidade afetiva tornarão firmes as lembranças, ao contrário do desapego que leva ao esquecimento.

3.3 Os Tambores Mirins e as estratégias de construção de memória de uma manifestação afro-brasileira: tensões entre discurso e prática

Como vimos, ao longo da nossa pesquisa, esse grupo de maracatus infantis é uma manifestação que vem ao longo desses dez anos se consolidando como uma prática que se concretiza através da configuração da Noite dos Tambores Silenciosos, considerada uma manifestação cultural e religiosa, criada por afrodescendentes pernambucanos, que ganhou a conotação de invenção de uma tradição.

Faremos algumas reflexões à luz do material adquirido durante o processo de pesquisa, demonstrando, por meio dos depoimentos dos entrevistados, quais as estratégias que estes utilizam para construir memória afro-brasileira. Segundo Campos (2011), uma das peculiaridades das religiões afro-brasileiras em Pernambuco é o apego às tradições, como “[...] a originalidade dos cultos, das vestimentas, dos rituais no sentido de preservarem e perpetuarem através da tradição oral, passada de gerações mais velhas às mais novas, os ensinamentos trazidos para o Brasil pelos seus ancestrais africanos” (CAMPOS, 2011, p. 1). Por essa linha de raciocínio é que somos conduzidos a pensar ser este um dos motivos dos organizadores dos Tambores Mirins investirem em um processo de construção de memória com as crianças numa manifestação cultural e religiosa afro-brasileira.

Consideramos a manifestação dos Tambores Mirins uma extensão dos Tambores Silenciosos. Ainda que haja grupos de maracatus que não são de terreiro, porém, conseguem conviver harmoniosamente em uma manifestação considerada por nós como sendo de natureza sincrética. Por entendermos que, desde o seu início, existe uma relação entre a Igreja católica e o candomblé, devido à mesma estar a serviço do sistema escravocrata responsável por evangelizar os negros. E o negro para se reorganizar religiosamente utiliza os espaços criados pela Igreja Católica como é o caso das confrarias citado no corpo do nosso trabalho.

Interessante notar que as pesquisas desenvolvidas sobre a origem do maracatu no Recife, registram sempre a utilização de espaços físicos da Igreja Católica pelos adeptos do candomblé, para reagruparem-se culturalmente. Guerra-Peixe (1980, p. 38) nos informa sobre o cortejo realizado em 1928, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em que Dona Santa, Rainha do Maracatu Elefante, dança com sua calunga, reverenciando aos eguns. Lia Menezes (2005) também menciona sobre o culto às divindades do candomblé, como afirma: “Badia e as tias, Dona Santa confiou à continuidade da cerimônia de homenagem e louvor às

forças encantadas (orixá) e aos espíritos dos ancestrais (eguns), que era feita na porta da Igreja dos Homens Pretos” (MENEZES, apud SILVA JUNIOR, 2009, p. 27).

Como podemos observar, através das citações mencionadas acima e nos capítulos anteriores, está claro que não se deve excluir a relação entre a religião afro-brasileira em Pernambuco e os grupos de maracatus, pois a tradição que hoje existe, tem em seu constitutivo a religião como fundamento.

Nesse sentido, é que entendemos que, em alguns depoimentos de lideranças de maracatus, transparecem tensão. Uma vez que, ao serem interrogados se o maracatu tinha relação com a religião afro-brasileira, nos deparamos, em alguns momentos, com afirmação, e em outros: com negação desse relacionamento. Logo, consideramos estar diante de uma situação um tanto quanto complexa, o que nos direciona para a seguinte reflexão: É possível construir memória afro-brasileira separada de religião, numa cultura onde a ancestralidade é constitutivo antropológico de concepção de ser humano, família e sociedade?

Dessa forma, pensamos que para haver compreensão da cultura religiosa afro-brasileira, é necessário entender como se constitui a cosmovisão africana, devido a sua complexidade (SANTOS 1988; VASCONCELOS, 1999; VERGER, 1981).

Para que possamos analisar as tensões encontradas nos depoimentos das lideranças de maracatus infantis, selecionamos inicialmente alguns recortes que indicam estarem marcados pelos “não ditos” e/ou pelo silêncio, ambos, presentes no discurso, como destaca Orlandi (2001) mais adiante.

Ao perguntarmos à Pandora, ex-liderança ligada ao Núcleo Afro, responsável pela organização do evento dos Tambores Mirins, se os maracatus que são de Escola têm ligação com a religião afro-brasileira, a mesma inicialmente responde negando e fazendo a seguinte declaração:

Olhe, eu particularmente acho que não. Acho que amplia mais. Amplia o universo das relações entre as pessoas. Que quando a gente pega, por exemplo, o Daruê Malungo. Daruê Malungo é uma ONG que faz um trabalho de resgate, tal. E as pessoas que estão lá dentro tem uma vivência da cultura afro-brasileira, e não necessariamente da religião. E aí, quando você consegue ampliar esse universo da religião, fazendo com que essa vivência, ela não seja como nos terreiros. Por que aí, se você pega os maracatus que na essência pra existir vai tá com o seu vínculo trincado na religião, nem todo mundo é. Já quando você vai pra história das crianças, aí você tem... Que a maioria não é de maracatu. Não são das religiões de matriz africana. Mas consegue ter uma vivência, uma compreensão melhor. Por isso que eu digo que amplia um pouco mais. Amplia no sentido da relação de respeito, na compreensão do próprio arcabouço. Do que compõe, como a história dos orixás. O que pode o que não pode. O que é tão diferente numa celebração,

que eles fazem pra... As que acontecem por exemplo nas igrejas. De quem vai, que nem todos também vão. Assim, eu acho que o aspecto religioso, ele termina acontecendo num universo mais ampliado. Quer dizer, é como se todo mundo tá lá, meio que pra aprender. Alguns vão seguir outros não. Mas, tá todo mundo lá. Acho que isso é legal dentro dos Tambores Mirins. Por que as crianças passam a não ter essa obrigação. De pensar aquilo como a religião propriamente dita. Mas, a compreensão de como é possível ter outras referências religiosas. Que se confunde muitas vezes com o próprio espetáculo. De tá lá cantando, dançando se apresentando. E o momento mesmo da celebração. Eu acho que os Tambores Mirins, eles conseguem meio que fazer isso (PANDORA, VER Apêndice K).

Após declarar quais motivos que a leva achar que os Tambores Mirins de Escola não têm relação com a religião afro-brasileira, Pandora afirma também que, na questão relacionada à música, pode-se incluir o aspecto religioso como declara:

O maracatu na perspectiva da música, que aí você inclui as ONGs... Por outro lado, a gente conseguiu trazer algumas lideranças religiosas que fizesse esse meio termo. Eu lembro que por muito tempo a Lúcia dos Prazeres, era uma das pessoas que tava na celebração. E assim, a proposta era de fato construir essa memória, não pra gente, mas pras crianças, que depois a ideia que eles de fato estejam na Noite dos Tambores silenciosos. (PANDORA, ver Apêndice H).

Observamos, no conteúdo da fala de Pandora, um aspecto complexo: pelo seu posicionamento, fica explícito que ela está querendo separar o que não pode ser separado. Como pode, em alguns momentos da manifestação, ter a religião em seu contexto e excluí-lo em outros? Embora haja negação de que exista relação dos maracatus mirins de Escola com as religiões afro-brasileira, as concepções dos autores e a prática dos Tambores Mirins apontam que essa relação está implícita no fazer dos grupos. Consideramos como uma das principais evidências o objetivo colocado pelas lideranças quando pensaram em levar as crianças para participar da manifestação no Pátio do Terço, que era dar continuidade aos Tambores Silenciosos, que já estão consolidados há anos como uma manifestação cultural e religiosa que ganhou visibilidade em Pernambuco e que, desde sua origem, tem uma relação intrínseca com as religiões afro-brasileira. Ainda que nem todos os grupos infantis sejam de terreiro, mas, acreditamos que a participação das crianças proporciona a prática da construção da memória coletiva que garantirá uma rede de solidariedade desenvolvendo o *ethos* e a visão de mundo. Segundo Geertz (1989), a religião nunca é apenas metafísica e nem meramente ética. Esta é que fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana (GEERTZ, 1989, p. 143).

Vasconcelos (1999, p. 89) afirma que “a experiência religiosa africana é profundamente marcada pela relação entre os seres humanos, os antepassados familiares coletivos e Deus [...] os antepassados desempenham um papel fundamental no sistema religioso”. Segundo o autor, a diferenciação entre cultura e religião se torna impossível, visto que toda organização social é composta de elementos religiosos. O sistema complexo de símbolos, sinais, mitos e ritos conseguem atingir a totalidade da existência em busca da participação na força vital e “[...] há um equilíbrio que é impossível de ser preservado se a dimensão religiosa for isolada do conjunto dos elementos que compõem a sociedade” (VASCONCELOS, 1999. p. 181).

Continuando a nossa análise, estamos mais uma vez diante de uma tensão no discurso de uma colaboradora de nossa pesquisa. Marta, líder de maracatu de ONG, embora explicita muito timidamente que trabalham o aspecto da “valorização cultural principalmente na área da religiosidade”, exclui o relacionamento com a religião, como afirma:

[...] O objetivo era trazer, conhecer a cultura, essa cultura ancestral, pra que não se perdesse. As crianças pudessem se apropriar dessa história. Que é tão viva, que é tão importante, e que tem um valor cultural [...]. Esse grupo, ele trabalhou muito na questão da valorização cultural, principalmente na área da religiosidade. Você vê que hoje tem um valor, tem um trabalho com os terreiros (MARTA, ver Apêndice H).

No entanto, após dizer que trabalhavam a valorização cultural, principalmente no aspecto religioso, logo em seguida, Marta nega dizendo o seguinte:

[...] Olhe, não tem uma relação com a religião. Tem uma relação com a história, de conhecer a história. Saber que as músicas do maracatu, do nosso maracatu... Você pega o CD, as músicas tem tudo a ver com a questão tanto da história, quanto um pouco da religiosidade, não é? Falando dos orixás, tá. O estudo de saber quem são, quais são os orixás [...] (MARTA, ver Apêndice H).

Apesar de a entrevistada negar que o seu maracatu tenha relação com a religião de matriz africana, ousamos em afirmar que todos os grupos de maracatus infantis realizam seus rituais de forma independente, em sintonia com a cultura afro-brasileira, de acordo com suas necessidades. Sejam eles ligados ou não ao candomblé. Ora, se durante o ano, há todo um envolvimento através dos ensaios, culminando com a festa pública que consideramos um espetáculo cênico dramatizado, através de uma recreação coletiva, que se transmite aos

envolvidos e expectadores, alegria e satisfação através da dança, da indumentária ritualística, da música e do culto às divindades míticas do panteão africano, não há como dizer que não existe relação com a religião. Segundo Durkheim (1996), toda festa serve para produzir uma “efervescência coletiva” e “superar a distância entre os indivíduos”. Sobre esse aspecto Durkheim afirma:

[...] toda festa, mesmo que puramente leiga por suas origens, tem certos traços da cerimônia religiosa, pois sempre tem por efeito aproximar os indivíduos, pôr em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si, distraído de suas ocupações e preocupações ordinárias. Por isso, observavam-se em ambos os casos as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, busca de estimulantes que elevem o nível vital, etc. Foi assinalado com frequência que as festas populares levam aos excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito [...] (DURKHEIM, 1996, p.417).

A narrativa de uma Yalorixá, líder de maracatu, nos chama atenção para o fato de já ter preparado sua filha de 18 anos para ser herdeira do terreiro de candomblé, do qual é a sacerdotisa. Nabi explicou que a filha passou pelo ritual de iniciação que é marcado pelo recolhimento para aprendizado do iniciado das danças, rezas, etc. Tivemos a oportunidade de assistir à festa de iniciação de Natália, que fora marcado por um ritual interessantíssimo, no terreiro Abassa Axé Oya Balé Omim. Ao iniciar a festa ritualística, a mãe, e Yalorixá, muito emocionada, apresentou a herdeira ao público presente, dizendo que se tratava de um dia especial, e que assim como Natália, todos os outros iniciados estavam recolhidos por um período de 28 dias. Aproveitou para falar de sua trajetória enquanto Yalorixá e da responsabilidade que o sacerdócio exige. Explica ainda que a escolha da Rainha do seu maracatu acontece por indicação de uma entidade infantil denominado “Estrelinha” e que todo esse processo indica uma continuidade no maracatu e no candomblé, conforme afirma:

Natália, minha filha, que tem hoje 18 anos, foi a primeira Rainha do Nação Vuginhos. Hoje tá com 18. Hoje é a herdeira da casa. Ela que foi a primeira Rainha da Nação e depois de, ela coroou. Ela foi a única Rainha nos T.M que coroou outra Rainha. Que foi Andreza, que é minha afilhada, que já está uma moça também. Hoje também tá com 16 anos. E agora é do batuque e é do grande. E quem é agora a Rainha é Sara. Sarinha, que é a Rainha. É uma negra linda. Entendeu? Foi escolhida também por estrelinha. Todas são escolhidas por ela. Desde a minha filha. Não é porque era minha filha, não. Era afinidade. Depois ela escolheu uma que não era nem daqui do barracão. Ela é da religiosidade, mas é de outra casa. É minha afilhada, mas é de outra casa. Mas a Erê da casa escolheu ela. E a Sara também. Não é daqui de casa.

Ela sempre tá no grupo, e estrelinha escolheu ela como Rainha. Então isso é uma continuidade. Natália é a Presidente do Vuginhos. E o Mestre é aí hoje o Mestre foi Isaac. O primeiro Mestre na verdade, Hugo que sabe todos os Mestres. E foi Isaac foi o último. E quem assumiu agora se. Mas parece que foi é, Gueguinho. Que foi um dos vocalistas nosso. Da Nação Vuginhos. Que ele já participou. A primeira de Vuginhos foi Wilma, foi uma mulher. Entendeu? Que é dos Coelhos. E teve muitos meninos também. Porque o maracatu leão da Campina, ele veio dos Coelhos. Então teve muitas meninas ali dos Coelhos que participou do Nação Vuginhos. Agora que escolheu o nome Vuginhos, foi a Matriarca da Casa, minha mãe (NABI, ver Apêndice I).

Figura 09



Festa ritualística de iniciação de Natália, Rainha do Maracatu Infantil Vuginhos e herdeira do Barracão Abassá Axé Oya Balé – Foto de Eliene Ferreira em 18/03/2012.

Observa-se que o trabalho de Nabi está voltado para que seja preservado um conhecimento que recebera de seus antepassados e através de sua filha dar continuidade a uma tradição, que consiste em um “[...] conjunto de representações, imagens, saberes teóricos e práticas, comportamentos, atitudes, etc. que um grupo ou uma sociedade aceita em nome da continuidade necessária entre o passado e o presente” (HERVIEU-LÈGER, apud SILVA, 2010, p. 128).

Bastide (1971, pp. 341-342) corrobora com a entrevistada quando diz que “[...] a continuidade social depende da continuidade estrutural, e é de se temer, caso essa última venha a se interromper, o aniquilamento da tradição”. Para Bastide, a memória coletiva é a memória do grupo e esta se articula entre os membros do grupo, sendo estas articulações que foram quebradas com a diáspora negra. O autor destaca que a tradição religiosa apresenta-se sob dois aspectos, como pressão – observando-se a pressão das velhas gerações pela continuidade social; e o outro aspecto como estrutura – e esta, além de fornecer os quadros da memória coletiva, é necessária porque a memória individual necessita de apoio da coletividade, ou seja, sozinhos não conseguimos articular nossas lembranças, sempre precisamos do apoio de outras pessoas e que “[...] a memória coletiva é um conjunto de imagens mentais ligadas, de um lado, a mecanismos motores, os ritos, se bem que os ultrapassando, e de outro, as estruturas morfológicas e sociais [...] lugar, sociedade, gestos e memória constituem uma só unidade” (BASTIDE, 1971, p. 344).

Rivera (2001), a partir de Durkheim, afirma que a fonte do poder da tradição é a consciência coletiva e que “[...] um estado coletivo tem força quando essa é aceita por todos como herança das gerações precedentes. O fato de ser herdado lhe concede caráter inquestionável: eis o peso da tradição” (RIVERA, 2001, p. 77). O autor afirma ainda que uma crença, conduta, ou seja, o legado que é deixado por gerações anteriores, necessita de um período prolongado para que se cristalice, por isso que possui tanta força e demora tanto para se modificar.

Ainda sobre o processo de iniciação de Natália como herdeira de terreiro de candomblé, vemos refletir-se no pensamento de Barreto (1984, p.45), fundamentada em Juana Elbein dos Santos, quando afirma que, por trás das manifestações religiosas afro-brasileiras, existe uma estrutura mística comum. Esta considera os terreiros de candomblé, independente da nação que pertençam, como comunidades locais, que organizam e transmitem um ethos específico, e o fenômeno da possessão serve para:

[...] recordar o mito e revivê-lo, através da comunicação com as entidades sobrenaturais. É através do processo de iniciação que os noviços, por meio da interiorização de elementos simbólicos, se transformam em verdadeiros altares vivos, onde pode ser invocada a presença das entidades sobrenaturais que atualizam princípios e valores culturais negros (BARRETO, 1984, p. 45).

Celso, líder de maracatu ligado ao candomblé, destaca a responsabilidade que é atribuída aos participantes do maracatu o qual lidera. Os meninos são as pessoas encarregadas pela organização da corte, cortejo, roupas, etc.. Afirma que as crianças só não são responsáveis pelos aspectos religiosos, porém, participam de momentos religiosos promovidos pelo terreiro durante o ano, enfim, são “educados religiosamente” dentro dos preceitos do candomblé como ele descreve:

Primeiro, eu sou Mestre, mas, no Maracatu Mirim, não é eu que faço trabalho, quem faz o trabalho com o Maracatu Mirim é outra criança, de 15 anos, que é Nenê Deivison, ele responsável pelo batuque mirim e pela corte mirim. Ele pela corte e minha filha Jhaiana, né, essa aqui (foto), ela é responsável pela corte, pelo cortejo, eles dois fazem o Maracatu Mirim. Então, eles dois fazem o Maracatu Mirim, então eles dois, duas crianças, claro, vai o pessoal da Diretoria, tudo, mas eles se preparam, as roupas, é o dia oficial deles. Então assim, há toda uma preparação de responsabilidade, não de religiosidade, como é o dos adultos nos Tambores Mirins, nos Tambores Adultos. Mas, essa preocupação da responsabilidade, quando chega lá, ele tem essa coisa da responsabilidade, porque também tem o momento religioso, e todos eles participam e eu fico muito feliz porque eu, dentro do Porto Rico, independente dos Tambores, a gente já tem um trabalho de educação religiosa com eles, né, não é só nos tambores, é o ano todo, eles participam direto, outros indiretamente, da religiosidade como lá no nosso terreiro. Então fica muito mais fácil trabalhar e educar nossas crianças ligadas à religião (CELSO, ver Apêndice F).

O depoimento de Celso corrobora com o que afirma Schiddt; Mahfoud, (1993, p. 292-294), que, baseados na tese de Halbwachs, afirmam: “[...] a memória coletiva adapta as imagens de fatos antigos a crenças e a necessidades espirituais do presente”. O passado se reconstrói e ressignifica continuamente na memória coletiva, que é o quadro onde os conteúdos se articulam entre si, encontrando seu lugar na tradição. Considerando a memória histórica como responsável pela construção lógica e inventada do passado. Preservando assim, valores construídos no passado para as futuras gerações e que, como afirma Cardini:

[...] a grande protagonista da história é a memória coletiva, que tece e retece, continuamente, aquilo que o tempo cancela e que, com a sua incansável obra de mistificação, redefinição e reinvenção, re-funda e requalifica continuamente um passado que, de outra forma, correria o risco de morrer definitivamente ou de permanecer irremediavelmente desconhecido (CARDINI, apud SCHIDDT; MAHFOUD, 1993, p. 294).

Lair, Gestora de uma ONG, explicita em seu discurso que o seu trabalho assume uma postura que se caracteriza por uma relação entre o fazer pedagógico, baseado na Proposta de Paulo Freire³⁰ e a cultura popular. Para as crianças excluídas pela Escola Pública, o maracatu entra como um divisor de águas, atraindo meninos e meninas. Estabelece-se uma dinâmica na relação entre quem participa (crianças) e as experiências do cotidiano (maracatu). Quando possibilita uma sacerdotisa do candomblé a contribuir com a ONG, repassando seus conhecimentos sobre o maracatu, assume os riscos e conflitos que poderiam enfrentar com a comunidade eclesial que não viu tal atitude de forma positiva. Enfim, mesmo diante dos inúmeros desafios encontrados, a liderança externa satisfação com a execução do seu trabalho, para nós, isso se deve ao fato de que ela acredita que está contribuindo com a construção de identidade nas crianças. Se a participação no maracatu se efetiva continuamente, é possível manter uma tradição por parte de quem se sente sujeito de uma determinada manifestação ou grupo social. Como podemos verificar através de sua fala:

Nação Erê tem uma história muito bonita. Ele começou quando nós tínhamos, era Escola Nova na época, depois virou Cepoma. Teve Estatuto que não tinha. Então, a Escola Nova, teve um momento bonito, porque a gente... Sempre na época, a gente gostava e gosta de Paulo Freire, e tava aquele momento bacana, e a Escola Nova começou porque as crianças, que tinham a distorção idade-série na época, 81,82%, simplesmente eram excluídas da Escola. Tava na rua. Aí a gente percebeu isso. Aí não. Venha cá! Sem Escola tu não ficas não. Por que a gente também faz parte do movimento das Escolas comunitárias. Aí não, aí vários bairros tinham, eram os meninos rechaçados pela Escola Pública, e a... pré-adolescente, e aí a gente tinha esses meninos. E aí? Como atrair essas caras, que já estão na rua. A escola jogou fora. Aí a gente, Paulo freire na veia. Então muita cultura, pra atrair e maracatu, atrair “dicunforça”. Então tinha o maracatu lá do Pina. Que um professor meu, da Universidade falou: Olhe, o Maracatu Encanto do Pina, não tem apoio, não tem nada. Tem que dar visibilidade, não sei o quê. Procure Maria de Sônia. Eu fui lá. Fui muito bem recebida no terreiro, e Maria de Sônia veio e trouxe os filhos e os netos, com as alfaias no ombro. A Escola funcionava nos fundos da Igreja Católica. O Conselho Paroquial depois me pegou, mas aí já era tarde. Pois uma mãe de Santo veio ensinar Maracatu. De todos os Maracatus, o que foi dos meus filhos, o que foi mais abençoado foi o Nação erê porque ele não foi concebido como Maracatu que ia ter futuro, nam, nam... A gente queria que aquela vivência fosse forte pros meninos, que mexesse com a identidade e trouxesse-os pra Escola. Aí a gente alfabetizava e empurrava de novo pra Escola Pública. Táqui, senão a gente vai pro Ministério Público. Era assim. A gente era virada. E Maria de Sônia veio doente, mas veio. Maria de Sônia foi coroada feita por seu Eudes. Se for procurar, ver antiguidade, é sério, muito sério, ela e Elda, é peso, de...

³⁰ Paulo Freire – Educador pernambucano, considerado um dos maiores pedagogos do séc. XX, “criou um novo paradigma de alfabetização de adultos, cujo princípio básico era a leitura de mundo precede a leitura da palavra”. Foi um dos intelectuais que participou do MCP (Movimento de Cultura Popular de Pernambuco) (BARRETO, 2004, p. 5).

candomblé. E aí, faleceu Maria de Sônia. Ela veio, nem eu sabia a importância daquela mulher. Te juro. Nem eu não sabia. Vim descobrir depois (LAIR, ver Apêndice B).

Ao analisarmos o conteúdo da fala de Lair, nos permite mais uma vez pensar que cultura e religião não se tratam de mundos diferentes. Quando usa o maracatu como estratégia para atrair os meninos e meninas para a Escola, vemos que, “[...] a cultura não é um poder, [...] mas sim um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, um contexto, algo dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições e os processos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, descrito com densidade” (VASCONCELOS, 2010, p. 93).

Nesse sentido, vemos que diante dos fatos retratados e observados, a experiência dos Tambores Mirins, constitui-se como mais uma das formas de fazer com que o *ethos* da cultura afro-brasileira seja dinamizado e preservado, que do nosso ponto de vista dá sustentação ao pensamento Santos (1977, p. 24-25) que vê, na diáspora, um elemento de coesão e canal de formação de identidade étnica e religiosa em que o negro “[...] nucleou os grupos comunitários que se constituíram em centros organizadores da resistência cultural e da elaboração de um *ethos* específico que resistiu às pressões de desvalorização e de domínio”. Segundo a autora, com o reagrupamento institucionalizado, formaram-se grupos que veiculavam os valores essenciais do negro, permitindo-lhe reelaborar elementos originários de vários sistemas herdados. Vasconcelos, corroborando com o pensamento de Santos, afirma que:

[...] Falar em identidade sem falar em religião no caso afro-brasileiro é uma contradição em si, é querer resgatar uma identidade separando o sujeito dos seus símbolos condutores dos seus valores e sentidos fundamentais para a existência. A identidade negra, mesmo que não possa ser confundida, não pode ser separada da sua identidade religiosa tendo em vista que a totalidade da complexidade da cultura negra não pode ser captada dos seus elementos religiosos (VASCONCELOS, 1999, p. 183).

Por fim, apesar das tensões evidenciadas nos depoimentos dos entrevistados, não podemos deixar de mencionar que vemos nas estratégias de construção de memória dos Tambores Mirins, como enquadramento de memória afro-brasileira. Pois todo o processo de socialização da cultura, com seus princípios, crenças e valores, contribuem para a construção de identidade das crianças e adolescentes que integram os grupos infantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pluralidade de manifestações culturais que se apresentam no Estado de Pernambuco, os Tambores Mirins destacam-se no Recife como sendo mais uma das contribuições dos negros que estão presentes na formação cultural brasileira. Consideramos esses grupos infantis como extensão dos Tambores Silenciosos, um grupo de maracatus de baque virado inventado por negras e negras, após um longo processo de sofrimento, causado pela diáspora negra, em que foram obrigados a adaptar-se a um novo contexto totalmente diferente do que estavam acostumados em seu país de origem, tendo que ressignificar suas crenças e valores fundamentais.

Os grupos de maracatus, enquanto manifestação cultural e religiosa, entendemos ser uma das evidências que comprovam a resistência do negro africano como desafio às pressões impostas pelo sistema escravocrata, que os impediam de praticarem suas crenças. Porém, hoje, lutam para fazer com o que fora construído, com muita dificuldade e sofrimento, continue sendo visto pelas futuras gerações, através das crianças que participam dos grupos de maracatus infantis.

Para que pudéssemos compreender como surgiram os Tambores Mirins, foi necessário conhecermos primeiramente a história dos Tambores Silenciosos, grupos de maracatus adultos que se apresentam no Pátio do Terço. E pudemos constatar que sua origem contou com a participação de negros que ali viviam, como as tias do terço, já citadas anteriormente no nosso texto, bem como de pessoas que tinham interesse por questões relacionadas à cultura afro-brasileira, como é o caso do Jornalista Paulo Viana.

A Igreja Católica age a serviço do sistema escravocrata, realizando a catequização dos negros, interferindo na cosmovisão africana. Para controlar os negros africanos foram criadas as Confrarias que acabaram por servir também como espaço onde os negros camufladamente, através de suas músicas e danças, reverenciam suas divindades míticas e prestam culto à memória dos seus antepassados. Segundo Bastide (1971, p. 19), esses espaços serviram como nichos, onde se desenvolvia uma solidariedade racial, contribuindo para que suas tradições culturais e religiosas fossem construídas, sendo este o momento em que ocorre o sincretismo religioso, ou seja, o negro faz associação dos orixás com os santos católicos, sem com isso confundi-los.

Atualmente, os grupos de maracatus se destacam como manifestação cultural no Recife, sendo uma das atrações mais significativas do carnaval. Diferentemente do que ocorreu no passado, em que os maracatus e adeptos do candomblé sofriam perseguições por parte do Estado, sob a acusação de prática de bruxaria, charlatanismos, dentre outras práticas, precisando camuflar suas crenças, tendo inclusive alguns grupos desaparecido (Cf. REAL 2001).

No evento dos Tambores Silenciosos, no grupo dos adultos, só se apresentam no Pátio do Terço os que têm relação com o candomblé, porém, nos grupos infantis, participam os que são de terreiro e também grupos de Escola e ONGS. Os Tambores Mirins estão a dez anos imersos num cenário caracterizado pela dinamicidade e pluralidade cultural, presentes na tradição cultural de Pernambuco. Tendo, na composição dos grupos, crianças e adolescentes com idade entre oito e dezesseis anos, com 30 a 60 integrantes, incluindo-se Corte Real, Dança e Percussão.

Segundo depoimento das lideranças, o objetivo de colocar meninos e meninas para participarem no evento dos Tambores Mirins, surge inicialmente da preocupação de dar visibilidade e, ao mesmo tempo, construir memória e dar continuidade futuramente à manifestação dos Tambores Silenciosos. Inicialmente, foram envolvidos grupos que desenvolviam projetos sociais e de terreiro de candomblé que estavam envolvidos com maracatu.

Lideranças educadoras de ONGS, Escolas, adeptos do candomblé e membros dos movimentos negros sociais, motivados pelo viés político-pedagógico e social, se articularam para criar estratégias, em que, através do ato de brincar o maracatu, as crianças se apropriassem de uma rede simbólica de valores presentes na tradição do maracatu, que atua como canalizador na construção de identidade afro-brasileira e continuidade da manifestação.

Consideramos o momento da celebração no Pátio do Terço, como ritual apoteótico, que acontece na segunda-feira de carnaval, às 18 horas. As cortes dos maracatus mirins concentram-se com sua percussão e Corte Real para realizarem a louvação às divindades africanas. O momento litúrgico é celebrado por uma Yalorixá que, ao rufar dos Tambores, saúda o público com Axé e cantam para os Orixás. É o momento de pedir proteção para as crianças para que possam estar no futuro ali novamente, reverenciando os Orixás. O ritual de louvação é o momento em que as crianças participam, através da manifestação cultural e religiosa, estabelecendo comunicação entre as divindades, fazendo com que haja participação

na força vital e concomitantemente, internalizam os valores míticos simbólicos da cultura afro-brasileira.

A experiência religiosa vivenciada pelos meninos e meninas trata-se, em nossa opinião, de uma realidade que se concretiza na relação entre sagrado e profano, em que, no momento da celebração, se reverenciam os Orixás num local sagrado e num tempo profano que é o carnaval, que não poderia ser diferente, uma vez que se trata de repassar às crianças uma tradição da cultura afro-brasileira pelos Tambores Silenciosos.

Durkheim (1989) considera o sagrado como ambíguo, uma vez que estão presentes gêneros opostos como o puro e o impuro, sendo estes, polos da vida religiosa que correspondem aos estados opostos do que se vive socialmente e afirma que:

O puro e o impuro não são, portanto, dois gêneros separados, mas duas variedades de um mesmo gênero que compreende todas as coisas sagradas. Há duas espécies de sagrado, um fasto, e o outro nefasto, e não somente entre as duas formas opostas não existe solução de continuidade, mas ainda, um mesmo objeto pode passar de uma a outra sem mudar de natureza. Com o puro, faz-se o impuro, e vice-versa. É nessa possibilidade dessas transmutações que consiste a ambiguidade do sagrado (DURKHEIM, 1989, p. 488).

A inserção das crianças num ritual em que o espaço tem em seu contexto valores sagrada é propício, segundo Halbwachs (1990), ao desenvolvimento de memória coletiva, desenvolvendo-se um quadro espacial que recupera o passado pela lembrança que faz uma relação com o lugar em que é fixado o pensamento. Halbwachs declara que:

[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial [...] o espaço é uma realidade que dura [...] e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. [...] É sobre o espaço [...] que devemos voltar nossa atenção [...] para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Diante dos depoimentos dos entrevistados e das abordagens dos autores, estamos convictos de que os Tambores Mirins, através das estratégias criadas pelas lideranças dos maracatus, se apoiam nos Tambores Silenciosos como ponto de referência na construção de memória religiosa afro-brasileira, como forma de preservar uma tradição, evitando assim que caia no esquecimento.

Segundo Bastide (1971, p. 336-338), “o empobrecimento dos mitos africanos” ocorre devido à falta de pontos de referência que possam fazer ligação com as lembranças, e, para manter-se vivo, necessita estar em sintonia com gestos ritualísticos das experiências religiosas, pois “a memória coletiva é a memória de grupo, mas com a condição de acrescentarmos um seu aspecto, o de ser a memória articulada entre os membros desse grupo” (BASTIDE, 1971, p. 340).

Apesar de termos concluído que há construção de memória na experiência dos Tambores Mirins, um fato marcante nos chama atenção ao analisarmos a produção de sentidos nos discursos dos entrevistados. Ficou evidenciado que há uma tensão nas falas nos aspectos relacionados à ligação dos maracatus com o candomblé, principalmente nos grupos ligados a ONG e Escola, pois, em alguns momentos dos discursos, afirmam não ter relação com a religiosidade, mas, ao mesmo tempo, deixam escapar que a relação existe.

De acordo com Orlandi (2001), o discurso produzido pelo sujeito é afetado pela língua e pelo contexto sócio-histórico e ideológico. Por essa perspectiva é que talvez um dos possíveis motivos provocadores da aparente contradição nos discursos dos entrevistados seja o fato de ter que cumprir determinadas exigências das políticas públicas que financiam os projetos sociais e que, de certa forma, são obrigados a produzir um discurso que satisfaça às exigências externas. Como as ONGS e Instituições Governamentais não podem ter vínculo político nem religioso, busca-se construir, no discurso, uma pseudo separação entre religião e cultura. Porém, as falas contempladas no nosso trabalho demonstram que essa separação é artificial porque de fato a relação existe, conforme explicitamos anteriormente no nosso texto.

Ao analisarmos a significação implícita nas falas dos nossos entrevistados, tomamos o discurso em que há negação como o interdiscurso, o dito, que com o desenrolar do pensamento é esquecido, gerando posteriormente o intradiscurso, a formulação, “aquilo que estamos dizendo naquele momento” dependendo das circunstâncias do momento (ORLANDI, 2001). E conseqüentemente produz-se a afirmação, por isso que gera nas falas a tensão, pois há um deslocamento entre o que se pensou em falar e o que realmente se faz, pois “[...] Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos [...] o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia” (ORLANDI, 2001, p. 38).

Por fim, o processo de construção de memória, através da experiência afro-brasileira na experiência dos Tambores Mirins, se dá através de estratégias ricas, criativas e dinâmicas, utilizadas pelas lideranças de maracatus infantis, por meio de brincadeiras, durante o carnaval,

como forma de manter viva, na memória de crianças e adolescentes, uma tradição cultural e religiosa, herdada dos antepassados. Pois, ao participarem da festa ritualística, apropriam-se de ideias e valores da cultura afro-brasileira, através da ludicidade e alegria do maracatu.

Ainda (nos) referindo ao trabalho de articulação das lideranças com as crianças, entendemos ser este, um Enquadramento da Memória, conceito utilizado por Pollak, devido o grupo reforçar o significado na tentativa de definir e reforçar sentimentos de pertencimento a cultura afro-brasileira através do trabalho contínuo de reinterpretação do passado.

Nossa investigação possibilitou-nos compreender que a manifestação dos Tambores Mirins vem se ressignificando e contribuindo com a tolerância religiosa, uma vez que não há restrição quanto ao credo religioso para participar dos grupos infantis. Ou seja, o grupo adota uma política de inclusão e, com isso, todos os envolvidos tem a possibilidade de ter um novo olhar para a religião afro-brasileira, ajudando a desmistificar a demonização de divindades do panteão africano criado pelo cristianismo e a conviver pacificamente, respeitando a diversidade religiosa, étnica e cultural. O que para nós seria um antídoto contra qualquer tipo de intolerância.

REFERÊNCIAS

1) Livros

- ABREU, Martha. **“Nos requebros do divino”**: lundu e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX. In: Carnavais e outras F(r) estas. Campinas: Ed. da UNICAMP / CECULT, 2002.
- ANDRADE, Mário de. A calunga dos Maracatus. In: **Congresso Afro-Brasileiro**. Recife: FUNDAJ, Editora Mansagana, 1988.
- AUGRAS, Monique. **A dimensão simbólica**: o simbolismo nos testes psicológicos. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971 a. Vol.1.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971b. Vol.2.
- _____. **Estudos Afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva. 1973.
- BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC: Brasília: EDUNB. 1993.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BINGEMER, Maria Clara Luccheti (org.). **O impacto da modernidade sobre a religião**. São Paulo: Loyola, 1992.
- BRANDÃO, Maria do Carmo; MOTTA, Roberto. Adão e Badia: Carisma e tradição no xangô de Pernambuco. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). **Caminho das almas**: memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002, p. 48-87.
- BRANDÃO, Sylvana. (org.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Bagaço/Universitária da UFPE, 2010. v. 5.
- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGMANN, Michel. **Nasce um povo**: Estudo antropológico da população brasileira. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BERKENBROCK, Volnei. J. **A experiência dos orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira**: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes: koinonia, 2003.
- BROUGÈRE, Gilles; WAJSKOP, Gisela. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: com origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense –1977.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Portugal: Editora 70, 1977.

CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado**: o fenômeno religioso na virada do milênio. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O combate ao catimbó**: práticas repressivas as religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. 2001. Dissertação (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

_____. **Culturas Híbridas**: Estratégia para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Conformismo e resistência**: Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Cidadania cultural**: o direito à cultura. São Paulo. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

CINTRA, Raimundo. **Candomblé e umbanda**: o desafio brasileiro. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Como normatizar trabalhos acadêmicos**: projetos, monografias e artigos. Recife: Fundação Antônio dos Santos Abranches, 2011.

COSTA, Sebastião H. Vieira da. Alguns aspectos da religiosidade afro-brasileira em vista de uma adequada pastoral da iniciação cristã In: BRANDÃO, Silvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. v.1.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses**: religião, cultura e natureza. São Paulo: UNESP, 2004.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro. 1980.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia Social da Religião**. Rio de Janeiro: Campos, 1978.

_____. **Bruxarias**, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- FERRETI, Sérgio Figueiredo. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: São Luiz FAPEMA, 1995.
- FILHO, José Bittencourt. **Matriz religiosa brasileira: religiosa e mudança social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências da religião**. São Paulo: Paulus, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1981.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global. 2006.
- GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Irmãos Vitale; Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara koogan, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pos-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A EDITORA. 2000.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. - (Biblioteca Vértice e Política).
- HOURTART, François. **Mercado e religião**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: editora UNESP, 2003.
- LIMA, Claudia. **Evoé: História do carnaval: das tradições mitológicas ao trio elétrico**. Recife: Raízes brasileiras, 2001.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certeza, batendo afayas e fazendo histórias**. Recife, Bagaço, 2008.
- _____. **Maracatu-Nação: ressignificando velhas histórias**. Recife: Bagaço. 2005.
- LODY, Raul, **Candomblé Religião e resistência cultural**. São Paulo Ed. Ática. 1987.
- MATTA, Roberto Da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Editora Guanabara, Rio de Janeiro. 1990.
- _____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rocco. Rio de Janeiro. 1984.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa. Edições 70, 2001.
- MENEZES, Lia. **As Yalorixás do Recife**. Recife: Funcultura, 2005.
- MONDIN, Batista. **O homem: quem ele é?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MULLER, Wunibald. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001.

ORTIZ, Renato. **Moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo; Brasiliense, 2006.

_____. **A morte branca do feiticeiro negro**. Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1988. v. 2.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PAPAI, Manoel. **A Noite dos Tambores Silenciosos**. Recife, 12 de Janeiro de 2003, (Entrevista concedida a Carmem Lélis e Euclides Costa). Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Departamento de Documentação e Formação Cultural, Divisão Casa do Carnaval, Núcleo da Cultura Afro-brasileira, 2003.

POUPART, Jean. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RAMOS, Artur. **O negro brasileiro**. Etnografia religiosa e psicanálise. Recife: Ed. Massangana, 1988.

REAL, Katarina. **Eudes o Rei do Maracatu**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 2001.

_____. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana. 1990.

REIS, João José. **Escravidão e invenção da liberdade**. Estudos sobre o negro no Brasil. Editora brasiliense. 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIVIÈRE, Claude, **Os ritos profanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**. Sociologia do protestantismo na América Latina – São Paulo: Olho d'água, 2001.

RODRIGUES, Nina. **O animismo fetichista dos negros baiano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, asèsè e o culto Egun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Claudilene (Org.). **Recife Nação Africana**. Catálogo da cultura afro-brasileira. Maracatu Nação, Capoeira, Samba, afoxé, Reggae, Hip-Hop. Recife: Secretaria de Cultura do Recife (Núcleo Afro) 2008.

SILVA, Leonardo Dantas. **Estudos sobre a escravidão negra**. Ed. Massangana. Recife: 1988.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____(Org.) **Caminhos da alma**. Memória afro-brasileira. São Paulo: Summus, 2002.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2002.

SOUZA, Marina Mello e Souza. **Reis Negros no Brasil Escravista** – história da festa de coroação do Rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2002.

TERRIN, Aldo Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado: cultura e religiões**. São Paulo: Paulus, 2004.

VALENTE, Waldemar. A função mágica dos Tambores. In: **Revista do Arquivo Público**, Recife, ano 7/10, n. 9/12, 1952/1956.

VANNUCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**. O que é, e como se faz. São Paulo: Universidade de Sorocaba, Loyola, 2006.

VASCONCELOS, Sergio S. Douets; SILVA, Luiz Claudio Barroca da. O “Milagre” de ser Escravo no Brasil: o discurso religioso colonial frente à escravidão. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. Bagaco / Universitária da UFPE, 2010.v. 5.

_____. O sincretismo afro-católico: a solução de um trauma. In: BRANDÃO, Sylvana (ORG.). **História das religiões no Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001. V.3.

VIANA, Gercina; VIANA, Ana Paula. **A Noite dos Tambores Silenciosos**. Recife: (Entrevista concedida a Carmem Lélis e Euclides Costa). Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Departamento de Documentação e Formação Cultural, Divisão Casa do Carnaval, Núcleo da Cultura Afro-brasileira, 2003.

2) Revistas

GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Os Maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). In: **SAECULUM- Revista de História** [14]; João Pessoa, jan./jun. 2006.p. 183-198.

MACIEL, Karen de Fátima. **O pensamento de Freire na trajetória da educação popular**. Educação em perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 2, jul. / dez. 2011. p. 326-344

SANTOS, Juana Elbein dos. A percepção ideológica dos fenômenos religiosos: sistema nagô no Brasil, negritude versus sincretismo. **Revista de Cultura Vozes**. São Paulo, n. 7, v. 71, set. 1977. p. 23-34.

SILVA, Claudinei Fernandes Paulino. **A Teoria da Memória Coletiva de Maurice Halbwachs em diálogo com Dostoievski**: Uma Análise Sociológica Religiosa a partir da

Literatura. In: **Revista Theos** – Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas: 6ª Edição, V. 5 – Nº 2 – Dezembro de 2009. P. 1-17.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **“Rememoração”/Comemoração**: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de história*. São Paulo. V. 22, nº 44 2002. p 425-438

3) Internet

ANDRADE, Maria do Carmo. **Noite dos Tambores Silenciosos**. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <[HTTP://www.fundaj.gov.br](http://www.fundaj.gov.br)>. Acesso em: 17/08/2011.

BARRETO, Maria Amália Pereira. **O conceito de “comunidade” em Juana Elbein dos Santos**. *Perspectivas*, São Paulo. 1984.p. 41-48. Banco de Dados. Disponível em: <[HTTP://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1821/1489](http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1821/1489)>. Acesso em 10/10/2012.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **Religiões afrodescendentes no Recife**: uma trajetória de modernização e reinvenção de tradições na história. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011. Banco de Dados. Disponível em <<https://docs.google.com> >Acesso em 10/01/2013.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Banco de Dados. Disponível em:< <http://www.scielo.br>> Acesso em 11/01/2013.

_____. **Movimento Negro brasileiro**: história, tendências e dilemas contemporâneos. Banco de Dados. Disponível em: <www.ufes.br>.Acesso em 08/01/2013.

ENNE, Ana Lúcia Silva. **Discussões sobre a intrínseca relação entre memória, identidade e imprensa**. II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Banco de Dados. Disponível em:< <https://docs.google.com>>. Acesso em 28/12/2012.

FERREIRA, Luciano. **Tambores mirins encantam o pólo afro**. Banco de dados. Disponível em: <[Http://www.recife.pe.gov.br/2011/03/08/_175732.php](http://www.recife.pe.gov.br/2011/03/08/_175732.php)>. Acesso em: 17/08/2011.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Rainhas coroadas e rituais nos maracatus-nação do Recife**. Banco de Dados. Disponível em: <[HTTP://cambidaestrela.blogspot.com/2005/11/rainhas-coroadas.html](http://cambidaestrela.blogspot.com/2005/11/rainhas-coroadas.html)>. Acesso em: 17/09/ 2011.

_____. **Xangôs e maracatus**: uma relação historicamente construída. *Ciências Humanas em Revista*. São Luis, V. 3, n. 2, dezembro 2005. Banco de dados. Disponível em: <www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2005_2/isabel_gullen_v3_n2_pdf>. Acesso em: 20/07/ 2012.

LIMA, Claudia O. **O profano e o sagrado no cotidiano do africano**. Banco de dados. Disponível em: <[Http://www.claudialima.com.br/pdf/0_PROFANO_E_O_SAGRADO_NO_cotidiano_](http://www.claudialima.com.br/pdf/0_PROFANO_E_O_SAGRADO_NO_cotidiano_)>. Acesso em: 25/09/ 2012.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre a cultura do espetáculo e a identidade afro-descendente**: os maracatus-nação do Recife enquanto espaços de disputa. Texto integrante dos *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e o seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Banco de Dados. Disponível em:< <http://www.anpuhsp.org.br>>.Acesso em 10/01/2013.

MELO, Aislan Vieira de. **Reafricanização e dessincretização do candomblé**. Movimentos de um mesmo processo. Banco de Dados: Disponível em: <www.ufpe.br/revistaantropologicas> Acesso em 11/01/2013.

OLIVEIRA, Rosalira Santos. **Guardiães da identidade?** As religiões afro-brasileiras sob a ótica do movimento negro. Revista do Programa de pós-graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 2 Num. 1. 2011. Banco de Dados. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br>>. Acesso em 29/12/2012.

OLIVEIRA, Marília Flores Seixas de. et al. **Candomblé, natureza e sociedade: reinvenção da África mítica no Brasil**. Banco de Dados. Disponível em <www.sbsnorte2010.ufpa.br>. Acesso em 05/01/2013.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Banco de Dados: Disponível em:< http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Acesso em: 28/12/2012.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs. Memória coletiva e experiência**. Psicologia USP, S. Paulo, 4 (1/2). P. 285-298, 1983. Banco de dados. Disponível em:<WWW.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf >.Acesso em 15/09/2012.

SILVA, Luiz Claudio Barroca da. **Apontamentos interpretativos anti-sincretismo no Brasil**.Revista Brasileira de História das religiões – ANPUH. Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009. Banco de dados. Disponível em: < [HTTP://www.dhi.uem.br/gtrelição/pub.html](http://www.dhi.uem.br/gtrelição/pub.html)>. Acesso em 25/08/ 2012.

4) Dissertações e Teses

JUNIOR, Luiz Justino da Silva. **A manifestação do sagrado na Noite dos Tambores Silenciosos**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2009.

PRAZERES, Demétrio Alves dos. **Maracatu: Faces e interfaces de uma experiência religiosa**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2007.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **Religião e espetáculo: Análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé**. 2005. Tese de Doutorado (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

SILVA, Luiz Claudio Barroca. **“Santo não é orixá”**: um estudo do discurso anti-sincretismo em integrantes de religiões de matriz africana. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2010.

VASCONCELOS, Sérgio S. D. **Em busca do próprio poço: o sincretismo afro-católico como desafio à inculturação**. 1999. Tese de Doutorado (Doutorado em Teologia), Faculdade de Teologia Católica da Westfalischen Wilhelms – Universität Münster / Westfália Alemanha, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTÕES UTILIZADAS NA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

NOME DO ENTREVISTADO: _____

NASCIMENTO: ____/____/____

SEXO: _____

PERTENCE A UM TERREIRO? _____

NAÇÃO DO TERREIRO: _____

NOME DO MARACATU _____

DATA DE FUNDAÇÃO: ____/____/____

DATA DO DEPOIMENTO: ____/____/____

LOCAL DO DEPOIMENTO: _____

QUANTIDADE DE INTEGRANTES: _____

Quando e como aconteceu o início dos Tambores Mirins (TM) e qual era o objetivo quando foi criado?

E hoje, o objetivo continua o mesmo?

No início da criação dos Tambores Mirins, como os idealizadores se articulavam?

Quais os grupos que fizeram parte da fundação dos Tambores Mirins?

E hoje? Como o grupo se articula em torno da organização do evento na Noite dos Tambores Silenciosos? Há uma agenda? Reuniões?

Que tipo de apoio o grupo recebe para realizar e participar do evento dos Tambores Mirins?

Qual a relação do seu maracatu com as religiões afro-brasileiras?

Qual o orixá que está relacionado com o seu maracatu?

Há algum ritual que o maracatu realiza como preparação do carnaval e dos TM?

Como é feita a escolha dos participantes da corte do maracatu infantil, e qual a relação com a religião afro-brasileira?

Qual a importância que você vê na participação das crianças e jovens nos Tambores Mirins para a construção de identidade afro-brasileira dos que fazem parte do grupo?

Qual o papel que o encontro dos maracatus das crianças, tem para a construção da memória afro-brasileira dos grupos envolvidos?

APÊNDICE B

COLABORADOR 1 : NAZIRA

A. Aconteceu há uns onze, doze anos atrás. O início dos TM aconteceu através da Noite dos Tambores Silenciosos, dos adultos. Dai teve a ideia de criar também a tarde dos TM que são com as crianças. Por que assim, o intuito deles, queria repassar um pouco da cultura deles, da cultura afro. Para as crianças, porque no futuro essas crianças já estão preparadas para participar do grupo dos adultos, dos Tambores Silenciosos.

B. Sempre tem reuniões, uma agenda, por questão de chegar, tem os horários por conta da celebração que é as 18 h. Ai os grupos vão chegando e se apresentando por ordem. Começa a partir das 16h. Quando dá 18h, tem que parar pra celebração. Depois da celebração, os grupos que não se apresentaram antes das 18h, continuam se apresentando, depois da celebração, porque o intuito da celebração é às 18h, ai não pode ser nem antes nem depois. Ficou definido que seria nesse horário específico, 18h.

C. Com a religião... É por que assim. O maracatu em si, ele traz o resgate da cultura afro. Por isso que existem os personagens: o Rei, a Rainha, o Príncipe, a Princesa... Só trabalha os valores da cultura afro-brasileira.

D. Agente não tem nenhum orixá, não, relacionado. Porque o nosso maracatu não é de terreiro, não é ligado ao candomblé. O maracatu que foi fundado aqui na Escola, junto com o Cento de Cultura, na verdade é um centro de cultura que existe dentro da Escola, que é chamado Chico Sciense. Nós não só temos o maracatu, temos todo tipo de danças populares: Frevo, xaxado, maracatu, ciranda, coco.

E. Antes do carnaval, temos ensaio. Na verdade, temos ensaio todos os finais de semana, e dias de semana também agente têm. O horário é pouco, por conta do horário de sala de aula. Sim, tem uma pessoa só para os ensaios. Que é um ex-aluno nosso que hoje em dia é oficineiro, que é o Ricardo, que é da percussão, e Juliana também que é uma ex-aluna nossa, que hoje em dia é oficineira. Ela dá aula de dança e os ensaios, quando chega antes do carnaval, ele é feito com mais frequência, mais dias, por conta da apresentação do Carnaval dos TM, ai eles fazem mais dias durante a semana, duas vezes, três vezes na semana ou mais.

F. É... A importância é que muitos que já passaram pelo TM, que se apresentaram aqui com a gente, hoje em dia já dançam nos maracatus dos adultos, que é o tambor da noite, adulto né. E assim, então assim, continuando muitos já participam de grupos culturais, grupo afro, né. Em balé, em cultura afro, e assim eles vão seguindo a vida deles . Se sentem mais

valorizados no caso. Quando agente vê crianças que antes agente não via né, aquelas roupas coloridas, entendeu? Mais trabalhados, ou talvez o cabelo encaracolado, o cabelo cacheadinho. Hoje em dia você vê muitas crianças dessa forma, porque eles estão seguindo, uma tradição da cultura afro-brasileira.

G. O papel é que... Agente, como são os maracatus mirins, com essas crianças, nós assim fazemos é... Eu digo uma base. E aquele momento que eles estão lá participando desse evento afro-brasileiro, eles vão o que, ficar na memória. Com isso eles vão o que, resgatando valores que hoje em dia, não existe muito. Existe sim, o preconceito por conta da cor da roupa, do cabelo. E assim, aquelas cenas desses eventos afros, vão ficar na memória, quer dizer, existe o negro, existe os nossos direitos, entendeu? E hoje em dia tá muito mais claro a situação do descendente afro-brasileiro. Por que eles, qualquer coisa, se eles sofrerem algum dano, eles vão procurar o direito deles.

APÊNDICE C

COLABORADOR 2 : ELDER (14 de março de 2012):

A.Os tambores mirins... É... Iniciou em 2005, quando a gestão do Núcleo Afro da Prefeitura do Recife, que era feito por Kau, e se não me engano pela assessoria de Junior Afro também na época e toda equipe pensou em fazer um resgate, uma reafirmação da identidade a partir das crianças. Como existia a noite, no horário da noite, a noite dos tambores, então porque não fazer uma tarde com os maracatus infantis.

B.É, eles através dos fóruns de debates, dos fóruns do orçamento participativo, do fórum temático de cultura e dos grupos que já tem um registro na fundação de cultura e na secretaria, né, através nesse caminho, e também no boca-a-boca, assim, né, as pessoas foram falando, foram dizendo né, davam, pediam, oh! Conhece Enedino de Brasília Teimosa dos filhos de Olorum, ou que tem um maracatu que quer se apresentar, então dava o telefone e foi na boca-a-boca também, assim. A articulação foi feita nesse campo, a gestão era, era uma segunda gestão do Prefeito João Paulo e já tinha já uma relação também com a população e tal, foi tudo isso.

C.É uma relação de respeito. A gente respeita muito a instituição em si e o maracatu que é parte da instituição, a gente respeita muito essa questão da religiosidade, inclusive a nossa instituição, a Turma do Flau tem, devemos ter 30%, 40% de protestantes e com relação às religiões de matriz africana também, a gente trata com muito respeito, não somos uma Maracatu de Nação, somos uma Nação de Maracatu, porque se não me engano, na década de 90, foi criado essas nações a partir das Escolas, do trabalho das Escolas. Por exemplo, a Nação Erê, foi criada aqui a partir do trabalho das Escolas, muito é, pensado naquela questão também de Paulo Freire, de fazer a pedagogia a partir da atividade cultural, da vivência do povo, contextualizada, tudo isso. Pronto, então os maracatus de Escola nasceram dessa perspectiva. Então, nós não somos de terreiro de Candomblé, mas temos assim um respeito muito forte por todas as religiões, inclusive pelas religiões de matriz africana.

D. Nós somos a Nação do Flau Filhos de Olorum, né, Olorum na língua Iorubá significa Deus, né, Olorum é o Supremo, é o maior né. Então já existia a Nação Erê que era a Nação criança, né, Erê criança e ai é Mika Silva, Carlos Nação, Bruno Alisson e Jaciara e eu também estava na Fundação, Enedino e a gente, é, mas a princípio começado por ele, essa

questão do Olorum, de serem filhos de Deus, pela questão também da religiosidade, desse laço católico, desse viés católico que a instituição tem.

E. A gente não pode, não sei se eu posso chamar de ritual, mas assim, a gente trabalha na confecção dos tambores com eles, normalmente um mês antes, né, porque a gente vai utilizando os tambores no ensaio durante o ano todo, e ai fura, né, então um mês antes a gente se encontra com eles pra costurar roupa, pra confecção dos tambores, pra encourar, bota couro de molho, raspa, encoura, né, tudo isso, encoura, afina, tudo isso, né, e se a gente for levar por um outro lado, isso tudo feito repetitivamente de forma cultural, acaba sendo um ritual.

F. Olhe é de uma importância fundamental, porque só existe o grande, porque existe o pequeno, né, só existe o adulto porque existe a criança, e se as crianças, e se as manifestações populares, culturais forem mantidas pelas crianças e repassados sempre de pai para filho, isso vai criar uma cadeia, né, uma teia cultural, que, que eu posso dizer que a gente pode perder até o domínio das coisas, porque a criatividade, ela vem aparecendo, ela vai acontecendo e a criança que nasce, que nascia a dez anos atrás, não é a criança que nasce hoje. A criança que nasce hoje, daqui a pouco, tá andando, daqui a pouco tá fazendo... Então, é esse, essa criatividade, né, esse elo, com e também com as religiões de matriz africana, né, assim fortalecendo, é, estabelecendo também um respeito, né, uma admiração, e reforçando mesmo essa questão, reafirmando a identidade cultural de um povo que construiu que construiu o Brasil, que faz cultura popular e que não só faz cultura popular que, respira cultura popular, que vivencia no seu dia-a-dia.

G. Aquilo que eu disse agora a pouco, o maracatu, esse encontro é muito importante porque além de manter viva, a chama dos maracatus de baque virado, da importância deles, da importância dessas crianças, da importância desses sonhos que cada um representa que cada nação representa cada um na sua realidade, na sua comunidade, cada um fazendo o seu trabalho, cada um resgatando, reafirmando, não vou dizer resgatar, mas vou dizer novamente reafirmar, porque a cultura não morreu a gente cada dia reafirma mais, então esse encontro é de suma importância, pra, pra o ser cultural, pra criança, enquanto ser do seu é, enquanto ser cultural, enquanto ser político, social, né e de ser um adolescente, ou um jovem protagonista da sua própria história, e de uma história ancestral, de uma história que fala do seu afro de tataravô, né. Essa história que é muito forte, e que vem, e que é trazida nos traços, na cor, forma de falar, na forma de andar, na forma como a mãe cozinha né, no tempero diferente, dessa diferença que tudo tem e que a cultura afro-brasileira, indígena, trouxe e fez esse grande caldeirão cultural que é a cultura popular, pernambucana, nordestina.

APÊNDICE D

COLABORADOR 3: VALDA (15 de março de 2012):

A. Eu sei que foi na primeira gestão de João Paulo que começou. Do Prefeito João Paulo, no início, eu acho que era no máximo uns 8 maracatus. E os maracatus que participavam, todos eram maracatus que estavam dentro das ONGS, não era maracatu de tradição, ligados aos candomblés, nem aqueles maracatus que participam dos Tambores Silenciosos, dos adultos. Hoje, você acompanhou e viu que tem maracatus de tradição, que eu digo maracatu de tradição, porque são os maracatus que estão ligados aos terreiros, são maracatus adultos que tem todo o contexto religioso, dentro deles, entendeu? Então, quando a gente iniciou só tinha apenas os maracatus de ONGS, que era o que, o objetivo dessas ONGS criar o maracatu era preservar, fortalecer e garantir que o amanhã tenha continuidade dos maracatus, porque nessa época, os maracatus não eram tão valorizados como é hoje, entendesse? Então foi logo no início, quando começou se pensar mais no maracatu, ver o maracatu de outra forma, então a gente viu a necessidade, até os meninos mesmo das instituições, via na televisão alguns maracatus, aí a gente começou fazer um trabalho de resgate do maracatu, então o objetivo maior foi garantir que o amanhã, se dê continuidade a esse maracatu, não se morra, por que se a gente trabalha com eles desde criança, por exemplo, a gente aqui, recebe criança a partir de 3 anos de idade, eles vem fazer aula também, de sala de aula, aprender a base da questão escolar, mas, eles também tocam e dançam, eles fazem oficina de dança e percussão, desde três anos de idade, entendeu? Então o objetivo maior foi esse de garantir o amanhã. E a prova é, por exemplo, tem vários maracatus, não só aqui nessa comunidade, em outras, que tem ex-aluno meu tocando ou dançando. Sim. Já inseridos nesses maracatus dos adultos tradicionais.

B. Infelizmente, hoje, essa gestão, ela não procura a gente não. Ela só procura a gente na véspera do carnaval. Pra fazer uma reunião sobre o evento, entendeu? Mas antigamente a gente tinha mais de uma reunião. Era, quando a gente ia conversar, a gente sentava, conversava, como era que ia ser o que deu certo, o que não deu certo do outro ano, e a gente tentava corrigir, né. Esse ano mesmo houve a reunião, mas, eu não fui comunicada, eu não participei porque não recebi ligação nenhuma me chamando. Segundo pessoal de Nação Erê, eles tão, porque já faz uns três anos, que eu lanço uma proposta, não, eu acho que foi mais, acho que foi quatro, acho que foi na outra gestão.

C. Olhe, em minha opinião, também continua esse objetivo, porque assim, é como diz, o planeta gira e as crianças vão crescendo, e vão nascendo outras crianças, então é importante que você permaneça. Hoje por exemplo. Logo no início a gente não tinha aquela louvação, com uma Yalorixá presente, fazendo uma louvação. No início, não tinha nada daquilo. No início, a gente só fazia o que? Era o desfile das Nações, encostava e depois no final, soltava fogos e soltava uma pomba. Pronto. Todos os tambores tocavam junto, depois todo mundo saia dançando... Mas, hoje já existe uma presença de uma Yalorixá, então o objetivo também foi crescendo, né. Foi aparecendo outros, hoje também a gente tá lá no encontro, a gente tá vendo a questão religiosa, a importância também de manter a questão religiosa, o porquê daquele encontro, daquele momento, o que representa. Quem vai assistir, vê né, que ela fala sobre pra que é aquele momento.

D. Diretamente, dentro do Candomblé não. Não. A gente faz um trabalho aqui, durante todo o ano, a gente fala sobre a questão da religiosidade, mas, é uma coisa... Até porque, dentro dos estatutos de ONG, existe um critério, que você não pode ter ligações, nem com religiosidade, nem com partido político, entendeu? Mas a gente faz um trabalho, a gente pesquisa, e até porque, uma boa parte deles, as famílias deles, muita gente vem de terreiro, entendeu? Tem muita gente que é ligada ao terreiro de Candomblé. Então a gente... E outra coisa, independente, que você querendo ou não, você mexeu com a cultura popular, você mexe com a religiosidade. Diretamente ou indiretamente você mexe. Então não vou dizer que eu não trabalho a questão religiosa que eu trabalho.

E. Diretamente ligado à cultura. Principalmente... O trabalho da gente aqui, se você for conversar com uma criança dessas. Oh! Vou chamar a Valda pra uma apresentação. Vocês preferem que sejam as danças populares ou as danças afro. Entendesse? A identificação deles, a maioria é negra, são filhos de negras, ou de negros, entendesse? Então eles têm toda uma ligação e todo um envolvimento, toda uma conquista, eles gostam mais das danças de tradições afros.

F. [...] É como eu disse, quando a gente vai pra sala de aula, a gente busca o que? Texto voltado pra questão da cultura negra. Contextualiza essa questão, então eles se identificam. Eles se sentem parte daquilo ali. É. Ai volta àquela questão de Paulo Freire, né? É o concreto, adianta dizer que o A é o A de avião, mais ele vê passar ali, ele nunca andou. Mas o atabaque ele pode pegar aqui, porque tem o atabaque, ele toca... O berimbau ele toca. O M de Maracatu, ele dança o maracatu, então ele vive aquilo ali. Apartir do momento que você vive você faz parte dele, né? É o que... Ainda bem que começou a mudar, né. Algumas

Escolas já levam pra dentro a cultura, já insere de alguma forma, outras coisas, mas, há 24 anos era muito complicado. Era muito complicado pra esses meninos estarem dentro da Escola. Eu sei também que uma parte deles, vai por causa da bolsa família, bolsa escola, bolsa mil utilidades, entendesse? Mais também é porque começou a mudar, graças a Deus. Que era muito complicado. Era um quadro, uma mulher mandando nele. Escreva! Vou apagar! E não tinha nada a ver... Não tinha nada a ver com a vida deles. Como é que eu vou me... Pra que vai servir eu ler? Pra que vai eu aprender matemática? Não tinha associação com a vida. Eles não conseguiam ver pra quê aquilo ali ia servir na vida deles. Pra nada. [...] Tanto é que eles absorvem, eles querem participar. Entendeu? Quando você... É concretiza aquela ação, você... e se você gostar, ai é que você volta mesmo. Você só não volta, se você não gostar.

G. Bom. A gente tem que botar Iansã, porque Iansã é a dona do carnaval. É, mas, o Orixá que reina no Centro, não é só no nosso Maracatu, mas reina no Centro aqui, é... Nós temos três: é Oxum, Xangô e Oxalá.

Entrevistadora (Eliene) - Mas porque da escolha desses Orixás?

Valda – Não. Não foi nenhuma escolha, foi questão mesmo da gente pedir pra jogar mesmo, e jogarem, e disseram que quem reina aqui é Oxum, e tem também Orixalá e Xangô que está aqui.

Entrevistadora (Eliene) Mas quem faz essa escolha?

Valda - No caso da gente, foi uma questão de jogo mesmo dentro do Candomblé, uma pessoa religiosa que jogou e que viu, que quem reina, o nosso... Tanto é que as nossas cores, são as cores deles. Vermelho,, amarelo e branco.

Entrevistadora (Eliene) – Então cada uma das cores representa o quê?

Valda – O amarelo é Oxum, o vermelho é Xangô e o branco é Orixalá.

Entrevistadora (Eliene) – E essas cores estão relacionadas com o maracatu de vocês?

Valda - Não só com o maracatu, mas como todo o Centro. Todo o Centro. Você pode ver as pinturas puxam pro branco, amarelo e vermelho. Portão, parede.

G.O nosso não tem. O nosso não tem. Mas, a gente sabe que na religiosidade tem. Algumas pessoas, como pessoas físicas da gente, faz algumas coisas. Você se prepara você despacha o homem da rua, a mulher da rua, pra poder sair no carnaval, essa coisa a gente faz. Agora a gente não tem, como o maracatu tradicional que dá obrigação... Que, corta bicho, a

gente não tem. A gente não tem essa ligação direta. Algumas pessoas do Centro tem ligação com terreiro mesmo. São filhos de Santos, então eles fazem por eles, entendessee?

APÊNDICE E

COLABORADOR 4: LAIR (16 de março de 2012):

A.O objetivo era dar visibilidade aos trabalhos que estavam acontecendo na cidade. E já há muito tempo. Por que é assim. Todo o pessoal de Pondica, Ação Social, tudo mais, já conheciam, quer dizer... Daruê Malungo, que tem a Nação Estrelar, né. É... E todo mundo que trabalha com maracatu, o Nação Erê mesmo já tinha quatro CDS gravados. Ai foi mais de dar visibilidade ao que já existia. Eu entendo assim.

B. Tem uma agenda e a Gente provoca. Quando não tem a gente vaio lá e dá um baile.

C.Olhe o da gente, eu não posso dizer que é de terreiro, porque aqui não é um terreiro. Por que a gente ta num País laico. Por que eu não posso tá... Ainda mais porque eu tenho igreja evangélica, tenho a dar de pau. Já perdi muito nesses maracatus todos da minha vida. O início do Erê, eu não cheguei a pó-lo na rua, mas, não é? O link com sarcedotisas do Candomblé, Maria de Sônia, tava ai presente. E eu dizia, olhe, como é que eu dizia? Faça ai suas proteções, meus meninos vão pra rua viu? Ai ela fez: Os meninos da gente. Claro. Tudo do terreiro dela, da rua dela. Era parente de sangue, tudo misturado. E assim, o Novo Pina, eu, eu... O que me apaixona, que me dá currículo. Currículo de coração,, não é currículo pros outros não, é pra mim. É... O nego Douglas, aquela coisa linda. Do Maracatu de Elda. Que, quando Elda começou a colocar na rua o maracatu com paradinha. E um atabaque, para todas as alfaias e um atabaque no meio fazendo solo, era o nego Douglas. Quando eu vi a primeira vez, que aquele bexiga, era desse tamanho, só vivia na sala da Direção, aprontando, levou tanto esporro meu. Tantas vezes, sabe? É um artista. É. Que canta, puxa as toadas, as músicas do maracatu encantos do Pina, é Joana. Joana era outra. Aluna minha da Escola e que saia tudo pequenininho no maracatu, dando banho, porque já eram do terreiro, né? Então assim, eu tava cercada, e ela não são qualquer uma dentro do terreiro de Elda. Eu sempre tive um terreiro perto de mim, quando não tinha eu ia buscar. E eu nem era, até hoje...

Entrevistadora (ELIENE) – Não frequentava?

Lair - Não! Eu sou hoje, e olhe. E hoje eu sou assim meio light mesmo.Eu vou, dou minha obrigação, assim, não vivo dentro, não sei porque. Já conversei com, com o pai da gente, com Ivo. Ele fez: Olhe! Acontece assim na vida da gente, chega o momento que você ou entra ou sai, e tem gente que nunca deixa de vir e passa a vida assim. Então assim, meu nexo religioso, é com meu terreiro, mas, assim, não sou muito fanática. Ai meu Deus, olhe o

recado, e... não , acho legal e acredito. Mas eu levo assim de uma forma tranquila. Porque sempre teve junto de mim, não tem como. Eu não sei né. Mas, eu não viro Santo.

Entrevistadora (Eliene) – Não é uma pessoa fanática né?

Lair – E sou. Mas assim, eu não viro Santo, no começo, eu ficava triste. Poxa, todo mundo vira, menos eu. Eu toda paramentada e nada acontece. Mas, ai não é. Eu conversei, são as energias, elas fluem quando é o momento certo. Quando ta na hora, e o chamado são de dentro, não é de fora, então pronto.

D. Iansã é Oyá. É Iansã e Iemanjá, a mãe de todos. E os Erês, né. Os Erês de frente sempre, então, sempre têm nas nossas cores, nas nossas estampas, mesmo muito marinho, quanto a questão ambiental, mas, assim, as obrigações de Erê, se você entrar ai tem. O pratinho tá até precisando botar os confeitos, sabe, o prato com os confeitos, que é os doces que se dão pras crianças sempre. Sempre tem que ter, é importante.

E.Olhe , a gente sempre quando sai, nós adultos, a gente dá uma mentalizada ai, pra que nada aconteça no caminho. Não haja nenhum acidente, nenhuma briga. Que a gente vá e volte com os filhos dos outros e nossos. E o saquinho de confeito vai junto, pra distribuir quando chega. Pra qualquer criança, qualquer pessoa. Sempre, todos os anos a gente dá.

Entrevistadora (Eliene) – No evento?

Lair – No evento e aqui também, a gente deixa. Acende uma vela, isso é no começo, uma coisa muito simples. E num precisa... A gente deixou um estandarte e umas alfaias pra dormir lá em Xambá, no terreiro, no PG. A gente ficou com muito medo quando aconteceu o acidente, assim, que não foi um acidente muito grave, mas foi sério.

Entrevistadora (Eliene) – Mas foi aonde o acidente?

Lair – Um incêndio na Escola. Madrugada. Só coisa material e muito pouco, muito pouco mesmo. Mas, o estandarte queimou.

F. Eu acho de grande importância, é não só pras crianças, mas, principalmente pras escolas, públicas, que lá estão. Que é Escola Pública, não é? Você não... é como Paulo Freire diz, Paulo Freire. Você transporta a cultura, e dá a ela o seu devido lugar, dentro da Escola, cultura não é folclore, cultura não é aquela coisa que tá no calendário escolar, pra ser vivenciado em agosto. Ela tá no sangue, e a vida inteira, então quem ganha muito com isso é o institucional, a Escola, é o espaço comunitário, a praça que tá se vendo e tendo o prazer de se identificar negro, sabe. Negro, índio, eu acho. Assim de extrema importância.

G.Tem a questão do pertencimento. Quando a gente reivindicava e queria e já tá acontecendo, dos maracatus Nação trazerem suas cortes mirins, pra dançar junto com os meninos que estão na Escola. Ai é que a coisa fica bonita mesmo. Por que ai o brilho do olho de se identificar dançando, de se identificar que tem mais batuque, que tem mais gente tocando, tem mais Rainhas, mais Reis, então eu acho essencial pra vivenciar o pertencimento de forma lúdica, e muito sério também. Por que quando, ah meu Deus, esqueci o nome, daquela, babalorixá, da Yalorixá, Madalena? Ai.

Entrevistadora (Eliene) – Maria Helena?

Lair – Maria Helena. Maria Helena é uma sacerdotisa, das mais importantes de Pernambuco. Então, a presença dela ali é muito importante.

Lair – Eu acho. De suma importância. Você tá vivenciando abertamente. Deixa de ser escondido. Não é dentro do terreiro, fechado, tocando baixinho, porque a polícia vem fechar. Olhe que coisa mais linda.

Lair - Graças a Deus (rsrs). E a todos os Orixás, cablocos e a todo mundo, por que o País da gente é isso mesmo. Muita força boa.

APÊNDICE F

COLABORADOR 5: CELSO (20 de março de 2012):

A. Eu creio que foi... 2002... 2002 na primeira Gestão do Prefeito João Paulo. De 2000 pra 2002, foi à primeira Gestão do Prefeito João Paulo, que o Núcleo Afro, teve a ideia de lançar também os TM [...] pra reforçar o processo de trabalho que já vem com os batuqueiros mirins e que seja mais um Pólo aberto pra eles, por que antes, nós só tínhamos um Pólo, que era Pólo pra os grupos mirins, que era o Urso, Troça e Maracatu Mirim, que era feito à tarde, então pra abrir mais o espaço, pra que as crianças se interessem mais pela própria cultura, e por esses manifestos dos bairros, então o objetivo da abertura dos TM foi pra que um termo de incentivo a mais pras nossas crianças.

B.O Núcleo Afro, ele promove as reuniões, falando do tambor e dos adultos, e em seguida ele orienta como é que vai ser os TM, o horário pra ser cumprido, é... Depois nós de nações, fazemos as nossas reuniões, com os responsáveis que são as crianças, né. Ai eu levo pra eles, o que é a responsabilidade, do que é os tambores, por que além de ser uma questão religiosa, mas é um Pólo de carnaval, onde as pessoas vão pra lá assistir, então quer queira, eles tem que tá consciente, que eles é que fazem o espetáculo, então eles tem que ter a consciência da responsabilidade e acima de tudo, o compromisso com a religiosidade, que ali, acontece nos TM, essa é a preparação. A gente tem reuniões, as roupas que eles desfilam no domingo, na segunda-feira, tão limpinhas, tão impecáveis. Eles sabem da responsabilidade. Então é todo um contexto que eu tento dividir com eles, toda essa história.

C.O objetivo hoje é... A proporção. É a aquela coisa, né. Você abre o espaço pra mostrar que eles são importantes no celeiro da cultura, e também o outro lado da cultura e também o outro lado é fazer com que a criança veja, desde criança, desde pequeno, tome esse entendimento da sua própria religiosidade, de sua própria cultura, saber que ele é negro, e ter orgulho e dizer eu sou negro, né. Sou preto, não tem nenhuma divergência na questão do cabelo e dizer não meu cabelo é pixaim, eu adoro meu cabelo, e acima disso tudo com sua própria religiosidade que é o Candomblé, a de Matriz Africana e dizer, não. Sou do Candomblé! Sou negro! Tenho raiz Nagô! Tenho raiz Jeje, raiz Ketu, mas sou do Candomblé. Então os Tambores também servem pra essa questão da educação religiosa, que é o que falta muito nesse nosso País. As crianças, elas não são educadas religiosamente, e a maioria da

deseducação que existe nas Escolas é que todo mundo é católico. O desrespeito maior a quem realmente tem sua verdadeira crença.

D.Todas (rsrs). É... Eu costumo colocar nas minhas entrevistas, no livro que eu estou escrevendo, e em outros trabalhos que venho colocando que maracatu e religião são um paralelo singular, eles dois andam em mesmo sentido, é um trabalho que é feito, que um depende do outro, um não pode viver sem o outro. Então o maracatu... Se você perguntar, Celso qual a sua religião? Maracatu é minha religião, por que eu sou de Matriz Africana, eu sou de Candomblé, eu amo o Candomblé e amo o maracatu, eu não consigo, eu não consigo hoje, viver sem a minha religião. Eu não conseguiria viver sem o maracatu, então o maracatu é minha religião, faz parte do ar que eu respiro, então assim, sem a religião não existe Nação de Maracatu. Então, hoje as nações de maracatu, as nações, são sem a religião, elas jamais poderiam existir, não só o Porto Rico, como todas as Nações de Maracatu. Sem a religião, elas jamais existiriam.

E. É... O Orixá do meu avô Eudes Chagas. É Ogun Begê, nas cores verde, vermelha e branca. Então, ogum é o Patrono da nossa Nação, porque Ogun, também era o Orixá da cabeça do meu avô Eudes, e era o Patrono do Erê do meu avô. Minha mãe é neta dele, de Santo, ligado à religiosidade e mesmo minha mãe sendo do Oxóssi, mas no Maracatu o patrono é Ogun Begê, que é o Ogun do meu avô Eudes. Esse é o Orixá patrono da minha Nação.

F.É... Dos TM. É o maracatu só faz um ritual, e esse ritual, ele serve pra todos, porque todos os tambores recebem o amássi. Adulto, mirim, todos os mirins também tomam o banho de limpeza, que é o banho corporal de amássi. E alguns batuqueiros antigos, dos tambores recebem alguns sacrifícios. Recebe o sacrifício de sangue que é a questão da obrigação das calungas junto com os tambores adulto, alguns tambores adulto que são os tambores dos Ogan. E dentro do banho de amássi, a banho de limpeza. Os mirins participam e os tambores deles também participam junto com o nosso. Não tem uma divisão, tambor mirim e tambor adulto. Os tambores deles são misturados com a gente, porque no dia oficial, os mirins também tão junto com a gente. Então assim, esse preparativo religioso ele engloba toda nação.

G. É... O alicerce é a base fundamental. Se hoje eu estou falando dos tambores adultos, mirins, porque ontem eu era criança e fiz parte dos Tambores adultos. Hoje as nossa criança vai poder falar muito mais dos tambores adulto, por que desde pequenininho, fazem parte dos tambores mirins, depois vão pros adultos. Então, o que seria dos tambores se as crianças hoje não tivessem nos tambores mirins? Então, a importância é fundamental. É... O amanhã é...

São os grandes batuqueiros, são os grandes historiadores, são os grandes religiosos, são os grandes representantes da linha religiosa de matriz africana, e dentro de um processo desses, que eles vão valorizando, há valorização. Se a gente não faz isso com eles hoje, dentro dos tambores, da questão da valorização, da questão, do próprio manifesto, que é os tambores, do que são os tambores pra eles, e do que significa os tambores pras nações e o que é a nação dentro da vida dele, na questão da religião, se não tem nada disso, amanhã, talvez eles não queiram nem ser mais batuqueiro. Então é partindo dos TM, é partindo dos desfiles oficiais. As crianças sempre junto com a gente, na questão, mesmo sendo criança, mas com a mesma responsabilidade, com o mesmo compromisso de uma pessoa adulta. E é assim que a gente vai poder fazer o melhor amanhã. Que eles consigam e vejam que a sua existência e que amanhã, ele não seja um cidadão invisível, seja um esquecido por ai, e consiga realmente manter a sua religiosidade, porque pra gente é o que é mais importante.

APÊNDICE G

COLABORADOR 6: MAURO (21 de março de 2012):

A.O dia exato mesmo, eu não lembro. Sei que nós participamos dos TM, há dez anos. Faz dez anos que o Nação Peixinhos participa. É importante uma festividade pras crianças dentro dos maracatus, porque cada nação mirim, ela atende como, como no caso, como genitora, como mãe, o maracatu adulto. No caso o Nação Peixinhos é o maracatu da Nação Axé da Lua, é um maracatu mirim que trabalha com criança da Nação Axé da Lua. Como outros maracatus tem cada um tem sua nação. Por exemplo, tem Leão da Campina, tem o Vuginhos, que é Nação Angola, por isso que chama Vugi, mas Vugi é a mesma coisa que Erê. Erê é Iorubá e o Vugi, as crianças da Nação Angola. Nações de Banto Congolês e como... Esses dois maracatus, também tem a Nação Porto Rico mirim, tem a Nação Estrela brilhante, tem o Encanto da Alegria mirim também, que são maracatu de criança, tem o Gato preto mirim, tem o Encanto do Dendê, tem Oxumirim, também que é um maracatu adulto, mas que também tem, dentro do seu bojo uma nação mirim, pra trabalhar justamente com as crianças, pra dar continuação desse trabalho que é muito difícil, muito árduo, mas a gente acredita que a criança é o homem de amanhã, por isso que a gente mantém esse trabalho, dentro dos maracatus grandes.

B. A articulação é com o Núcleo Afro, o qual nós estamos, né, na sua sede, né. Ele que mantém essa agenda que articula com todos nós. O Núcleo Afro é responsável pelo Pólo Afro, que é no Pátio de São Pedro. No qual tem a noite é mirim, à tarde mirim e a noite adulta, é no mesmo dia, na segunda-feira de carnaval.

C.É uma relação direta. Por que o maracatu, ele o mirim, no caso, a gente faz umas oferendas pra os Erês, no caso, doce, simplificando como um tipo Cosme e Damião. Só que nesse dia na mata para os cablocos. Para as crianças, os Erês. E o adulto, a ligação, é... As obrigações antes do carnaval são dedicadas às bonecas, no caso aos Eguns, os nossos antepassados.

D. O Orixá do nosso maracatu é Ogun, né.O Deus da guerra, da tecnologia de ponta, das batalhas. Porque o ferro tá presente em todo o mundo, em todas as gerações, ele é o nosso patrono.

E. A obrigação na mata pras crianças, pros Erês, com doces, mel, confeito e pra o adulto já é outra obrigação diferenciada, que é para os Eguns.

F. É primordial. Superimportante a participação deles. Por que eles são a continuação. As crianças é a continuação, se eles não participarem agora desses eventos, desse trabalho de conscientização através do ritmo, da musicalidade, da dança, eles vão talvez abandonar no futuro. Se você não ensina a criança que um tomate é muito bom, que tem vitamina, que o pepino é importante. Ah, o quiabo é tão bom, não tem gosto, tem uma baba, mas é bom. Então você experimente. Ah, eu não gosto! Mas você nunca comeu você tem que comer pra poder dizer que é bom, que é ruim. Entendeu? Então é a mesma coisa, eu acho que o maracatu é assim. Por que tem gente que vê o maracatu e diz, hum! Vamos pro maracatu? Eu não gosto! Tu já foste? Não. Ah, mas eu não gosto. Puxa não teve talvez chance, de participar, pra depois concluir se gosta ou se não gosta. Por que alguém só pode dizer se uma comida tá ruim, se provar se num provar, num pode dizer. Então por isso que a gente acha que a criança dentro do maracatu é importante, pelo fato do conhecer, né. Do conhecimento, do que ela vai aprender. Nem todo mundo vai participar do maracatu na sua infância e que vai ser amanhã depois, de quando crescer, talvez não goste mais, mas ela teve oportunidade. E a maioria não tem. Ai vai ficar um gostar por não gostar. Sem saber por que não gosta. (rsrs).

G. É apoteótico, né? É apoteose aquele dia, é um dia esperado aquele dia. É a grande tarde, onde se encontra várias nações de maracatus. Então até para fortalecer essa memória é importante, muito importante esse trabalho que se faz através do Núcleo Afro. A realização do TM, uma forma de inserção da criança, no trabalho, e de valorização dela naquele dia. Daquele trabalho que ela realiza o ano inteiro ensaiando e aquele dia é apoteose dela. É importante demais.

APÊNDICE H

COLABORADOR 7: Marta (28 de março de 2012):

A. Bom, pra falar dos TM do início, dos TM, a gente vem mais pra antes, sobre a criação dos maracatus mirim. O primeiro maracatu mirim infantil é o do CEPOMA, fundado em 27/09/1993. A idealizadora foi Luciana. Então, qual era o objetivo? O objetivo era trazer, conhecer a cultura, essa cultura ancestral, pra que não se perdesse. As crianças pudessem se apropriar dessa história. Que é tão viva, que é tão importante, e que tem um valor cultural. Então a gente não podia deixar, de passar, de ir buscar, de pesquisar. De fazer uma pesquisa nessa área. Como a gente trabalhava com criança e adolescente, então Luciana, na época, 86, 87, chamou a Rainha do Maracatu do Encanto do Pina, Sônia e ela veio pra sala de aula do CEPOMA, falar da história do maracatu. De todo sofrimento do povo, de como se manteve até agora. O que foi toda uma história. Falar do valor, não é? E dá um pouco da religiosidade. E trouxe também os batuqueiros. Foi difícil porque nós estávamos na rua, quer dizer a Escola era atrás da Igreja Católica, encima mesmo, nas dependências da Igreja Católica. E tinha uma Escola Pública, e a diretora da Escola não gostava, porque o barulho dos tambores né? Mas isso ai a gente persistiu até que a comunidade aceitou. Não era fácil. Foi muito discriminado, muito, muito mesmo, mas depois com muito tempo a comunidade foi aceitando. Não as crianças e alguns pais das crianças, que até ajudaram no começo da formação do maracatu. Mas outras pessoas. E após a fundação do Nação Erê surgiram outros maracatus infantis. O Daruê Malungo foi o segundo. Depois veio o Encanto do Pina. Depois veio o do Novo Mangue, foi fundado por Luciana. O daqui (Nação Erê), o do CEPOMA não foi fundado por ela. Ela teve a ideia. É... Maria de Sônia veio e a gente começou toda uma pesquisa, todo um estudo, mas ele só foi fundado 4, 5 anos depois. Ela já não estava mais no CEPOMA. E ai foi acontecendo, foram surgindo outros maracatus. No Governo de João Paulo em 2000, não em 2001, mas em 2002 é começou, é foi formado o Núcleo Afro, dentro do Governo de João Paulo, né? Na Secretaria de Cultura, na Fundação de Cultura. É. 2002. E é o Núcleo Afro, fez a proposta de fazer o tamborzinho. Eu não tenho certeza se surgiu, se a ideia foi de algum grupo de maracatu, ou se foi do próprio, mas eu acho que foi do próprio Núcleo Afro. Que foi instalado na Prefeitura do Recife, na Fundação de Cultura. Esse grupo, ele trabalhou muito na questão da valorização cultural, principalmente na área da religiosidade. Você vê que hoje tem um valor, tem um trabalho com os terreiros, né? Mas, a ideia de fundar o maracatu mirim, isso foi seguido pelas outras instituições que trabalham com criança e adolescente, e até Escolas Públicas, como a Novo Mangue e a Novo Pina. É... Se surgiu essa ideia de também

fazer, e já que essa cultura foi, estava sendo pesquisada, experimentada, apropriada pelos meninos, então porque não levar pro Pátio do Terço, os maracatus mirins e fazer o Encontro no Pátio do Terço? Muito dentro da temática e da organização dos maracatus da Noite dos Tambores? Então ficou conhecido como à tarde do tamborzinho. Então, tem o mesmo formato, tá certo? Ai o ponto alto é às 6h, às 18h, o ponto alto, da Noite dos Tambores é meia noite, né? E o tamborzinho é às 18h. Então ai foi formado, eu tenho quase certeza, que foi 2002, eu lembro que não foi no primeiro ano, por que João Paulo assumiu e logo acontece o carnaval, não foi. Mas me parece que foi o ano, a partir do ano de 2002, que começa o tamborzinho. E foi crescendo. No primeiro momento, tinha o Nação Erê, O Nação Estrelar, que é o Daruê Malungo e Nação de Oxalá, que o do Novo Mangue, do Cock, esses três e Nação Novo Pina. Parece-me que eram esses quatro maracatus. Depois foi aumentando a quantidade. Eu lembro que teve um ano que tinha onze maracatus infantis. E é maravilhoso. É lindo. Lindo de você ver, uma tarde com os meninos tocando, dançando maracatu e sendo aquela louvação. É muito bonito, é emocionante de você se arrepiar mesmo. É muita emoção. E se tivesse uma questão de valor, por parte da imprensa, de divulgação, porque nós temos. Na Noite dos Tambores tem toda imprensa lá, mas tarde do tamborzinho, não tem. É. Vai uma... Você não vê uma notícia no jornal maior. Você não vê uma notícia na televisão. Tem uma... Às vezes dá só um... Bem pequena, sobre... Porque eu acho que pela grandiosidade que é, você é... Até mesmo pro respeito a criança. Essa é pra incentivar, mas teria que ter assim uma atenção, um olhar maior.

B. Tem... Normalmente tem uma... Continua do mesmo jeito. É tanto que o que a gente reclamou do ano passado, que não houve uma preparação, ai esse ano já chamaram com mais antecedência. Normalmente a gente tinha duas, três reunião de preparação. Porque a primeira reunião, eles levam as ideias da gente, depois a gente sentava só pra finalizar a organização.

C. Olhe, não tem uma relação com a religião. Tem uma relação com a história, de conhecer a história. Saber que as músicas do maracatu, do nosso maracatu... Você pega o CD, as músicas tem tudo a ver com a questão tanto da história, quanto um pouco da religiosidade, não é? Falando dos orixás, tá. O estudo de saber quem são, quais são os orixás. O todo que quer dizer todas as suas histórias. A gente tem feito, é a dois anos, de dois anos pra cá a gente tem parado um pouco por falta de recurso mesmo, que num é fácil não. Você tem que ir atrás de pesquisa, tem que comprar livro, você tem que conhecer, você tem que fazer visita, você

tem que levarem eles, você tem que ter pessoa capacitada pra estar estudando com eles. É... Tudo isso tem um custo. Tem custo de pessoal, custo de material e...

D. Olhe a gente é, o que a gente diz é que tem o guardião do Nação Erê. É Santo Cosme e Damião. Que não é considerado um Orixá, né? Porque como o Nação Erê não é um maracatu de cunho religioso, então, e como foi coincidentemente, é fundado no dia 27 de setembro, tá. Então. Ai a gente tem esse cuidado, e diz que o Nação Erê, o, o Santo Cosme e Damião são os protetores do Nação Erê. Os guardiões, né. O santo que protege as crianças, portanto protetores do Nação Erê. Do maracatu Nação Erê. É então a gente não tem essa coisa do cunho religioso, mas a gente, o, o Santo Cosme e Damião.

E. Olhe o que a gente tem, é só a conversa com eles. Tem sempre uma reunião, e tem os doces. No dia, a gente distribui os doces, os doces pra eles. Sempre cada um sai com o saquinho de doce. Tanto no dia 27, quanto no carnaval, a gente costuma, é fazer esse tipo um ritual, uma oferenda não sei te dizer muito bem, porque não conheço a fundo a questão da religião. Mas, a gente dá.

F. Eu acho que esse momento é importante, esse processo educativo, onde eles se apropriam. Hoje o CEPOMA. Hoje o trabalho no CEPOMA hoje é não está tão forte nessa área quanto antes, por conta realmente de recurso. Mas, uma preocupação da gente é essa preparação, pra que eles não vá lá só pra tocar, dançar e... Mas, vá com essa consciência. Do que é a sua cultura. O que é o nosso povo. É o povo brasileiro. Afro-brasileiro. Eu acho que isso faz parte da história, não tem que ser desconhecido. Tem que ser estudado, tem que se apropriar da história, pra aprender a valorizar. Como é que você vai valorizar uma coisa de que você não conhece? Então tem que ter um conhecimento.

G. Eu acho que tem um papel fundamental. Acho que o importante agora é pensar, e como se vai fazer essa construção. E que não seja só com um maracatu. Se o daruê faz, o CEPOMA faz o que é que os outros maracatus fazem pra que isso não fique fragmentado.

APÊNDICE I

COLABORADOR 8: Nabi (14 de abril de 2012):

A. O objetivo de quando foi criado, foi fortalecer a cultura, e também o resgate de crianças da ocupação de crianças que vive na ociosidade. E também, enriquecer pra que eles conheçam a história do maracatu desde o princípio. Ocupando eles, ensinando a cultura a eles, com certeza a valorização é muito maior. Cultural. E também o fortalecimento religioso. Porque nós criamos dentro do nosso barracão, que é chamado Abassá. E nossas crianças para, é, eles aprender a amar o candomblé. Que nós somos candomblecistas. E para eles não terem também vergonha do que são. E ter o orgulho de nossa religião. Então, todas as diretrizes que temos que fazer, é dentro, envolvendo eles na religiosidade de matriz africana. Como os Tambores Silenciosos Mirins. Como é que eles vão respeitar de um não afetar outra criança. Até na educação, em qualquer lugar. Ou na comunidade? São esses eventos aparecendo, entendeu? Eles participando. Ali eles começam a ter amor, e passam a respeitar um ao outro. Não existe isso, entendeu? Independente da religião. Então eu acho que foi uma grande criação, que teve de fundar os T.M, pra manter a tradição. Um fortalecimento pra manter a tradição e eu acho que não deveria nunca mudar. Como não pode mudar. Que ali são de nossas mãezinhas. Nossa história entendeu? Então num pode. Aquele local. Entendeu? É um local sagrado que num se pode mudar. E é muito bonita a cerimônia. A cerimônia é todo no infantil, não são evocado eguns, como é no adulto, que é diferente. E são, é a invocação é de, na linguagem popular. Cosme e Damião. Que é Erê, Vuginhos. Entendeu? Ai se canta, faz a louvação de Vuginhos. Depois da louvação, solta o pombo, faz a louvação completa deles, pedindo tudo de bom. Depois é distribuído bombons, pra todos eles. Então tudo isso é, é a presença que a gente sente, tanto das crianças que estão presentes, como das crianças que são inquices espirituais.

B. Veja só. É quando vem chegando já mais ou menos novembro, ai nós somos chamados. Os organizadores pra conversar, fazer reuniões. Que hoje, é quem tá de frente é Edson Axé. E convidam a gente no Núcleo Afro. É feito uma reunião com todas as pessoas que tem seus maracatus. E combina como vai ser se precisa ter certa modificação. Se houve alguma coisa. Ai já teve as citações assim: da mudança do lugar, mas eu também questiono que não se pode mudar uma coisa que é tradicional, sabe? Que eu sou muito da tradição. Então não se muda. E eu contesto também, ai termina num acordo. Ninguém vai pro embate político, não, sabe? Mas assim, é chamado, é feito uma reunião. É dito também. Não vou

dizer a você, que todos ali não recebem um pequeno cachê. Mas, ali num tá só pelo cachê. Porque no início, foi tão pequeno, e todo mundo foi, entendeu? Então não é pelo cachê. É porque quer se manter a cultura viva. E pra levar eles arrumadinhos, as alfaias organizadas, os batuqueiros arrumados, as nações arrumadas. Tudo aquilo é gasto. São crianças. A gente tem que alimentá-los antes de sair, entendeu? Tudo isso. Então eu acho que a organização, assim na Prefeitura em si, ela da maneira que vem fazendo, chamando, reunindo, o que não pode perder isso, não fazer por conta própria e dizer e só agendar não. Eu acho que tem que manter isso. Como era desde o princípio. De ter sempre as reuniões. Chamar todas nós. É dizer se tem algum questionamento e explicar. Por que não de cada questionamento. Entendeu? Por que se a gente tá num País que é democrático, então. Democracia é isso. Opiniões, discussões sadias pra chegar a uma conclusão boa e não ruim.

C. Olhe, o maracatu de palco ele num precisa ser ligado à religiosidade.

Entrevistadora (Eliene) – O de palco?

Nabi – O de palco. Mas, o maracatu nação, Nação de maracatu de qualquer maracatu, já tá dizendo nação. Ele tem que pertencer a qualquer nação do candomblé. Que seja Ketu, Jeje, Nagô, Xambá de qualquer um. Entendeu? Então já tá dizendo Nação porque tem preceito religioso. Só que na Nação infantil, todo preceito, como eu disse a você, é tudo em cima das entidades de crianças, como Cosme e Damião. E tudo que se arriam pra eles, como fruta, confeito, doces, é... O arroz doce com muito mel. Tudo isso, isso é feito, entendeu? Faz também assim o preceito de rua porque temos que proteger aquelas crianças. Que também existe, aquelas entidades que defendem as próprias crianças na rua. Entendeu? E fazemos todo o preceito na religiosidade. Então a ligação é muito forte da religiosidade com o maracatu. Agora assim, na hora da religiosidade, acho que fundamento nós devemos fazer dentro do barracão. No meu caso. Eu não estou falando por outras nações. Porque eu costumo respeitar todas, pra ser respeitada. Então, cada um leva sua nação como foi criado. Pelos seus papetos, mametos, babás, Oyá, né? Então, no meu costume, todo fundamento é feito dentro do barracão. E não devemos levar pra fora. Nem incorporação, nem nada. Até porque nem o infantil, nem o adulto. Só que existe aquela energia muito forte na hora. Tanto no do infantil, como no adulto. Mas se você faz as coisas dentro do meu regime, e passa a fazer as coisas direito, eles ficam com a energia muito forte.

D. Olhe a corte do maracatu de criança. Olhe o que rege. Ao que o mestre escolhe, e pergunta e pede permissão a ela. Mainha jogue! Pergunte a Estrelinha se ela aceita que quem

assume agora é tal mestre? E Rei, Rainha, é a mesma coisa. Ela que escolhe, ela mesma vem e diz: Quem vai substituir essa Rainha, é essa daqui. Ai nisso a gente faz a preparação pra poder ela assumir.

Entrevistadora (Eliene) – Mas tem uma preparação, né?

Nabi – Tem a preparação. Tem. Eles também tomam banho de amássi, de ervas.

Entrevistadora (Eliene) – O que é o amássi, mãe Nabi?

Nabi – Olhe, o amássi é das ervas sagradas, que é chamado insada. São as folhas sagradas entendeu? Colocam as ervas de todos os orixás, faz o amássi e existem outros segredos, e pode dar aquele banho pra preparação deles.

Entrevistadora (Eliene) – Mas, as crianças tomam esse banho?

Nabi – Os principais. Porque assim. Se alguma mãe quiser que o filho saia. Independente da religião. A gente vai permitir que saia. Não é? Já houve evangélicos que saiu tocando, entendeu? Então eu não posso impedir que saia. Porque ai eu to discriminando. Eu não posso. Eu faço um trabalho amplo. Entendeu? Então é assim. É escolhida a Rainha. A coroa é mantida. A capa tem seus cuidados, é... Quando vai mudar de coroa, a gente vê o tempo se deve mudar. Não deixa a coroa de todo jeito, é guardado. Entendeu? Depois que tá sendo usada não pode colocar de todo jeito. Tudo é... O pálio também a gente faz o nosso preceito. Tudo dentro do infantil da espiritualidade infantil. Dos inquices. Que é chamado os Vuginhos, dentro de Angola.

E. Há. Como eu disse a você, não se pode fazer um ritual como se faz no adulto, né. Mas, a gente. Do jeito que é usado o pombo. É usado o pombo como oferecimento às crianças. Porque o pombo significa paz, prosperidade, mudança, fortalecimento, crescimento, bondade, humildade, entendeu? Então, a gente oferece um pombo. A boneca, não é boneca de cera mesmo, mas aquela boneca.

Entrevistadora (Eliene) – É só uma representação simbólica?

Nabi – É. Num é tão simbólico não. Porque a nossa é uma bruxinha que é de Estrelinha. Num é simbólico, porque tudo que você dá a vida, ela passa a existir. É uma bruxinha de pano. Como era todo o início dos negros. Eles não tinham condições. Eles mesmos faziam boneca de pano, né? Entendeu? Então a boneca de pano é que é a representação. Mas que você tem que manter a origem de tudo né? Então pronto. É uma bruxinha de pano. É linda.

F. A construção que eu acho é... Em primeiro lugar é o resgate. Como eu já vinha falando pra você. Eu acho que você percebeu que eu toco muito nessa tecla. Porque toda pessoa que faz esse trabalho. Primeiro, nossa religiosidade afro, temos... Eu acho que não só a nossa. Mas, estamos falando da nossa. Qualquer religião, temos obrigação de resgatar em primeiro lugar. E temos que educar nossas crianças até da comunidade. Mesmo aquele que não tem aquela aceitação afro. Educá-los. Membros que são frequentes dentro do barracão. De início da religiosidade, pra não ter aquela discriminação um com o outro. Aquele é macumbeiro. Não existe isso. Existe aquele candomblecista que é... Você dá o crescimento. Ele ali vai dar continuidade. Aqueles que também se envolvem. Que vivem na rua. Que passam a ter vícios. A gente tenta tirar. Tem também o lado da menina, que é mais árduo. Pra não conhecer o mundo logo cedo. E tem que começar da religiosidade. De dentro do barracão, até do maracatu. Pra nessa construção da juventude [...] Tudo ele vai querer se ocupar dentro da cultura. Que é pra puder ele não ver os caminhos errados do mundo. Porque o mundo num vai deixar de mostrar. Vai ser difícil, porque os nossos governantes, por mais que eles. Eles deviam fazer mais. Muito mais. E tem como fazer mais. E onde eles deveriam trabalhar era de criança. Porque se faz um cidadão apartir do momento que ele nasce entendeu? Ele pode num nascer num berço de ouro. Ele pode nascer até num barraquinho. Mas, se ele é criado, tendo certas oportunidades. Tendo certos caminhos, fica mais difícil deles procurarem os caminhos errados. Então eu acho que é por ai. Temos que trabalhar, e a importância que eu acho do maracatu mirim pra juventude, é que ele vendo aquela cultura, vendo aquela discussão cultural, participando. A gente não faz somente ensino da percussão e do maracatu, entendeu? A dança afro, também. Num é só limitado a isso. Você também faz a aula teórica. E na aula teórica temos que mostrar os caminhos. E dá direito pra eles escolherem os caminhos. Por que às vezes existe muita revolta. Eu percebo muito. Porque eu sou muito envolvida com eles. Porque às vezes os pais, eu quero que você siga isso. Eu quero que você comece trabalhando aqui. Eu quero que você leve esse carrinho dessa forma, entendeu? E num pode. Você também tem que ter direito. Ele apartir que é um cidadão. Começa a falar, ele tem opiniões. Você num vai deixar que ele usasse as opiniões errada. Você vai ensinar. Mas, eu acho que você tem que saber conduzir. Que é pra mais tarde a gente ver e, puder dizer, formamos um cidadão de bem. Eu posso dizer uma coisa a você, que é quando ele voltar eu te mostra. Tem muitos que você vai ver que tai em cima, que participa do grupo de dança, outro é da percussão. E esse que é um rapaz que tá limpando aqui junto com o Pablo, ele morava no UR 10. Era do grupo jovem. Entrou na percussão e deu entrevista pra globo, que bebia muito, e que ele disse que a luz foi o meu barracão. Porque era todos os dias. E ele num procurava.

G. Olhe, eu acho que a memória, só das nossas mãezinhas terem sido dali, são eles como criança, tá participando daquele espaço, conhecendo, sabendo disso. Sabendo por que está ali, que não é só percussão. Então, eu acho que já é uma grandiosidade muito grande como memória. Agora eu acho que tem que ter um reconhecimento maior. Assim, pra ser memorizado. Tanto os T.M, como o adulto, ali naquele mesmo espaço. Pra não ser esquecido nunca. Entendeu? Então é isso. Eu acho como memória, eu acho que devia ter num sei se seria alguma coisa escrita das mãezinhas, da benção, das pessoas que fazem. Que hoje, quem faz é Maria. Como é meu Deus, do morro? Lúcia dos Prazeres e Maria Helena. Entendeu? Lúcia e Maria Helena. Elas fazem uma cerimônia belíssima, entendeu? Então em memória deveria ter gravado, alguma coisa assim, das mãezinhas. Que não fosse esquecido nunca. Pra quando for amanhã, que a filha da minha filha pudesse, sabe? Chegar ali um dia e dizer. Um dia minha mãe teve aqui, e contou tudo isso que vive nas faculdades. Que essa entrevista que eu tô lhe dando hoje, mas foi feito várias entrevistas do maracatu no todo e que hoje tem gravado nas faculdades pra estudado. Da minha vida, dos Vuginhos até o adulto. Entendeu? Então, eu acho que em primeiro lugar devemos ser um patrimônio histórico. Porque o maracatu, ele merece ser lembrado como patrimônio histórico. Eu sei que eles tão lutando pra isso, mas tá sendo uma luta árdua. Eu acho que os governantes devem ver com outros olhos. Porque a história de maracatu é muito forte. Com D. Santa quando ela resgatava aquelas crianças, enfrentando aquela época, o povo da comunidade, da cor negra. Sendo pobre e sendo mulher de terreiro. Então ela foi guerreira em todos os pontos. E isso tem que ser memorizado, ali naquele espaço. Mesmo que depois, os outros dias, seja o comércio, mas que tem que ter um cantinho ali, que seja é, gravado, escrito, num sei nem a expressão, em que eu possa usar. E o patrimônio histórico, porque o maracatu é muito mais. Nós nunca estamos sós em seres humanos ali é... Não. Ali tem uma magia muito forte. Uma energia muito forte de coisas boas. Entendeu? Só é olhado da forma ruim, que as pessoas têm o direito de ver o que quer. Mas a energia é muito boa, pode ter certeza disso.

APÊNDICE J

COLABORADOR 09 : Ebraim (19 de março de 2012):

A. Veja só, é... Quando eu não tenho a data precisa. Agora ela acontece, mais com o sentido, é de repassar para as crianças e adolescentes dos TM, a memória e a preservação desta religiosidade, né. E também da própria manifestação cultural.

B. Sim. É. É... Além desse o que tem acontecido, é que o número de grupos, que se apresentava desde a fundação dos TM, ele cresceu um pouco. Hoje nós temos outras Nações, que estão se formando, mas o objetivo ainda é o mesmo, né. De preservar a memória, de conservar essa memória, é entre as crianças, não somente de candomblés, mas também expandir pras salas de aula, pras comunidades.

C. É. Precisamente o que tem acontecido é a reunião que antecede, é a programação do carnaval para até a gente se preparar para o evento, porém, eu acredito a gente já conversou com algumas lideranças, que ainda há muito por fazer. A gente não pode ficar refém deste ato, para realizar o evento, não é? Estamos tentando conversar com as lideranças pra construir uma agenda permanente. Já conversamos com alguns grupos, algumas Nações em reunião, pra que a gente possa ter uma reunião, uma pauta permanente, que a gente também possa fazer uma atividade próxima ao dia das crianças, envolvendo esses grupos mirins. E que no carnaval a gente possa ter, o nosso evento maior que é os Tambores Mirins.

D. Olha. É... Eu fiquei até surpreso na reunião. É as diversas falas né. Nós temos lideranças é... De Nações de Tambor, de maracatus mirins que são de Candomblés, nós temos outras que são é Pedagogas, né, professoras de Escola, que pelo incentivo à cultura negra, tá dando essa contribuição, né. E fazem este link, evidente. Eles passam o respeito, pela diversidade, seja ela qual for inclusive religiosa, mas não força, que é isso que eu acho que é o grande plus, dessa pedagogia, não força a que se tenha uma catequização com relação à religião do Candomblé, mas eles incentivam bastante o respeito, não somente do próprio Candomblé, que é uma religião que foi historicamente excluída, é discriminada, mas o respeito a toda uma diversidade religiosa, de todo esses contexto, étnico.

D. Certo. Veja só. A própria tarde dos Tambores Mirins, ele é uma reverência aos Ibeji ou os Erês. Que são as crianças, dentro deste panteão religioso. Então, a reverência que eles fazem é neste sentido, de pedir que essas crianças, com sua inocência, com sua bondade possa estar sempre repassando, para os demais, pras outras crianças. É a importância desse evento, mas... É... Diferente do que acontece, é... Há zero hora, que é um culto, aos eguns, aos

antepassa Olhe, quando entrei eu trabalhei na organização do carnaval, no segundo ano do Governo de João Paulo. Acho que ele surgiu a partir daí. Eu não sei a data exata. O ano exato. Mas eu sei que foi de início do Governo. E assim. Pra gente na verdade, era construir uma memória. Uma prática e incentivando isso com as crianças, né. Isso tava muito nítido. Como a gente tinha uma programação do Polo Afro com os Tambores Silenciosos, que era o nosso grande, o momento grandioso do carnaval, né. Que independente do próprio governo ela já existe. A proposta inicial vai muito nesse sentido. De construir mesmo essa prática, de juntar as crianças das organizações dos maracatus, alguma coisa muito nesse sentido, mas neste é mais uma conversa entre as crianças, uma liturgia praticamente que ela vai mais ao incentivo de ele fazer uma reverência. Ele diz pras crianças da importância de se respeitar mesmo e ter por memória o culto, diverso das tradições.

E. Ah, eu acho que essa pergunta, ela é perfeita. Até porque é assim... Este ato, ele traz uma releitura, de todo aprendizado de mundo que nós temos. Quando essas crianças começam a perceber outros horizontes que não daquele que a gente aprende de vida. Por que infelizmente, o nosso Estado, apesar de estar nas leis que é laico, a laicidade dele não acontece na prática. Então nós tínhamos os incentivadores desses grupos de maracatus mirins, fazendo um malabarismo, muito grande para passar uma mensagem, entre toda sociedade. E aí eles não só aprendem a tocar o tambor. A dançar o maracatu, mas já disse no início, a respeitar a diversidade. A diversidade religiosa, a diversidade sexual, isso já vem da idade que eles estão. Então, a visão de mundo que vão ter é outra, talvez como o próprio arco-íris. Cada um na sua cor, vivendo na sua grande harmonia. Então eu acho que esses e essas grandes líderes, desses maracatus mirins, precisam inclusive, ter um apoio maior, pra poder ficar garantido a manutenção desse aprendizado, que é uma lição que não se aprende muitas vezes na sala de aula, mas na comunidade, no terreiro que eles estão criando essa nova cidadania.

F. É... Como eu tava te dizendo, é fazê-los perceber que é possível conviver com a diferença. É... Criar um novo conceito de cidadania, onde o outro tem que ser respeitado. Olhe é... Com os Maracatus mirins, nas poucas reuniões que tivemos, eu inclusive fui um aprendiz. Eu confesso que, fiquei muito feliz e falei isto, externei pra todos eles. Do primeiro interesse que eles têm, de implantar pra essas crianças esses novos valores, conceitos de valores, não é? Que não estão ligados diretamente à religião. É... Eu fiquei é... Inclusive muito feliz, quando uma das lideranças, falou que tem pai das crianças da Escola, que a maioria dos Maracatus Mirins, eles são ligados à iniciativa de alguma Escola de bairro, da rede Municipal. Então uma das mães, não permite que o menino vá pro Maracatu, que é de Candomblé, de

macumba, é disso, mas permite que o filho possa fazer capoeira na Escola, possa aprender a tocar na Escola. E o que eu percebo é que elas não obrigam inclusive que essas crianças vão pro Maracatu, mas, começa a desmistificar a ideia desse diabo, dessa coisa mau, que existe na cabeça dos pais, que muitas vezes são de religião cristã, e que não consegue respeitar a outra religião, a outra cultura. E muito mais ainda, é que ele não faz desse ato, um ato que é apenas pra ser utilizado em agosto, é se referindo ao dia do Folclore. Mas não, é um resgate cultural, de um grupo, de uma etnia entendeu? Quer dizer, eu acho que é muito plena a atividade que é com essas crianças desenvolvidas.

APÊNDICE K

COLABORADOR 10: Pandora (19 de abril de 2012):

A. Olhe, quando entrei eu trabalhei na organização do carnaval, no segundo ano do Governo de João Paulo. Acho que ele surgiu a partir daí. Eu não sei a data exata. O ano exato. Mas eu sei que foi de início do Governo. E assim. Pra gente na verdade, era construir uma memória. Uma prática e incentivando isso com as crianças, né. Isso tava muito nítido. Como a gente tinha uma programação do Polo Afro com os Tambores Silenciosos, que era o nosso grande, o momento grandioso do carnaval, né. Que independente do próprio governo ela já existe. A proposta inicial vai muito nesse sentido. De construir mesmo essa prática, de juntar as crianças das organizações dos maracatus, alguma coisa muito nesse sentido [...] E assim, a proposta era de fato construir essa memória, não pra gente, mas pras crianças, que depois a ideia que eles de fato estejam na Noite dos Tambores silenciosos [...] Certo. Dessa ação educativa, eu acho que da compreensão e da vivência do arcabouço. Por exemplo. A da matriz africana. As crianças estão lá. Eles tão cantando, tocando, eles estão ensaiando. Enquanto processo de aprendizagem eles estão fazendo. Então pensando a educação do fazer, eles estão fazendo que aí você termine lidando com a própria relação da religião de matriz africana. Que a gente só tá quando faz. Quando num faz, aí o negócio num vai, né? Então você aprende na medida em que tá fazendo. Eu acho que essa ampliação da compreensão desse universo africano, afro-brasileiro. As organizações os maracatus mirins, eles conseguem fazer. E aí eu acho que é interessante [...] Quando a gente... Tanto é que os grupos. Os maracatus que fazem parte... São... A gente conseguiu reunir, eu acho que dois grandes pilares. Um de fato, é... alguns maracatus que tivessem trabalho com criança. Mas não tinha só os maracatus. Tinha umas ONGS que trabalhasse com maracatu. E na perspectiva, e aí fazendo uns parênteses. O maracatu na perspectiva da música, que aí você inclui as ONGS. Por outro lado, a gente conseguiu trazer algumas lideranças religiosas que fizesse esse meio termo. Eu lembro que por muito tempo a Lúcia dos Prazeres, era uma das pessoas que tava na celebração. E assim, a proposta era de fato construir essa memória, não pra gente, mas pras crianças, que depois a ideia que eles de fato estejam na Noite dos Tambores silenciosos.

B. E a gente conseguia articular as outras necessidades. Por exemplo, as pombas da noite. Então, como era meio que uma réplica, a ideia de fazer réplica, fazendo esse link. Então as tochas, as pombas, tudo isso tava meio que num orçamento que se conseguia garantir. Eu acho que eram as únicas coisas mesmo que se tinha dinheiro antes. Num sei nunca como

funcionou isso, mas, assim. Ah! Todas as coisas que eram necessárias pra celebração tava lá. Mas, a articulação era muito em cima disso.

C. Olhe eu acho que. Primeiro pensando enquanto processo educativo. Desse aprender com o lúdico. Eu acho que a experiência dos T.M, ele traz enquanto processo mesmo educativo. Aonde as pessoas, apartir do prazer, apartir da dança, apartir... Mesmo quando não tá só dentro dos cortejos, mas, quem vai ver, termina meio que baixando a guarda. Que eu acho que esse é o nosso maior problema, em relação às religiões de matriz africana. Que quem não é, quem não se aproxima já vai com escudo muito grande. É... A relação é de preconceito, é muito grande. E ai eu acho que essa contribuição de fato dos T.M, traz... Fazendo com que as crianças e adultos que estão lá mesmo, muita gente vendo como um momento só do carnaval, né. A relação termina sendo o carnaval, e nem tanto a religião.

D. Olhe, eu particularmente não. Acho que amplia mais. Amplia o universo de, das relações entre as pessoas. Que quando a gente pega, por exemplo, o Daruê Malungo. Daruê Malungo é uma ONG que faz um trabalho de resgate, tal. E as pessoas que tá lá dentro, tem uma vivência da cultura afro-brasileira, e não necessariamente da religião. E ai, quando você consegue ampliar esse universo da religião, fazendo com que essa vivência, ela não seja como nos terreiros. Por que ai, se você pega os maracatus que na essência, né. Pra existir vai tá com o seu vínculo trincado na religião, nem todo mundo é. Já quando você vai pra história das crianças, ai você tem... Que a maioria não é de maracatu. Não são das religiões de matriz africana. Mas consegue ter uma vivência, uma compreensão melhor. Então, é, é eu diria que... Por isso que eu digo que amplia um pouco mais. Amplia no sentido da relação de respeito, na compreensão do próprio arcabouço, né. Do que compõe, com a história dos orixás. O que pode o que não pode. O que é tão diferente numa celebração, que eles fazem pra... As que acontecem, por exemplo, nas igrejas. De quem vai, que nem todos também vão. Assim, eu acho que o aspecto religioso, ele termina acontecendo num universo mais ampliado. Quer dizer, é como se todo mundo tá lá, meio que pra aprender. Alguns vão seguir outros não. Mas, tá todo mundo lá. Acho que isso é legal dentro dos T.M. Por que as crianças passam a não ter essa obrigação, né. De pensar aquilo como a religião propriamente dita. Mas, a compreensão de como é possível ter outras referências religiosas, né. Que se confunde muitas vezes com o próprio espetáculo. De tá lá cantando, dançando se apresentando. E o momento mesmo da celebração. Eu acho que o T.M ele consegue meio que fazer isso.

E.É... Eu acho que em relação à memória do grupo em si. Eu acho que primeiro fortalece [...] Eu acho que no sentido da memória, o que é mais legal mesmo é... Uma das coisas que eu acho assim... Esse brincar de fazer. Isso ajuda, é, no sentido das crianças terem como algo positivo. Encontrar, porque não é só o grupo, mas o grupo com outras pessoas. Um grupo pra além do seu território. Então, ampliando essa ideia de território. Eu acho que o encontro dos fazeres parecido. A criança que tá lá em Brasília Teimosa encontrando a criança lá de Chão de Estrela. E que mesmo com realidades que se encontrem e que se separem, tão fazendo coisas que são próximas e diferentes entre si. Que isso que é legal. Acho que no sentido da memória para o grupo em si, tem isso. Eu acho que a memória pra cidade. E ai ampliando mais o sentido de que eu estou fazendo, ou está sendo feito dentro desse território. E esse território tem uma ampliação maior [...] Eu acho que essa ideia que os Tambores Silenciosos conseguiram levar pra frente em relação... Ai eu vou ampliar dos T.M pra todas as outras pautas da programação lá do Pólo. O encontro de maracatu de bloco. O encontro de Afoxé termina consolidando. Porque eles por si só fazem... Pode ser que nem seja mais lá. Mas, é hoje não dá mais pra riscar e dizer que nunca teve. Porque conseguiu se consolidar dentro de um processo. Eu acho que isso é... São as expressões de cultura afro-brasileira, dentro de Recife já conseguiu. E ai, né...

APÊNDICE L

COLABORADOR 12: Carina (18 de abril de 2012):

A.[...] O objetivo era dar continuidade exatamente ao seu objeto de estudo. A memória daquele lugar e daquela manifestação cultural. Porque o que a gente entendia, é que a Noite dos Tambores Silenciosos, como uma expressão afro-brasileira, que carregada de memória e de significados pra essa população, naquele espaço, no Pátio do Terço, como organizado pelos nossos ancestrais, nós não organizamos os Tambores, né? Você deve ter conhecimento como surgiu. Mas, quando a gente assumiu a Coordenação daquele Polo, que na época ainda não existia o Núcleo Afro. O Núcleo Afro foi criado posteriormente, mas quando a gente assumiu, nós tínhamos como qualquer outra atividade do Núcleo, a tarefa de dar visibilidade e afirmar a identidade negra na cidade do Recife. Então, a Noite dos Tambores Silenciosos é o que tinha na época de mais significativo, dentro dessa cidade assim, mais significativa, com maior visibilidade. Então era preciso primeiro, dar ainda maior visibilidade, dar uma estrutura melhor pra ela. E evidentemente é, investir na continuidade. Então a ideia, com as crianças era essa. Primeiro de que existiam vários grupos de crianças que estavam fazendo maracatu na cidade. Ouvia os próprios maracatus, então as nações mirins dos maracatus. Ouvia as Escolas, alguns educadores que existiam na época, que tinha na sua Escola esse grupo. Que evidentemente tinha características diferentes. Porque eram grupos de percussão. E... Mas que trazia todo esse significado do maracatu nação. Então o que a gente queria era isso. Proporcionar, primeiro a continuidade da manifestação, e segundo o entendimento das crianças. Porque elas estavam fazendo aquela manifestação? O que aquilo significava e qual o significado pra constituição de normas da população negra na cidade?

B. Então, toda e qualquer atividade do Polo, nós nos reuníamos com as lideranças daquelas manifestações. Então, por exemplo. O Polo é ainda hoje, era como é ainda hoje. Então, era constituído pelos grupos que faziam os Tambores Silenciosos. Então, nós reuníamos aqueles grupos, e nós discutíamos com eles como seria a noite. O que ia acontecer, como era que ia entrar, enfim. Tudo construído coletivamente. O mesmo se deu com os afoxés. O mesmo se deu com os grupos afros, o mesmo se deu também com os grupos dos Tambores Mirins. Nós reuníamos todas as lideranças, é e construíamos com eles um modelo. Como a perspectiva era da continuidade, nós seguimos, meio que a cerimônia da noite. Claro que adaptada às crianças. Então, é evidente que não podia ser a meia noite. Ai a celebração acontecia às seis da tarde. Mas, tudo seguindo o modelo da, dos Tambores Silenciosos.

C. Eu não tenho condição de responder essa pergunta. Acho. Eu posso falar da minha impressão. Eu acho que esses grupos, eles tem uma relação de aproximação. Então, a diferença: Alguns grupos, eles pertencem aos maracatus. Maracatus Nação. Então nesses grupos, como maracatu nação, ele tem toda uma ligação religiosa. Ele nasce a partir dessa relação religiosa. Então, esses grupos, eles tem uma aproximação maior. As crianças tem uma aproximação maior. Porque uma grande parte dessas crianças, não são todas, evidente. Mas uma grande parte dessas crianças, elas também participam do terreiro ao qual o maracatu está ligado. Então, no caso do maracatu é Encanto da Alegria, que tem um terreiro que o fundamenta. O maracatu mirim Encanto da Alegria, a maioria das crianças participa também daquele terreiro. E o mesmo vai acontecer também com o Cambinda Estrela. Agora, os maracatus que são formados a partir de uma Escola, necessariamente ele não tem essa ligação. Claro que algumas crianças, muito provavelmente vão estar ligadas a um terreiro. Porque também na sua vizinhança tem essa relação. Consequentemente elas vão estar. Mas, não tem. Eu, na minha percepção pelo menos, não tem essa ligação mais direta. Eu acho.

D. Os pequeninhos? Em nome dos grupos o que eu posso falar, é que os maracatus grandes, todos eles afirmam que fazem. Então eu acredito que os pequenos também devem fazer. Porque em geral, a mesma liderança religiosa do grande é do pequeno. Então, eu acredito que faça. Com certeza. Os outros que são ligados à escola, é muito comum que a liderança, ou seja, a pessoa que tá ali organizando o maracatu, também tenha ligação. Então, mesmo que eles não façam, a pessoa responsável faz. E afora isso, nós também fazíamos, nós enquanto organizadores também fazíamos essa preparação. Pedindo a proteção para todos os grupos, nós os Coordenadores do Polo.

E. Eu acho a importância enorme. Por vários motivos. Primeiro porque acho que isso diz respeito a própria condição das crianças negras especialmente. Mas, negras e brancas, amarelas, de todas as cores na cidade do Recife ou no Brasil. Por uma questão simples. Nós não aprendemos nos dar bem com as nossas heranças africanas, né? Então. É... Desde muito pequenas aprende que ser negro é tudo que não presta. E consequentemente, tudo que vem da cultura negra, ou tudo que vem do negro, né? Não é nem da cultura negra, tudo que vem do negro, inclusive a sua cultura é coisa do demônio. Então, as crianças não querem ser negras. As crianças querem ser brancas. Elas querem se parecer com as pessoas brancas que fazem sucesso. Que a mídia diz que ser branco é ser bom. Porque tudo que elas têm ao redor, inclusive a Escola também vai dizer isso, através de suas mensagens. Então é... O fato de essas crianças terem contato com qualquer manifestação afro-brasileira vai também levá-las a

conhecer um pouco da história afro-brasileira. Por outra perspectiva, que não essa perspectiva do escravo que sofreu que apanhou, ser negro é muito mais do que isso. Então, quando essas crianças, elas se aproximam desse universo por outra perspectiva, pela perspectiva da luta, vai conhecendo seus heróis. Vai descobrindo que a cultura negra, a cultura afro-brasileira, não é este demônio que a gente aprendeu. Então elas vão começando a perder o medo. E esse processo, vai. Primeiro: É influenciar na constituição dela como pessoa. Então no seu processo de identificação, essa criança, vai começar a gostar de si. Vai influenciar extremamente na sua autoestima. Porque ela passa a gostar mais dela. Como ela é. A se reconhecer como criança negra. E ela vai também evidentemente construir essas memórias. As suas próprias memórias. Apartir da sua referência. Não dessas referências históricas que tem que são enviesadas, né? Que não dizem da, dessa resistência, dessa luta da população negra. Então acho fantástico. Tanto do ponto de vista da continuidade da manifestação, porque, é só apartir do envolvimento das crianças com essas manifestações, que a gente pode dar continuidade. Considerando ainda mais o aspecto da oralidade dessas manifestações. Mas, especialmente da constituição dessas crianças como pessoas, como sujeito, como sujeito negro, né? Então, eu acho é, é primordial.

F. Eu acho que é bem parecido, com tudo que eu já tinha falado. Com uma diferença. Que eu acho que essa é uma decisão das lideranças. Assim. Na medida em que os grupos, as pessoas, as lideranças decidem se encontrarem, elas já estão decidindo em função de tudo isso que eu já disse. Da importância de colaborar com a construção da memória, da identidade. E dá continuidade.

APÊNDICE M

COLABORADOR 13: Genival (21 de abril de 2012):

A.[...] A gente tem a certeza que vai ter um futuro há dez anos, vinte anos, eles vão continuar. Com certeza ou incerteza. Mas eles vão fazer da melhor. A geração passando pra geração. Eu to vindo de uma geração, que to passando pra essa geração [...].

B. Extraordinário. Quando eu vejo uma criança tocando tambor, tocando uma lata, batendo alguma coisa que seja benéfico. Que não perturbe a lei da vizinhança, ele tá construindo sua própria etnia, sua própria autenticidade. Eu vejo isso assim. Quando eu ensino e criei o Centro Cultural Daruê Malungo, foi com esse objetivo. Que daqui há 20, 30 anos alguém vá... Oh! Ele fazia assim, fazia assim [...].

APÊNDICE N

COLABORADOR: Almir (20 de abril de 2012):

A. Eu participei do começo dos T.M. A minha participação foi em 2002, com maracatu adulto e 2003 eu comecei com o mirim. Porque a turma fez os T.M, nós também participamos de 2003, pra cá. Eu to desde o início. Eu sou um dos que participa desde o início. Então o Cambinda Africano, sempre participa dos T.M. E pra mim é um orgulho, que vou continuar com os T.M. Se por um acaso eu vier a falecer meu filho assume. O objetivo era de criar para aqueles meninos, não se afastar das nações, que aqueles meninos, quando as crianças se empolgam e estão dentro Tambores Mirins, ai a gente tá criando o futuro da manhã do maracatu adulto. Na minha nação é assim. É um incentivo [...] Mas, geralmente a gente faz aquilo na intenção de tá... Pra no futuro ter maracatu e assim, que nem meu filho. Desde o começo que meu filho participa. Ai agora, ele já tá com 15 anos, a minha filha tá com 17. Sempre dentro do maracatu mirim. E é o futuro do amanhã do meu maracatu adulto.

B. De primeiro tinha essa reunião como eu to falando. Mas, agora não tem mais. A gente chega, eles pegam o maracatu já vem dentro do maracatu. Chega pra gente, porque a gente já sabe. Ai vem com o mesmo contexto, com a louvação dos Orixás, essa coisa toda.

C. Minha irmã diz que é Xangô. Que ela fez e há muito tempo e a gente vem predominando isso ai. Pronto. Até a cor do maracatu vem nesse sentido, Xangô.

D. Eu só faço ensaio mesmo. Maracatu mirim eu não faço. Eu ensaio normal, só isso mesmo. Num tem ritual de Orixá, dessas coisas não. Meu maracatu faz somente ensaio mesmo. Quem quiser participar do Cambinda Africano tem que participar dos ensaios. Se quiser alguma coisa de Orixá na parte, na outra área, minha irmã sempre faz esse trabalho.

E. É importante eles comecem logo, é justamente, é muito importante eles comecem sabendo alguma coisa. Principalmente com uma casa que tem terreiro. A criança sempre participando aos poucos pra depois, pra o futuro ele saber onde tá pisando. Como vai fazer. Que nem meu menino, que ele sempre... Ele é um menino muito curioso. Ele sempre procura saber daquilo. Ai pra mim é importante à criança chegar pra se aprimorar naquilo ali. É importante uma criança chegar e ele vai ser o futuro do amanhã.

F. A importância é muito grande, porque o mirim, os meninos que participam do maracatu mirim desde o começo, que vem logo desde o começo, vão aprendendo pra o futuro. Que sabe que aquilo ali ele tem que tá dentro e participar. E tem justamente o ciclo

religioso. Mas, para os meninos aquilo ali passa e releva. Nem todos eles chegam pelo menos levar aquilo ali a serio. Muitos vão mais pra brincar. Aquilo ali é uma brincadeira pra eles. Mas, é importante porque algum deles vai dali criando alguma memória melhor e eles chegam pra o futuro.

APÊNDICE O

COLABORADOR 14 – JOSHUA

A. Veja. Os T.M, eu não posso precisar o ano dos T.M, mas eu acho, eu acredito que foram 2003 ou 2004. Uma desses anos que começou. É, na verdade, porque, tinha a primeira questão pra criação dos T.M, era a presença de crianças nos maracatus nação. E também a existência de maracatus infantis de projetos sociais. E essas crianças dos projetos e das nações, tinham pouco espaço no carnaval pra apresentação. Então ela se mistura com o adulto, que pra gente é uma coisa boa, mas em termos de Tambores Silenciosos, fica cansativo pra uma criança tá ali à noite. Então a ideia, primeira nossa, era colocar as crianças das nações que tinham maracatu infantil. Então naquele momento, acho que Porto Rico, o Encanto da alegria. Acho que é... É. Vuginhos é de Leão da Campina, né? As crianças de Leão da Campina. São mais ou menos esses. Acho que tem outros também. E junto com isso as crianças dos... Onde tinham os maracatus de projetos sociais. Que não é maracatu nação. Então a Noite dos T.M, era uma coisa para essa brincadeira que as crianças fazem com o maracatu. E é uma ideia de aprendizado, de reconhecer e fazer uma coisa própria pra criança, a ideia era essa. Então, é... E aí a gente fez. Juntando todo o pessoal que trabalhava com as crianças dos maracatus nação e todo o pessoal que trabalhava nas ONGS e nas Escolas que tinha maracatu infantil. Então tinha um destaque muito grande para o Nação Erê, para o Maracatu Nação Novo Pina, para o Maracatu Nação Estrelar do Daruê Malungo. São Projetos que tem uma ação voltada pra criança, e vai fazer a atividade de maracatu pra criança. Portanto, eles não vão fazer as obrigações religiosas, né. Eles vão fazer uma coisa mais educativa. E a gente precisava cumprir uma tarefa de fortalecer essa ação educativa com... Que tanto os maracatus nação faziam como os das Escolas faziam. Fazem né? Pronto, foi assim que surgiu. No primeiro momento, com a preocupação de fazer um trabalho educativo, nós ficamos pensando como era que a gente ia trabalhar essa questão da religiosidade. Por que essa é uma questão muito importante. Porque o maracatu, a essência do maracatu é o aspecto da religião. Então, por conta disso, a gente precisava, e a própria Noite dos Tambores Silenciosos é uma celebração religiosa, não é uma atividade artística. Embora a atividade religiosa nas culturas de matriz africana, tenha uma coisa meio, muito cênica, que todo mundo acha que é, tá tudo no artístico, num tá. Então, o que acontece, a gente precisou conversar com várias pessoas ligadas a religião, que eram educadores sociais. Por isso que eu falei de Lúcia dos Prazeres. Por que Lúcia é peça chave pra pensar a forma de trabalhar a Noite dos

Tambores Mirins. Por que Lúcia com o Centro Maria da Conceição, elas fizeram um dos primeiros trabalhos, mais estruturados aqui com educação social. Apartir da cultura. Com criança, pensando a cultura afro-brasileira. Então, o Centro Maria da Conceição e Lúcia. Então nós convidamos Lúcia pra conversar. E invés de eu ficar diretamente, que eu tinha muitas outras tarefas pra coordenação. Cal que trabalhava comigo e Piedade que era e são educadoras, elas se dedicaram mais a isso, entendeu? Ah, tá à frente, coordenar, conversar com cada uma das educadoras, que coordenam os maracatus infantis. E assim foi realizando reuniões, muitas conversas, até chegar a um primeiro formato, né? Da noite, em vez de... A gente pensava, a do adulto é meia noite. A das crianças são 18 horas. Então tem essa coisa da hora grande, tal. Então eles pensaram num formato de forma que as crianças se sentissem contempladas, né. E o trabalho educativo fosse valorizado.

B. Na verdade a gente orienta a coordenação. Por que a gente tem aqui outra tarefa. A gente orienta a coordenação a realizar reunião com as lideranças de cada um dos grupos juntamente com a pessoa que vai assumir a celebração propriamente das 18 horas. Então na verdade deve acontecer uma, acontece uma reunião...

ELIENE – O Núcleo é ligado a Secretaria de Cultura?

JOSHUA – O Núcleo é ligado. É. Exatamente. A gente orienta pra que o Núcleo faça continuidade. Realiza a reunião, discute com eles o formato, tal, o horário, chegada, tal, dispersão. O básico.

C. Eles têm uma relação de admiração, de cuidado. Agora, aos que são mais de trabalho de cunho educativo, num tem relação às pessoas. Mas, é... Não relação às pessoas. Agora, até onde eu sei a relação é das pessoas e não da instituição maracatu, entendeu? Por que, por exemplo. A boneca que as meninas carregam não é propriamente uma calunga. Pras meninas, é uma imitação disso ai. Não é uma calunga. Porque a calunga, ela tem outro fundamento. Ela tem toda uma fundamentação religiosa. No maracatu infantil, não. O maracatu infantil são as crianças. É uma coisa pra criança. E ela sabe que tá carregando alguma, uma boneca. É importante no maracatu, porque ela ta fazendo, toda uma coisa de aprendizado. E eu acho que a Noite dos Tambores Mirins, ela serviu pra isso. Pras crianças entenderem melhor o significado. Mas, ela não é uma instituição religiosa. E o que a gente preserva, for fazer, sobretudo, foi à solta de fogos das 18 horas. Isso é importante pras crianças. Agora não é uma agremiação religiosa. Tem uma diversidade grande. Agora é claro que as crianças do Cambinda Estrela do Amanhã, as crianças do Nação Vuginhos, entendeu.

Dos maracatus adultos, ai, os adultos que vão levar as crianças se preparam. E tem crianças que são também preparadas, pro trabalho. Mas, ai é uma coisa que eles, os maracatus é que saberiam dizer direitinho.

D. Não. Isso ai eu não sei dizer não. Eu acho que só eles poderiam dizer essa... É, porque eu não sei. Eu sei que alguns se preparam, mas, como grupo não. Que eu saiba não. Até onde eu sei como grupo não.

E. Não. Ah, como o maracatu se organiza lá, cada um de um jeito. Eu não tenho propriedade pra falar. Tenho não. E é uma coisa que cada um trabalha de um jeito. Muito específico de cada grupo. Às vezes um grupo de Escola, tá preocupado com uma coisa mais de balé. Entendeu? O grupo da comunidade de maracatu tá preocupado com a continuidade, com a continuidade. São preocupações diferentes, né. Eles se encontram nesse momento

F. Como eu disse antes. Os Tambores Mirins, eu acho que ele cumpriu bem o seu objetivo. No sentido de fazer primeiro o trabalho educativo. Das pessoas entenderem a importância de crianças e adolescentes entenderem a importância da Noite dos Tambores. Da importância do lugar. Da Noite dos Tambores. Do Pátio do terço, como espaço de referência da história dos negros no Recife. Então, esse objetivo a gente cumpriu bem. Com a existência dos Tambores Mirins. Por que faz outra reflexão, né. Sai da lógica da noite. Uma coisa mais consolidada. Mas, a construção de identidade negra e religiosa, ela só se dá o tempo todo na vida das pessoas. E para algumas pessoas, isso vai ficar guardadinho. E vai ter um momento que vai explodir como qualquer forma de consciência. Pra outros não. Pra outros é uma coisa que vai construindo na vida. Quando a gente tá trabalhando isso com criança, isso vai se dando naturalmente, na vida. Não é uma nova descoberta. Então. Pra gente fazer os T.M, é ajudar as crianças a não descobrirem sua identidade racial, étnica e religiosa, em termos de matriz africana, e do respeito com a história da cultura negra, pra não precisar descobrir mais tarde. Que ela possa fazer parte da sua vida. Seja uma coisa que tá no seu cotidiano, como uma coisa natural. E não uma novidade, né. Como pra muitos. Porque a identidade negra, numa lógica eurocêntrica, como é no Brasil, ela vai tá sempre, sendo o tempo todo negado, né. Então, essa ideia de miscigenação, tudo isso vai negando as identidades. Vai negando as singularidades. Quando a gente tá trabalhando os T.M, a gente tá reafirmando essa singularidade negra, né. Esse jeito de fazer a cultura e da história. Da população negra. A criança, ela nos T.M, a gente propicia que ela esteja vivendo isso no seu contexto, e

entendendo, que num tá apenas lá na sua escola, lá na sua comunidade, na sua ONG, entendeu? Ela está na cidade inteira. Então quando uma criança vai pra ONG, na noite dos T.M, que ela sai do Pina, né. Que ela faz ali na sua comunidade, tá duas vezes ensaiando no maracatu, o ano inteiro. E ela vai pra noite dos tambores e encontra outro grupo lá de Olinda, aquilo pra criança é fantástico, né. Ela num tá solto, sozinha no mundo, né. Então, ela tá talvez, até mesmo pra entender essa coisa da diáspora negra, lá na frente, vai ser mais fácil.

G. É isso mesmo, né? (rsrs). Por que. Por que a história da população negra é contada através da vivência cultural, ela é fundamental, né. E o próprio lugar, Pátio do Terço, o lugar conta um pouco da história das tias, do lugar como lugar dos africanos livres, né. Então, a coisa do comércio. No início do Brasil, a presença negra. Então, viver nessa... Circular nesse lugar com a história dos Tambores Silenciosos, é a preservação da memória, né?